

P o l o n i c u s

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral
Ano VIII – 2/ 2017

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

**A revista conta com o apoio financeiro destinado
às comunidades polônicas no exterior pelo
Ministério das Relações Exteriores da Polônia**



**Czasopismo jest współfinansowane w ramach
funduszy polonijnych Ministerstwa Spraw
Zagranicznych RP**

Fundo editorial / Fundusz wydawniczy:

Pe. Jan SOBIERAJ, SChr – Curitiba-PR

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica

Polonesa no Brasil -

- Ano 8, n. 15 (jul/dez. 2017) – Curitiba :

v.; 23cm.

Semestral.

ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

Conselho Editorial:

Henryk SIEWIERSKI
Mariano KAWKA
Piotr KILANOWSKI
Renata SIUDA-AMBROZIAK
Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Conselho Consultivo:

Aleksandra SLIWOWSKA- BARTSCH – *Universidade Candido Mendes – Rio de Janeiro*
Barbara HLIBOWICKA-WĘGLARZ – *Universidade Maria Curie-Skłodowska – Lublin (UMCS)*
Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – *In memoriam*
Cláudia R. KAWKA MARTINS – *Colégio Militar - Curitiba*
Edward WALEWANDER – *Universidade Católica de Lublin (KUL)*
Franciszek ZIEJKA – *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*
Jerzy MAZUREK - *Universidade de Varsóvia (UW)*
José Lucio GLOMB – *Ordem dos Advogados do Brasil-PR*
Marcelo PAIVA de SOUZA – *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*
Marcin KULA – *Universidade de Varsóvia (UW)*
Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS – *Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)*
Regina PRZYBYCIEN - *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*
Tadeusz PALECZNY - *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*
Thaís Janaina WENCZENOVICZ - *Universidade Estadual do RS (UERS)*
Tito ZEGLIN – *Vereador da Câmara Municipal de Curitiba*
Tomasz LYCHOWSKI – *Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa – Rio de Janeiro*
Waldemiro GREMSKI – *Pontificia Universidade Católica - PR*
Walter Carlos COSTA – *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*
Wojciech NECEL SChr – *Universidade de Card. S. Wyszyński de Varsóvia (UKSW)*

Endereço da Redação:

Av. Pres. Franklin D. Roosevelt, 920 ~ 90230 – 002
Porto Alegre-RS. Brasil
tel (51) 3024-6504 ou (51) 99407-4242
E-Mail: revista@polonicus.com.br
www.polonicus.com.br

Coordenação editorial e editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Revisão do texto e tradução do polonês

Mariano Kawka

Resumo em polonês

Mariano Kawka, Zdzisław Malczewski SChr

Projeto da capa

Dulce Osinski
Claudio Boczan

Impressão

Odisséia Gráfica e Editora
Fone: 51 3303-5558
www.graficaodisseia.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não,
não serão devolvidos.
Os artigos assinados são de inteira responsabilidade
de seus autores.

ISSN – 2177 – 4730

SUMÁRIO

EDITORIAL	09
<i>Wstęp</i>	13

POLÔNIA

Polska

DISCURSO DO PRESIDENTE DONALD J. TRUMP JUNTO AO MONUMENTO DO LEVANTE DE VARSÓVIA, NA PRAÇA KRASIŃSKI, EM VARSÓVIA, NO DIA 6 DE JULHO DE 2017	17
<i>Przemówienie prezydenta Donalda J. Trumpa przy pomniku Powstania Warszawskiego w Warszawie 6 lipca 2017</i>	

Renata SIUDA-AMBROZIAK e Izabel LIVISKI

LEVANTE DE VARSÓVIA	34
<i>Powstanie Warszawskie</i>	

Mariano KAWKA

LÍNGUA, CULTURA, CIVILIZAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL POLONESA	45
<i>Język, kultura, cywilizacja i zachowanie polskiej tożsamości narodowej</i>	

Aleksandra PAJEK

ECOS DA OBRA LITERÁRIA DE WŁADYSŁAW STANISŁAW REYMONT NO BRASIL	61
<i>Echa twórczości literackiej Władysława Stanisława Reymonta w Brazylii</i>	

Stanisław ADAMCZAK
**COOPERAÇÃO CIENTÍFICO-DIDÁTICA
ENTRE A POLITÉCNICA DE KIELCE
E UNIVERSIDADES BRASILEIRAS 79**
*Współpraca naukowo-dydaktyczna Politechniki
Kieleckiej z uniwersytetami brazylijskimi*

ARTIGOS

Artykuły

Jerzy MAZUREK
**A QUEDA DO IMPÉRIO HABSBURGO
E A CRIAÇÃO DE NOVOS PAÍSES 88**
*Upadek imperium habsburskiego
i powstanie nowych państw*

Adriano MALIKOSKI
**RELIGIOSIDADE, CIVISMO E ESCOLARIZAÇÃO:
MOTIVOS DE CELEBRAÇÕES E FESTIVIDADES
DE COMUNIDADES POLONESAS
NO RIO GRANDE DO SUL107**
*Religijność, uczciwość i wykształcenie: powody obchodów
i uroczystości wspólnot polskich w Rio Grande do Sul*

Schirlei Mari Freder
**OS POLONESES E A ORGANIZAÇÃO
DE CIDADES BRASILEIRAS132**
Polacy i organizacja brazylijskich miast

Iraci José Marin
HISTÓRIA DA LITERATURA POLONESA136
Historia literatury polskiej

Biagio D'ANGELO
AS FORMAS SIMPLES DO TEATRO
DE WITOLD GOMBROWICZ:
IWONA, KSIĘŻNICZKA BURGUNDA.....144
Proste formy teatru Witolda Gombrowicza:
Iwona, księżniczka Burgunda

RESENHAS

Przegląd literacki

Piotr KILANOWSKI
INFORME DA CIDADE LETRADA
(JUNHO 2016 – OUTUBRO 2017)156
Raport z literackiego miasta

CRÔNICAS

Wydarzenia

PRÊMIO LITERÁRIO PARA POLONESES
NO BRASIL172
Nagroda literacka dla Polaków w Brazylii

O PRÊMIO "TESTEMUNHA DA HISTÓRIA"199
Nagroda „Świadek Historii”

ERRATA202



EDITORIAL

Estamos entregando aos prezados leitores mais um número do nosso periódico, com a esperança de que a diversidade dos artigos publicados desperte o seu interesse pela ampla problemática relacionada com a Polônia e a coletividade polônica brasileira.

Abaixo pretendo apresentar o conteúdo – rico, disso estou profundamente convencido – desta edição n. 15 da nossa revista.

Na seção intitulada *POLÔNIA*, publicamos cinco textos variados. Iniciamos essa seção com a publicação do discurso do presidente dos Estados Unidos Donald J. Trump, que durante a sua primeira visita à Europa Central visitou a Polônia e no dia 6 de julho de 2017, diante do monumento em honra dos heróis do Levante de Varsóvia, pronunciou o seu discurso. As palavras do dirigente da potência mundial que são os Estados Unidos despertaram nos poloneses uma grande impressão e ao mesmo tempo a gratidão diante do presidente Trump. Ninguém dos líderes mundiais, na história mais recente da Polônia, pronunciou um discurso tão imponente, no qual são fortemente enaltecidos os valores da Nação Polonesa. Visto que no discurso do presidente Trump há várias referências ao Levante de Varsóvia em agosto de 1944, decidimos também publicar os textos de duas autoras que fielmente colaboram com a nossa publicação. Renata Siuda-Ambroziak apresenta no seu texto a realidade da Segunda Guerra Mundial, provocada pela Alemanha nazista. A autora se concentra no Levante de Varsóvia, mas não deixa de mencionar o Holocausto.

Izabel Liviski escreve sobre o Museu do Levante de Varsóvia, ilustrando o seu texto com algumas fotos. O artigo seguinte, digno de ser recomendado para ao leitor, é o texto de Mariano Kawka, que de forma sistemática nos apresenta a questão da língua, da cultura, da civilização e da preservação da identidade nacional polonesa. Importa enfatizar que atualmente, na Polônia, é dada uma grande ênfase à questão da preservação da identidade nacional. No ano corrente comemora-se o aniversário dos 150 anos de nascimento de Władysław Stanisław Reymont, que em 1924 foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura pela sua eminente obra que retrata o etos nacional polonês e se intitula *Os camponeses*. Em seu artigo, Aleksandra Pajek escreve sobre as publicações relacionadas com a atividade literária de Władysław Reymont que têm aparecido no Brasil. Nos últimos anos estamos observando a intensificação dos variados contatos entre a Polônia e o Brasil. Tem aumentado o interesse dos intelectuais, dos professores da Polônia com o objetivo de estabelecer vínculos mais próximos com a ciência e as universidades brasileiras. Stanisław Adamczyk escreve sobre os contatos estabelecidos entre a Politécnica de Kielce e algumas universidades no Sul do Brasil.

Na segunda seção, *ARTIGOS*, propomos aos leitores uma leitura de temática variada. Em seu artigo, o Prof. Jerzy Marurek esboça diante do leitor brasileiro e polonês a realidade da queda da casa de Habsburgo. Esse acontecimento histórico contribuiu para o surgimento de novos estados no continente europeu. Com a publicação dos artigos do Prof. Mazurek queremos preparar os nossos leitores para o próximo

aniversário dos 100 anos da reconquista da independência da Polônia, a ser comemorado no próximo ano. O autor seguinte, Adriano Malikoski, aborda em seu texto questões relacionadas com a riqueza cultural que encontramos no seio da comunidade polônica rio-grandense-do-sul e que se transformam em motivo para a organização de festas religiosas e diversas comemorações cívicas. Schirlei Mari Freder aborda a questão da influência dos imigrantes poloneses e seus descendentes na organização das cidades brasileiras. O autor seguinte, Iraci José Marin, escreve sobre a história da literatura polonesa. Na elaboração do seu texto, ele se apoiou em grande medida na obra de Henryk Siewierski, um dos mais influentes divulgadores da literatura polonesa no Brasil. Encerramos essa seção com o artigo de Biaggio d'Angelo a respeito das formas simples do teatro de Witold Gombrowicz. Embora Gombrowicz seja mais conhecido na Argentina, onde passou uma parte da sua vida, esperamos que graças a esse texto os leitores conheçam um pouco melhor esse romancista e teatrólogo polonês.

A terceira seção, *RESENHAS*, apresenta um conteúdo um pouco diferente daquele dos números anteriores da nossa revista. Em vez de apresentar um único livro, decidimos publicar o fruto da laboriosa pesquisa do Prof. Piotr Kilanowski, que se dedicou a fazer uma revisão das publicações em papel e eletrônicas para abordar os textos relacionados com a literatura polonesa, bem como para fornecer-nos os endereços eletrônicos.

Na última seção, *CRÔNICAS*, publicamos duas reportagens. Três poloneses residentes no Brasil foram

honrados com o prêmio literário da União dos Escritores Poloneses no Exterior. Dessa solenidade e dos laureados trata o artigo que publicamos. No segundo texto há informação sobre o prêmio “Testemunha da História” outorgado pelo Instituto da Memória Nacional (IPN) da República da Polônia ao reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, Pe. Dr. Zdzisław Malczewski, SChr.

No final publicamos uma *ERRATA* do número anterior da revista, na qual houve certos erros tipográficos. A nossa revista não é elaborada por profissionais, mas é uma obra de amadores. Daí porque podem ocorrer descuidos da nossa parte, pelo que pedimos desculpas.

O periódico se encontra em suas mãos, prezado leitor! Faço votos de que lhe proporcione muita satisfação intelectual e um conhecimento melhor de diversos aspectos do ontem e do hoje polonês e polônico.

Cordialmente, desejo uma boa leitura.

Zdzislaw Malczewski SChr – redator

W S T Ę P

Przekazujemy Ci Drogi Czytelniku kolejny numer naszego periodyku mając nadzieję, że różnorodność publikowanych tekstów rozbudzi Twoje zainteresowanie – szeroko rozumianą – problematyką związaną z Polską i brazylijskiej społeczności polonijnej.

Poniżej pragnę zaprezentować – bogatą, jestem głęboko o tym przekonany - treść kolejnego, 15 już, numeru naszego czasopisma.

W dziale zatytułowanym „POLSKA” zamieszczamy pięć różnorodnych tekstów. Rozpoczynamy ten dział od publikacji przemówienia prezydenta Stanów Zjednoczonych Donalda J. Trumpa, który podczas pierwszej wizyty w Europie Centralnej, odwiedził Polskę i 6 lipca 2017 r. przed pomnikiem ku czci bohaterów Powstania Warszawskiego wygłosił przemówienie. Słowa przywódcy mocarstwa światowego, jakim są Stany Zjednoczone, wywarły na Polakach bardzo duże wrażenie i zarazem wdzięczność wobec prezydenta Trumpa. Nikt z przywódców światowych w najnowszej historii Polski nie wygłosił tak podniosłego przemówienia, w którym bardzo mocno podkreślił wartości Narodu Polskiego. Ponieważ w przemówieniu prezydenta Trumpa jest wiele odniesień do Powstania Warszawskiego w sierpniu 1944 r., dlatego też postanowiliśmy zamieścić teksty dwóch autorek, wiernie współpracujących z naszym czasopismem. Renata Siuda-Ambroziak przybliżyła w swoim tekście realia drugiej wojny światowej wywołanej przez hitlerowskie Niemcy. Autorka koncentruje się na Powstaniu Warszawskim i nie

zapomina, aby nie wspomnieć o Holokauście. Izabel Liviski pisze o Muzeum Powstania Warszawskiego i udostępnia kilka zdjęć zamieszczonych w tekście. Kolejnym artykułem godnym polecenia Czytelnikowi, aby się nad nim skoncentrował to tekst Mariana Kawki, który w sposób systematyczny przybliży nam kwestię języka, kultury, cywilizacji i zachowania polskiej tożsamości narodowej. Należy podkreślić to, że aktualnie w Polsce kładzie się duży nacisk na kwestię zachowania tożsamości narodowej. W obecnym roku 2017 przypada 150 rocznica urodzin Władysława Stanisława Reymonta. W 1924 r. otrzymał literacką Nagrodę Nobla za wybitne dzieło, etos narodowy, powieść noszącą tytuł „Chłopi”. Aleksandra Pajek w artykule pisze o publikacjach związanych z działalnością literacką Władysława Reymonta, a jakie ukazały się w Brazylii. W ostatnich latach obserwujemy wzrost różnorodnych kontaktów pomiędzy Polską i Brazylią. Zintensyfikowały się bardziej zainteresowania intelektualistów, wykładowców z Polski w celu nawiązania bliższych więzi z uczonymi i uczelniami w Brazylii. Stanisław Adamczyk pisze o nawiązanych kontaktach pomiędzy Politechniką Kielecką, a niektórymi uczelniami na południu Brazylii.

W drugim dziale „ARTYKUŁY” proponujemy Czytelnikowi lekturę artykułów o różnorodnej tematyce. Jerzy Mazurek w swoim tekście zarysowuje przed brazylijskim i polonijnym Czytelnikiem rzeczywistość upadku Imperium Habsburgów. To wydarzenie historyczne przyczyniło się do powstania nowych państw na kontynencie europejskim. Publikacjami artykułów Jerzego Mazurka pragniemy przygotować naszych Czytelników do zbliżającej się

przyszłorocznej 100 rocznicy uzyskania Niepodległości Polski. Kolejny autor, Adriano Malikoski porusza w swoim tekście kwestie związane z kulturowym bogactwem, jakie spotykamy wśród Polonii riograndeńskiej, a które stają się powodem do organizowania świąt religijnych, jak też różnych festynów. Schirlei Mari Freder podjęła się omówienia wpływu polskich emigrantów i ich potomków na organizację brazylijskich miast. Kolejny autor, Iraci José Marin pisze na temat historii literatury polskiej. W przygotowaniu swojego tekstu oparł się w dużej mierze na dziele Henryka Siewierskiego, jednego z bardziej wpływowych, współczesnych piewców polskiej literatury na terenie Brazylii. Zamykamy ten dział artykułem Biagio D' Angelo na temat prostych form teatru Witolda Gombrowicza. Chociaż Gombrowicz jest bardziej znany w Argentynie, gdzie spędził część swojego życia to, jednak mamy nadzieję, że dzięki temu tekstowi nasi Czytelnicy poznają trochę więcej człowieka polskiego pióra.

Trzeci dział „PRZEGLĄD LITERACKI” jest trochę inny w treść od poprzednich numerów naszego periodyku. Zamiast zaprezentować jedną książkę postanowiliśmy opublikować owoc pracowitej kwerendy Piotra Kilanowskiego, który zajął się przeglądem publikacji papierowych i elektronicznych, aby omówić teksty odnoszące się do polskiej literatury, jak też udostępnić nam adresy elektroniczne.

W ostatnim dziale „WYDARZENIA” zamieszczamy dwa reportaże. Trzej Polacy mieszkający w Brazylii zostali uhonorowani nagrodą literacką Związku Pisarzy Polskich na Obczyźnie. O tej uroczystości i laureatach traktuje wspomniany reportaż.

W drugim tekście znajduje się informacja o nagrodzie „Świadek Historii” przyznanej przez Instytut Pamięci Narodowej (IPN) RP rektorowi Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii ks. dr Zdzisławowi Malczewskiemu SChr.

Pod koniec zamieszczamy Erratę do poprzedniego numeru pisma, gdzie pojawiły się pewne braki drukarskie. Pismo nie jest przygotowywane przez profesjonalistę, ale jest dziełem amatorskim. Stąd też mogą występować niedopatrzona z naszej strony za co chcemy przeprosić.

Periodyk jest w Twoich rękach Drogi Czytelniku! Życzę, aby przyniósł Ci wiele satysfakcji intelektualnej oraz lepszego poznania różnorodnych realiów polskiego wczoraj i dziś.

Przyjemnej lektury z serca życzę -

Zdzisław Malczewski, SChr - redaktor

**DISCURSO DO PRESIDENTE DONALD J.
TRUMP JUNTO AO MONUMENTO DO
LEVANTE DE VARSÓVIA,
NA PRAÇA KRASIŃSKI,
EM VARSÓVIA,
NO DIA 6 DE JULHO DE 2017**

Obrigado. Os Estados Unidos têm muitos excelentes diplomatas, mas realmente não há uma embaixadora melhor do nosso país do que a nossa maravilhosa Primeira Dama Melania.

Vimos para um encontro com a nação polonesa com uma mensagem muito importante: **A América adora a Polônia, a América ama os poloneses.** Além de os poloneses terem feito muito por essa região, os americanos de origem polonesa enriqueceram muito os Estados Unidos, e sinto-me realmente orgulhoso por me terem apoiado nas eleições de 2016.

É uma enorme honra encontrar-me neste lugar – junto ao monumento do Levante de Varsóvia – e dirigir-me à nação polonesa estando numa Polônia com que sonharam muitas gerações: segura, forte e livre.

O Presidente Duda e a encantadora Primeira Dama polonesa Agata receberam-nos com extraordinária amabilidade e cordialidade, que fazem a Polónia famosa no mundo inteiro. Agradeço a ambos, e também, de

Polônia

forma especialmente calorosa, à Senhora Primeiro-Ministro Beata Szydło.

Alegramo-nos igualmente porque se encontra hoje conosco o ex-presidente Lech Wałęsa – conhecido líder do Solidariedade. Em nome de todos os americanos, gostaria também de agradecer a toda a nação polonesa pela hospitalidade demonstrada aos nossos soldados em Seu país.

Esses soldados não são apenas valorosos defensores da liberdade – são também o símbolo do envolvimento da América para assegurar à Polônia a segurança e um lugar numa Europa forte e democrática. Estamos orgulhosos por se encontrarem aqui conosco soldados americanos, poloneses, britânicos e romenos.

Acabamos de participar justamente, com o presidente Duda, do extremamente bem-sucedido encontro com os chefes dos países dos Três Mares. Quero dizer aos habitantes desta maravilhosa região: a América se empenha por ampliar a colaboração com Vocês.

De bom grado vamos aprofundar a parceria e o intercâmbio comercial com as Suas economias em desenvolvimento. Fazemos questão de que Vocês tenham acesso a fontes alternativas de energia, para que a Polônia e os seus vizinhos nunca mais se tornem reféns de um único fornecedor de energia.

Senhor Presidente, eu O parablenizo, bem como a Senhora Presidente da Croácia, pela presidência na estrutura da histórica iniciativa dos Três Mares.

Polônia

Esta é a minha primeira visita à Europa Central no papel de presidente – e estou encantado porque ela se realiza justamente aqui, neste maravilhoso país. A Polônia se encontra no centro geográfico da Europa e, o que é mais importante: na nação polonesa percebe-se a alma da Europa. A Sua nação é grande, porque Vocês são fortes pelo seu maravilhoso espírito.

Por dois séculos a Polônia tem sido vítima de constantes e brutais ataques. Mas, apesar de as suas terras terem sido invadidas e ocupadas, e apesar de o Estado polonês ter até desaparecido do mapa, jamais foi possível apagar a Polônia da História ou dos corações de Vocês. Nesses tempos sombrios Vocês não tiveram na realidade o Seu país, mas nunca perderam o Seu orgulho.

Por isso digo hoje com autêntica admiração: dos campos e das aldeias até as maravilhosas catedrais e as praças urbanas a Polônia vive, a Polônia se desenvolve, a Polônia vence. Apesar de todas as ações que tinham por objetivo mudar ou destruir o país de Vocês, apesar da opressão, Vocês perseveraram e venceram.

Vocês são a orgulhosa nação de Copérnico, Chopin e S. João Paulo II. A Polônia é um país de heróis. Vocês são um povo que realmente sabe o que defende.

O triunfo do espírito polonês no decorrer dos séculos, que proporcionaram dolorosas experiências ao país, dá a nós todos a esperança para o futuro, no qual o bem vence o mal, e a paz sai vitoriosa diante da guerra.

Polônia

Para os americanos a Polônia sempre tem sido um símbolo de esperança – desde o alvorecer da história da nossa nação. Heróis poloneses e patriotas americanos lutaram ombro a ombro durante a nossa guerra pela independência e em muitas guerras posteriores. Os nossos soldados continuam hoje a servir no Afeganistão e no Iraque, combatendo os inimigos de toda civilização.

A América nunca renunciou à liberdade e à independência como direito e destino da nação polonesa – e nunca renunciaremos. **Os nossos dois países estão unidos por um vínculo especial, na base do qual se encontra a história excepcional e o caráter da nação.** Esse tipo de comunidade ocorre somente entre pessoas que lutaram, derramaram o seu sangue e morreram pela liberdade.

Símbolos dessa amizade podem ser encontrados na capital da América. A apenas alguns passos da Casa Branca, erguemos monumentos que rememoram figuras de sobrenomes como Pułaski e Kościuszko. O mesmo acontece em Varsóvia, onde placas com os nomes das ruas lembram George Washington e onde se encontra o monumento de uma dos maiores heróis do mundo, Ronald Reagan.

Encontro-me então hoje aqui não apenas para visitar um velho aliado, mas para apontá-lo como um exemplo aos outros, que se empenham pela liberdade e que desejam encontrar a coragem e a vontade para a defesa da nossa civilização. A história da Polônia é a história de uma

Polônia

nação que nunca perdeu a esperança, nunca se deixou quebrantar e nunca se esqueceu de quem é.

Vocês são uma nação de mais de mil anos de história. As fronteiras do Seu Estado foram eliminadas dos mapas por mais de um século – e somente há cem anos essas fronteiras Lhes foram restituídas.

Em 1920, na batalha chamada Milagre do Vístula, a Polônia deteve o exército soviético que buscava conquistar a Europa.

Dezenove anos depois, em 1939, Vocês novamente foram atacados – dessa vez do oeste, pela Alemanha nazista, e do leste pela União Soviética. Sob uma dúplice ocupação, a nação polonesa vivenciou uma indescritível geena: o crime de Katyń, o Holocausto, o Gueto de Varsóvia e o Levante do Gueto, a destruição da bela capital e o extermínio de quase um quinto da sua população.

A florescente coletividade judaica – a mais numerosa na Europa – foi reduzida quase a zero em consequência dos sistemáticos assassinatos dos cidadãos judeus da Polônia, e a brutal ocupação consumiu inúmeras vítimas.

No verão de 1944 os exércitos nazista e soviético estavam se preparando para travar em Varsóvia uma luta terrível e sangrenta. Nesse inferno na terra que Lhes foi preparado, os poloneses assumiram a defesa da sua Pátria.

É para mim uma enorme honra ter a meu lado veteranos e heróis do Levante de Varsóvia. Homenageamos o devotamento de Vocês e juramos que sempre nos lembraremos da Sua luta pela Polônia e pela liberdade.

Este monumento nos lembra que na luta destruidora contra a opressão pereceram mais de 150 mil poloneses. Do outro lado do Vístula os exércitos soviéticos se detiveram – e ficaram esperando. Ficaram assistindo ao aniquilamento da cidade pelos nazistas, que cruelmente assassinavam homens, mulheres e crianças.

Queriam aniquilar para sempre esta nação, eliminando nela a vontade de sobreviver. Mas ninguém conseguiu destruir a vontade e a força que marcam o caráter dos poloneses.

O mártir polonês Dom Michał Kozal expressou isso muito bem com as palavras: “Mais que a derrota nas armas, apavora a decadência do espírito nas pessoas”.

Durante as quatro décadas do governo comunista, a Polônia e outras nações subjugadas da Europa opuseram-se à brutal campanha cujo objetivo era a destruição da liberdade, da Sua fé, dos Seus direitos, da Sua história, da Sua identidade – de tudo que constitui a essência da Sua cultura e humanidade.

Mas durante todo esse tempo Vocês nunca se renderam. Os opressores tentaram destruir Vocês, mas a Polônia eles não puderam destruir. E quando chegou o dia 2 de junho de 1979, quando na Praça da Vitória, na primeira

missa com um papa polonês, reuniu-se um milhão de poloneses – naquele dia todo comunista em Varsóvia deve ter-se dado conta do que o sistema opressor em breve seria desmantelado. Eles compreenderam isso claramente no momento em que, durante a sermão do Papa João Paulo II, um milhão de poloneses – homens, mulheres e crianças – ergueram a sua prece.

Eles não pediam riquezas. Não pediam privilégios. Com as palavras do seu cântico pronunciaram três simples palavra: “Nós queremos Deus”.

Com essas palavras a nação polonesa aludia à promessa de um futuro melhor. Os poloneses encontraram em si uma nova coragem para se opor aos perseguidores e encontraram palavras para anunciar que a Polônia novamente seria a Polônia.

Quando me encontro aqui hoje diante desta nação repleta de fé, continua a repercutir o eco daquelas palavras. Elas trazem uma mensagem, que hoje é tão verdadeira como outrora. A nação polonesa, a nação americana e as nações da Europa continuam a clamar: **NÓS QUEREMOS DEUS.**

Juntamente com o papa João Paulo II, os poloneses fortaleceram a sua identidade como uma nação consagrada a Deus. E por força dessa enfática declaração de quem são, Vocês compreenderam o que é preciso fazer. Unidos pela solidariedade, Vocês se opuseram à opressão, contra a ação ilegal da polícia secreta e contra um sistema cruel e infame que empobrecia as Suas cidades e as Suas almas.

Polônia

E Vocês saíram vitoriosos. A Polônia saiu vitoriosa. A Polônia será sempre vencedora!

Nessa vitória sobre o comunismo Vocês foram apoiados pela sólida aliança das nações livres do Ocidente, que se opunham à tirania. E atualmente, entre os mais devotados membros da OTAN, a Polônia voltou ao seu lugar como um país líder da Europa que é forte, indivisível e livre.

Uma Polônia forte é uma bênção para as nações da Europa, do que todos sabem. E uma Europa forte é uma bênção para o Ocidente e para o mundo inteiro.

Cem anos depois de as forças americanas se envolverem na Primeira Guerra Mundial, o vínculo transatlântico entre os Estados Unidos e a Europa é mais forte que nunca.

Sobre este continente já não paira o fantasma do comunismo. Mas hoje, no Ocidente, continuamos a deparar-nos com sérias ameaças para a nossa segurança e o nosso estilo de vida. E trata-se de ameaças reais. Nós vamos enfrentá-las. E com certeza sairemos vencedores. Estamos nos defrontando com uma outra ideologia opressiva – cujo objetivo é a exportação do terrorismo e do extremismo para o mundo inteiro. A América e a Europa são vítimas de seguidos ataques terroristas. Nós os deteremos.

Durante um histórico encontro na Arábia Saudita convoquei os dirigentes de mais de 50 países muçulmanos a fim de unirem as suas forças para a

erradicação dessa ameaça que paira sobre toda a humanidade.

Devemos cerrar fileiras em face de inimigos comuns, para privá-los de território, de financiamento, de redes de comunicação e de todas as formas de apoio ideológico.

E, embora sempre demos as boas-vindas a novos cidadãos que partilham os nossos valores e amam a nossa gente, as nossas fronteiras estarão sempre fechadas diante do terrorismo e do extremismo.

Estamos travando uma luta decidida contra o terrorismo islâmico. E nessa luta sairemos vencedores. **Não podemos aceitar aqueles que se utilizam do ódio para justificar a violência contra os inocentes.**

Agora o Ocidente se defronta outra vez com forças que têm por objetivo expor a uma prova a nossa vontade, abalar a nossa determinação e ameaçar os nossos interesses. Para nos opormos às novas formas de agressão, inclusive à propaganda, à criminalidade financeira e aos ataques cibernéticos, temos de aparelhar a nossa aliança para que possa concorrer eficazmente em novas dimensões e em novos campos de batalha.

Apelamos à Rússia para que cesse as suas ações destabilizadoras na Ucrânia e em outros lugares, e para que deixe de proporcionar apoio a regimes inimigos – inclusive à Síria e ao Irã – e, em contrapartida, junte-se à comunidade das nações responsáveis na nossa luta contra inimigos comuns e em defesa da civilização.

E finalmente, de ambos os lados do Atlântico, os nossos cidadãos defrontam-se com mais um perigo – do qual podemos perfeitamente dar conta. Essa ameaça é para alguns invisível, mas, para os poloneses, ela é conhecida. A contínua ampliação da burocracia governamental, que priva as pessoas da vontade de agir e da riqueza. O Ocidente não alcançou um grande sucesso graças à burocracia e à regulamentação, mas porque as pessoas tinham a possibilidade de buscar os seus sonhos e de realizar as suas aspirações.

Os americanos, os poloneses e as nações da Europa apreciam a liberdade individual e a soberania. Temos de trabalhar juntos para nos opormos às forças – independentemente de elas provirem de dentro ou de fora, do Sul ou do Leste – que com o tempo ameaçam enfraquecer esses valores e romper os laços da cultura, da fé e da tradição que definem a nossa identidade. Se a elas não nos opusermos – essas forças nos privarão da coragem, debilitarão o nosso espírito e enfraquecerão a nossa vontade, indispensável para a defesa de nós mesmos e das nossas sociedades.

Mas, da mesma forma que os nossos adversários e inimigos no passado ficaram sabendo disso na Polônia – sabemos que também essas forças estão condenadas à derrota.

Estão condenadas à derrota, não apenas porque a nossa aliança é forte, os nossos países são resistentes e o nosso poderio não tem igual – embora tudo isso seja verdade.

Polônia

Os nossos adversários estão condenados à derrota porque jamais nos esqueceremos de **QUEM SOMOS**. Se não nos esquecermos, ninguém nos vencerá. Não se esquecerão disso os americanos. Não se esquecerão as nações da Europa.

Somos a mais livre e maravilhosa comunidade de nações que o mundo já conheceu. Compomos uma sinfonia. Buscamos a inovação.

Prestamos homenagem aos nossos antigos heróis, cultivamos as nossas seculares tradições e costumes e sempre buscamos e descobrimos novas possibilidades.

Recompensamos de imediato os talentos, buscamos a perfeição e prezamos as inspiradoras obras de arte que prestam honra a Deus. Apreciamos a legalidade – e defendemos a liberdade de expressão.

Apoiamos as mulheres – as colunas da nossa sociedade e do nosso sucesso. E no centro da nossa vida colocamos a fé e a família; não a autoridade e a burocracia. Submetemos tudo ao debate e questionamos. Queremos conhecer tudo – para melhor conhecermos a nós mesmos.

E acima de tudo apreciamos a dignidade da vida de todo ser humano, defendemos os direitos de todo ser humano e partilhamos a esperança de uma vida na liberdade, que se encontra enraizada em toda alma humana.

Justamente assim somos nós. Tais são os inestimáveis laços que nos unem. Como nações, como aliados e como civilização.

O que possuímos, o que herdamos dos nossos antepassados, nunca existiu antes. Vocês sabem disso melhor que qualquer outra pessoa, porque se encontram aqui entre nós os heróis daqueles acontecimentos. E, se não formos capazes de defender isso – não teremos isso nunca mais. Portanto não podemos sair perdedores.

Essa grande sociedade internacional é unida por mais um elemento comum: é a **NAÇÃO**, não os poderosos deste mundo, que constituiu sempre o fundamento da nossa liberdade e a pedra angular da nossa força.

É a nação que constituiu e constitui as bases desses valores aqui na Polônia, aqui em Varsóvia, e que desde o início da sua existência constituiu as bases da América.

Os cidadãos dos nossos países não lutaram juntos pela liberdade, não sobreviveram juntos ao horror das guerras, não se opuseram juntos ao mal para agora desperdiçar essa liberdade pela falta do sentimento de orgulho e de fé nos valores que professamos. Não permitimos e não permitiremos que isso aconteça.

Enquanto soubermos de onde viemos, saberemos para onde nos dirigimos. Os americanos têm consciência de que uma forte aliança de estados livres, soberanos e independentes é a melhor forma de defender as nossas liberdades e os nossos interesses. É por isso que a minha

Administração exige de todos os membros da OTAN que cumpram os seus compromissos financeiros justamente estabelecidos.

Essa posição já frutificou em bilhões de dólares adicionais. Na minha opinião, de outra forma esses bilhões não teriam afluído. Aos críticos da nossa posição dura eu gostaria de lembrar que os Estados Unidos demonstraram não apenas com palavras, mas **SOBRETUDO COM AÇÕES**, o seu firme apoio ao Artigo 5 – que trata dos compromissos multilaterais de defesa. É fácil falar, mas o que conta são as **AÇÕES**. Para o seu próprio bem, **A EUROPA TEM DE FAZER MAIS**. Tem de mostrar que acredita no seu futuro, investindo nele **O SEU PRÓPRIO DINHEIRO**.

Justamente por isso elogiamos a Polônia pela decisão de comprar dos Estados Unidos os sistemas de defesa aérea e antimísseis PATRIOT, testados na luta. Os melhores do mundo. Justamente por isso assim apreciamos a nação polonesa que, como uma das poucas na OTAN, cumpre as exigências de investimento na defesa comum. Obrigado, Polônia, porque para os outros países membros da OTAN Você é um exemplo a ser imitado.

A nossa capacidade de defesa não são apenas os compromissos financeiros – é também o engajamento da **VONTADE**. A História da Polônia nos ensina que a defesa do Ocidente não depende afinal de dinheiro, mas da vontade de sobrevivência da nação. E aqui surge uma pergunta básica dos nossos tempos: será que o Ocidente tem a **VONTADE** de sobreviver?

Será que acreditamos suficientemente no sistema dos nossos valores, para defendê-los a qualquer preço? Será que tratamos com o devido respeito os nossos cidadãos, para defender as fronteiras em que eles vivem? Será que teremos vontade e coragem suficientes para defender a nossa civilização diante daqueles que arditosamente procuram destruí-la?

De nada servirão as maiores economias do mundo e as armas mais potentes se faltar uma família forte e um sólido sistema de valores. Àqueles que se esqueceram do seu significado crucial, convido a visitar um país que disso nunca se esqueceu – que venham à Polônia.

Venham aqui a Varsóvia e conheçam a história do Levante de Varsóvia. Conheçam a história da Avenida Jerozolimskie.

Em agosto de 1944, assim como agora, a Avenida Jerozolimskie era uma das principais artérias que atravessavam a cidade do leste para o oeste. O controle dessa avenida tinha um significado crucial para ambos os lados da batalha por Varsóvia. O exército alemão queria tomá-la por ser o caminho mais curto para o transporte de destacamentos para a frente e da frente de guerra.

Para os membros do Exército Nacional Polonês, por sua vez, a possibilidade de alcançar o norte e o sul pela Avenida Jerozolimskie tinha um significado básico para a preservação do Centro e, com isso, para a sobrevivência do próprio Levante. Noite após noite, sob

o fogo de metralhadoras, os poloneses traziam sacos de areia para defender a sua estreita passagem através da Avenida Jerozolimskie. Dia após dia o inimigo os desmanchava. Então os poloneses fizeram uma trincheira e, em breve – uma barricada. Dessa forma os destemidos insurgentes começaram a transpor essa artéria.

Essa estreita passagem foi decisiva para a continuidade do Levante. Os moradores e os insurretos, arriscando a vida, corriam por essa estreita passagem para levar ajuda à sua cidade. “Eram apenas alguns metros” – recordava uma jovem chamada Greta. “Esse trecho mortalmente perigoso da rua estava embebido do sangue dos mensageiros, dos ordenanças e dos estafetas”.

Eles eram o alvo dos atiradores. Os soldados do inimigo queimavam todos os prédios e, quando atacavam a barricada, utilizavam os poloneses como escudos vivos para os seus tanques. O inimigo não interrompia os ataques contra a pequena cabeça de ponte da civilização, e os poloneses não interrompiam a sua defesa.

A estreita passagem pela Avenida Jerozolimskie exigia permanente defesa, consertos e fortificações. Mas a vontade dos defensores, mesmo em face da morte, era inabalável; a passagem permaneceu até os últimos dias do Levante. Nunca foi esquecida, e graças aos poloneses esteve sempre acessível.

Polônia

A memória das vítimas desse heroico acontecimento clama a nós por décadas, e as lembranças dos defensores da passagem pela Avenida Jerozolimskie fazem parte das mais vivas.

Esses heróis nos lembram que o Ocidente foi salvo graças ao sangue de patriotas, que nessa defesa cada geração tem o seu papel a cumprir. **E que cada palmo de terra, cada centímetro da nossa civilização merece essa defesa.**

A nossa luta pela defesa do Ocidente não começa no campo de batalha – começa pelas nossas mentes, pela nossa vontade, pelas nossas almas.

Hoje os laços que ligam a nossa civilização não têm um significado menor – e exigem uma defesa não menos encarniçada – do que aquele palmo de terra em que se concentrava a esperança da existência da Polônia. A nossa liberdade, a nossa civilização e a nossa sobrevivência dependem justamente desses laços da história, da cultura e da memória.

E hoje, como sempre, a Polônia se encontra em nossos corações, enquanto a sua nação luta. Proclamo hoje ao mundo que, da mesma forma que não foi possível quebrantar a vontade da Polónia, **NÃO SERÁ POSSÍVEL NUNCA QUEBRANTAR A VONTADE DO OCIDENTE.**

O sistema dos nossos valores **SAIRÁ VENCEDOR**. As nossas nações **FLORESCERÃO**. E a nossa civilização **TRIUNFARÁ**. Então lutemos todos como os poloneses

**– PELA FAMÍLIA, PELA LIBERDADE, PELA PÁTRIA
E POR DEUS.**

Obrigado a Vocês. Que Deus abençoe Vocês. Que Deus abençoe a Nação Polonesa. Que Deus abençoe os nossos aliados. Que Deus abençoe os Estados Unidos da América.

RESUMO – STRESZCZENIE

Przemówienie prezydenta USA Donalda J. Trumpa wygłoszone 6 lipca 2017 r. przy pomniku Powstania Warszawskiego odbiło się mocnym echem wśród Polaków.

Zamieszczamy tekst tego ważnego, nie tylko dla Polaków przemówienia, aby nasi czytelnicy Polonusi lub Brazylijczycy mogli poprzez ten tekst poznać trochę historii Polski postrzeganej oczyma amerykańskiego polityka.

LEVANTE DE VARSÓVIA

*Renata SIUDA-AMBROZIAK**

*Izabel LIVISKI***

Após algumas publicações sobre artigos a respeito da Polônia em um boletim polônico editado no Brasil, recebi uma carta escrita pela neta de uma senhora que imigrou para o Brasil ainda jovem, por ocasião da segunda grande guerra. No presente artigo, respondo a algumas questões colocadas por ela, e portanto, este texto é todo voltado aos episódios dolorosos da II Guerra Mundial e do Holocausto.

Sim, é verdade, que na cidade de Varsóvia cada dia pisamos na terra banhada em sangue - em cada esquina da capital morreram dezenas, centenas, ou até miles de pessoas. As lutas foram travadas também no campus da Universidade de Varsóvia, a minha Alma Mater, aonde o grupo militar “Krybar” defendia, com a participação dos professores, estudantes e escoteiros, cada um dos edifícios universitários.

* Professora do CESLA, Centro dos Estudos Latino-Americanos, Instituto das Américas e Europa na Universidade de Varsóvia, e atualmente vice-diretora do Instituto. Doutora em Ciências Humanas em Filosofia Social, com Estudos Pós-Doutorais em Direito da Propriedade Intelectual e em Administração Universitária. Autora do texto sobre Levante de Varsóvia.

** Fotógrafa e Professora, doutora em Sociologia pela UFPR. Autora do texto sobre o Museu do Levante de Varsóvia e de fotos publicados neste texto.

Polônia

Pensando das memórias, é sempre bom começar com os fatos – a II Guerra Mundial eclodiu com a agressão da Alemanha nazista na Polónia (1.09.1939). Ainda em setembro, segundo o Tratado de Ribbentrop-Molotov, também as tropas soviéticas invadiram a Polónia, colaborando na destruição do país com os nazistas.



Durante a guerra, o Holocausto foi planejado, institucionalmente organizado, preparado e sistematicamente levado a cabo pela Alemanha nazista, antes de tudo na Polónia, que gozava da maior concentração de judeus na Europa e da segunda maior do mundo, depois dos Estados Unidos.

Ainda em 1939 os nazistas começaram a criar no território polonês ocupado as grandes concentrações de judeus nos guetos urbanos (o maior em Varsóvia) e, logo depois, estabelecer os primeiros campos nazistas de concentração (em 1940 uma verdadeira “fábrica” da morte de Auschwitz).

Em 1941 foi emitido um decreto sobre a aplicação da pena de morte àqueles que ajudavam aos judeus sobreviver, por exemplo escondendo-os nas suas casas - em nenhum outro país ocupado pelos nazistas estava

Polônia

em vigor uma lei tão rigorosa como na Polônia. Logo depois, em 1942, apareceu o plano para a “solução final da questão judaica” - extermínio em massa dos judeus de toda a Europa nos campos da concentração.



Os alemães nazistas começaram a liquidar os guetos e deportar os seus habitantes aos campos de concentração. A revolta armada no gueto de Varsóvia em abril de 1943 foi um gesto de desespero contra a sua liquidação - depois de apagá-la brutalmente, os nazistas proclamaram oficialmente o Terceiro Reich “limpo de judeus”.



Mas os judeus não eram as únicas vítimas da guerra e da barbaridade nazista, especialmente no território

Polônia

polonês. Em 1 de agosto de 1944 o exército subterrâneo lançou um levante de Varsóvia. Intensos combates duraram dois meses, resultando na matança de mais que 200 mil habitantes. A capital ficou quase completamente aniquilada. Cada ano, no 1 de agosto, a cidade literalmente para na Hora Zero - às 17 hs. Para preservar a memória das vítimas, de todas as vítimas.



Depois de 1945 a Polônia ficou atrás da “cortina de ferro”, traída pelos aliados, que a deixaram à mercê do Stalin e a proclamada pela União Soviética “democracia popular”, vista pela maioria esmagadora da população como uma outra ocupação.



Polônia

Assim, o debate público sobre a guerra e o Holocausto recomeçou a partir de 1989, na Polônia independente e os últimos anos os poloneses estão vivendo o “tempo de retorno”, um boom da memória, com as suas manifestações incluindo criação de novos museus nacionais que descrevem a história da guerra, os levantes heroicos, a experiência da ocupação (por exemplo o Museu do Levante de Varsóvia). Outra manifestação é o florescimento da pesquisa histórica e popularidade das reconstruções dos acontecimentos históricos, também aqueles mais dolorosos.



O peso da história é evidente no espaço público, onde foi erguida uma série de novos monumentos comemorativos das vítimas da Segunda Guerra Mundial, os heróis não reconhecidos depois da guerra pelo regime comunista e das vítimas do Holocausto. São renovados bairros e cemitérios judeus e história judaica é muitas vezes apresentada em locais expostos, para evocar somente o novo Museu dos Judeus Poloneses em Varsóvia.

As manifestações da cultura judaica incluem festivais, a popularidade da música e uma variedade de produções

Polônia

artísticas. As universidades também lidam com essa demanda, abrindo programas dedicados aos centros de pesquisa sobre a história dos judeus na Polônia.



Assim, deixo aberta a pergunta se vale a pena fazer divisões entre os poloneses e os judeus, as vítimas da II Guerra Mundial - a guerra resultou na morte de milhões de cidadãos poloneses, dos quais muitos eram judeus. Somente aos olhos de Hitler, os judeus constituíam uma “categoria especial” de vítimas e pensar deste modo equivaleria a aceitar a lógica dos assassinos nazistas.

A vida humana tem sempre o mesmo valor, independentemente da nacionalidade, religião, gênero, raça, nível de educação.... Nenhuma vítima do nazismo,

Polônia

sendo judeu, polonês, russo, homossexual, deficiente, doente mental, mereceu morrer naquela carnificina e nunca pode jogar na memória coletiva um papel secundário.



Podemos, sim, colocar perguntas difíceis. O debate sobre a II Guerra Mundial e o Holocausto é e sempre será doloroso. Mas o maior desafio para o mundo é não deixar esquecer as memórias, deixando uma mensagem clara e unívoca - nem a guerra, nem o Holocausto podem se repetir mais.

Tudo isso fica ainda mais claro depois de visitar a Polônia - por isso convido-os para virem, para sentirem sozinhos o peso dessa história, ao mesmo tempo terrível

Polônia

e heroica. Porque em poucos lugares do mundo a memória da Guerra e do Holocausto fica ainda tão visível, tão viva e tão comovente...



* * *

A experiência em visitar o Museu do Levante de Varsóvia (*Muzeum Powstania Warszawskiego*) é realmente extraordinária e imperdível para quem visita a cidade. Ele não é um museu comum, logo na entrada em uma das paredes pode-se ouvir sons ritmados, é como se ali estivessem ainda batendo os corações daqueles que viveram e lutaram durante este período terrível da história da Polônia. Sua concepção é interativa, e um

Polônia

muito bem montado memorial retrança a história, os momentos-chave e os personagens – famosos e desconhecidos – do ato final da resistência polonesa à ocupação nazista.



A ideia é a de trazer o visitante para dentro daquela realidade, e é impossível não se emocionar. Inclusive de sentir uma certa claustrofobia ao atravessar uma reprodução dos “esgotos”, forma de locomoção pela cidade que os revolucionários utilizaram na época do levante.



Polônia

As exposições permanentes trazem inteligentes soluções multimídia, relatos emocionantes, armas, meios de transporte, muitas fotografias, uniformes e também uma área dedicada às crianças e jovens que colaboraram nas linhas de combate. Na parte exterior do edifício está uma longa parede-memorial, com o nome daqueles que combateram pela liberdade na Polônia.

Tivemos o privilégio de conhecer o Sr. Henryk Wasilewski, nascido em 1924 e que permanece no museu trabalhando em máquinas impressoras da época. Ele fazia parte de um escritório de impressão subterrânea (na rua Żelazna) durante a ocupação alemã. Foi preso pelos alemães e permaneceu na prisão Pawiak em Varsóvia, sendo interrogado por agentes da Gestapo, que segundo ele, falavam o polonês perfeitamente. Através da intervenção de um oficial, conhecido de seu pai, o Sr. Wasilewski encontrou a liberdade. Uma entrevista atualizada com ele, em polonês, encontra-se no link abaixo:

<http://www.1944.pl/archiwum-historii-mowionej/henryk-wasilewski,2290.html>

Site Oficial do Museu: <http://www.1944.pl/>

Para saber mais, *Polônia: Os Invencíveis*: A história da luta pela liberdade do povo polonês contra as ocupações dos regimes nazista e soviético. O filme de animação gráfica foi produzido pelo Instituto da Memória Nacional da Polônia.

<https://www.youtube.com/watch?v=TtAPf634sF4&feature=you.be>

RESUMO – STRESZCZENIE

Powyższy tekst o Powstaniu Warszawskim dr Renaty Siuda-Ambrosiak jest w pewien sposób uzupełnieniem informacji o bohaterskim zrywie Polaków przeciw okupacji niemieckiej, o czym wspominał prezydent Trump w przemówieniu, które publikujemy w tym numerze naszego czasopisma.

Dr Izabel Liviski pisze s kolei o Muzeum Powstania Warszawskiego. Pamięć historyczna Polaków trwa nadal w pomnikach, muzeach, tablicach, aby przyszłe pokolenia znały dzieje Narodu Polskiego.

LÍNGUA, CULTURA, CIVILIZAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL POLONESA

Mariano KAWKA*

Um confronto entre a História da Polônia e a do Brasil mostra, em primeiro lugar, que a Polônia já possui uma história de mais de mil anos: o país surgiu no século X, quando o duque Mieszko I aceitou o batismo cristão em 966. Nos seus primórdios, a Polônia era um país com 250 mil km² e uma população de um pouco mais de 1 milhão de habitantes. Portanto, quando o Brasil foi descoberto em 1500, a Polônia já tinha uma História de mais de 500 anos e estava atravessando um período de apogeu, não apenas do ponto de vista cultural, mas também em razão da sua estabilidade política. Neste ponto convém assinalar que por muitos séculos (do século XIV até o século XVIII, até as partilhas) a Polónia formou um Estado federado com a Lituânia, que tinha um carácter multinacional e multirreligioso (católicos, ortodoxos e judeus) – a chamada União Polono-Lituana (*Unia Polsko-Litewska*). Em 1500, a Polónia era um país muito extenso, com 1.140.000 km² e cerca de 7,5 milhões de habitantes. Quando o Brasil iniciava a sua História, o poeta polonês Jan Kochanowski (1530-1584) elevava a língua polonesa às alturas e a consolidava como um idioma nacional. Na

* Professor, tradutor, lexicógrafo, membro do Conselho Editorial de *Polonicus*.

mesma época, Nicolau Copérnico (1473-1543) revolucionava a astronomia com a introdução do sistema heliocêntrico.

No entanto, a História da Polônia sempre foi assinalada por altos e baixos, o país nunca teve uma vida fácil, e foram numerosas as lutas e as guerras que teve de empreender pela preservação da sua autonomia – contra os tártaros, os cavaleiros teutônicos (*Krzyżacy*), os cossacos, os russos, os turcos, os suecos. Algumas dessas lutas ficaram especialmente famosas, como aquela em que, em 1683, o rei polonês João III Sobieski derrotou os turcos que sitiavam Viena e impediu o avanço deles para a Europa ocidental. Naquela ocasião, especialmente, a Polônia se consagrou na Europa como o “baluarte da cristandade”. Depois do reinado de Sobieski, porém, o país enveredou por uma trilha de instabilidade política e anarquia, o que facilitou a ingerência das potências vizinhas e culminou, no final do século XVIII, nas célebres partilhas, ou seja, na divisão território polonês entre a Áustria, a Prússia e a Rússia, que se realizou em três etapas: em 1772, 1793 e 1795. Isso fez com que a Polônia, como Estado soberano, praticamente deixasse de existir por um período de 123 anos, até o final da I Guerra Mundial, quando em 1918 o país recuperou a sua independência.

Então, se novamente compararmos a História do Brasil com a da Polônia, veremos que, enquanto no início do século XIX (1822) o Brasil conquistava a sua independência e dava início à construção da sua nacionalidade – naquela época, discutia-se ainda se os nascidos no país eram “brasileiros”, “brasilienses” ou “brasilianos” –, a Polônia começava a enfrentar mais de um século de opressão e de lutas pela sua liberdade.

Luta pela preservação da independência e da identidade nacional

Esses mais de 120 anos de cativo e de exploração econômica provocaram a contenção do pleno e livre desenvolvimento econômico e civilizador geral, do qual gozavam outras nações, restrições de toda a sorte e a perseguição generalizada, principalmente nas zonas de ocupação prussiana e russa, onde ocorreu também a mais intensa campanha para privar a nação polonesa dos seus mais preciosos valores: da sua língua, da sua cultura e da sua religião católica, que com as partilhas se havia transformado em sinônimo de polonismo.

No entanto, ainda que desmembrada pelas partilhas, a Polônia não estava morta. A vida da nação polonesa, durante os 123 anos de escravidão, prova que ela agiu conforme o conselho de J. J. Rousseau: “Polônia, se não podes impedir que os teus vizinhos te engulam, podes ao menos fazer com que eles não consigam digerir-te”. Essa mesma ideia se encontra expressa nas palavras iniciais do Hino Nacional polonês, que surgiu justamente no início desse período de lutas pela preservação da nacionalidade, exatamente em 1797, na Itália, onde o general Jan Henryk Dąbrowski (1755-1818) estava formando as suas Legiões, que depositavam as suas esperanças em Napoleão: “Jeszcze Polska nie zginęła, póki my żyjemy” (A Polônia ainda não pereceu, enquanto nós vivemos).

Vida e empreendedorismo – na Polônia ou no exterior

Durante esse período de opressão, a nação polonesa teve de resistir bravamente contra a germanização e a russificação que lhe eram impostas. E, graças ao espírito de resistência do seu povo, conseguiu preservar não apenas a língua, mas mostrou uma extraordinária vitalidade em todos os domínios da cultura e da civilização, ainda que muitas das figuras representativas desse esforço nacional fossem forçadas a viver e atuar no exterior. Na época da Polônia partilhada, foram os poetas e dramaturgos do Romantismo os que mais se envolveram na tarefa de preservar a identidade nacional polonesa. São dessa época alguns dos maiores nomes da literatura polonesa, como Adam Mickiewicz (1798-1855), Juliusz Słowacki (1809-1849), Zygmunt Krasiński (1812-1859) ou Cyprian Norwid (1821-1883). Era comum que esses escritores desenvolvessem a sua atuação no exterior. Um exemplo simbólico dessa “peregrinação”, que por vezes nem a morte interrompia, foi Mickiewicz. Ele passou boa parte da sua vida na Rússia, Itália e França. Faleceu em Constantinopla (Istambul), na Turquia, e foi sepultado em Paris. Em 1890 os seus restos mortais foram levados à Polónia e sepultados na cripta real do castelo de Wawel, em Cracóvia.

Após o Levante de 1863 encerra-se na Polónia o período do Romantismo. Mas depois, na época do Positivismo e do Modernismo ou da Jovem Polónia (*Młoda Polska*), alguns poetas de talento continuaram a tradição. Com Adam Asnyk (1838-1897), Maria Konopnicka (1842-1910), Kazimierz Tetmajer-Przerwa (1865-1940), Jan Kasprówicz (1860-1926), Leopold Staff

(1878-1966), mas sobretudo com Stanisław Wyspiański (1869-1907), a poesia polonesa manteve-se numa posição muito elevada. Todavia, foram principalmente os romancistas que contribuíram para a vitalidade da língua e do patriotismo pelas suas narrativas históricas e populares. Entre eles devem ser enumerados autores como Henryk Sienkiewicz (1846-1916), cujo *Quo Vadis* teve êxito universal e que foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1905. Ao lado dele, situam-se Bolesław Prus (1847-1912), Józef Ignacy Kraszewski (1812-1887), Stefan Żeromski (1864-1925), Władysław Stanisław Reymont (1867-1925) – Prêmio Nobel de Literatura em 1924, Bruno Schultz (1892-1942), Witold Gombrowicz (1904-1969), assim como as escritoras Eliza Orzeszkowa (1841-1910), Maria Rodziewiczówna (1863-1944), Maria Dąbrowska (1889-1965), Zofia Kossak-Szczucka (1890-1968), e tantos outros.

Foi também nesse período que na música se distinguiram Fryderyk Franciszek Chopin (1810-1849) e Stanisław Moniuszko (1819-1872), e Maria Skłodowska-Curie (1867-1934) se sobressaiu na pesquisa científica (Prêmio Nobel de Física em 1903 e de Química em 1911). Na área da literatura, o escritor inglês de origem polonesa Joseph Conrad (Józef Konrad Korzeniowski) (1854-1924) veio a ser considerado um dos maiores escritores de língua inglesa.

Os nomes acima citados são amplamente conhecidos. Mas a lista dos poloneses que no período das partilhas desenvolveram o seu empreendedorismo no exterior e tiveram os seus nomes ligados a produtos e marcas de âmbito internacional é longa e diversificada. Muitos, por iniciativa própria ou forçados pelas circunstâncias, optaram por buscar uma sorte

melhor em outros países do mundo, tendo contribuído dessa forma para impulsionar a marcha civilizatória da humanidade.

A hoje bilionária indústria dos cosméticos teve entre os seus pioneiros dois poloneses: Helena Rubinstein (1871-1965) e Maksymilian Faktorowicz (1872-1938). Helena Rubinstein foi uma empresária e cosmetóloga polono-estadunidense. Nascida em Cracóvia, com 18 anos de idade mudou-se para a Austrália, onde começou a misturar fórmulas médicas e pomadas. Em 1902 abriu o primeiro salão de beleza no mundo em Melbourne. Mais tarde abriu salões em Londres (1908), Paris (1912) e Nova York (1914). Maksymilian Faktorowicz, também conhecido como Max Factor Sr., foi um homem de negócios polono-judeu, empreendedor e inventor. Nascido em Zduńska Wola, emigrou aos Estados Unidos em 1902. Na chegada, o inspetor da alfândega abreviou o seu nome para Max Factor. Nos Estados Unidos ele foi o fundador da gigante companhia de cosméticos Max Factor & Company. Desenvolveu a moderna indústria de cosméticos e popularizou o termo “make-up” como substantivo, no sentido de pintura, maquiagem.

A grande companhia de entretenimento Warner Brothers também foi fundada por poloneses. O nome da companhia se originou dos quatro irmãos fundadores Warner (Wonskolaser ou Wonsal antes da anglização): Harry, Albert, Sam e Jack Warner. Como meninos, eles emigraram com seus pais ao Canadá, saindo de Krasnosielc, situada na parte da Polônia do Congresso que havia sido subjugada pela Rússia, perto da atual Ostrołęka. Os irmãos Warner abriram a sua primeira casa de espetáculos em New Castle, Pennsylvania, em

1903. Esse foi o embrião da futura companhia cinematográfica.

O polonês Antoni Norbert Patek (1812-1877) foi um pioneiro da relojoaria e criador da Patek Philippe Co., uma das mais famosas companhias fabricantes de relógios.

Kazimierz Funk (1884-1967), mais conhecido pela forma americanizada do seu nome Casimir Funk, foi um bioquímico polonês que geralmente leva os créditos pela primeira formulação do conceito de vitaminas, em 1912.

Nomes poloneses na constituição da nacionalidade brasileira

Quando falamos da imigração polonesa no Brasil, em geral temos em mente o colono agricultor, que com determinação modificou o aspecto do mapa do Brasil meridional, derrubou as matas e as transformou em terra produtiva, abrindo – juntamente com imigrantes de outras nacionalidades – uma nova etapa na História do Brasil.

No entanto, já após a proclamação da independência (1822), o governo brasileiro, não podendo contar com o antigo exército português, elemento incerto e que apoiava a metrópole, começou a recrutar oficiais, técnicos e militares que concluíram escolas superiores em Paris, Berlim e Viena ou, no caso dos poloneses, que passaram pelo batismo de fogo dos levantes de 1830 e 1863.

São dessa época alguns nomes de poloneses que deixaram marcas indeléveis no Brasil, inclusive Sebastião Edmundo Woś Saporski (1844-1933), a quem

se deve o início da imigração em massa da Polônia ao Brasil e que por essa razão foi chamado “Pai da imigração polonesa no Brasil”. Saporski veio ao Brasil em 1867, mas ele teve alguns predecessores ilustres.

O engenheiro André Przewodowski (1799-1879) participou do Levante de Novembro (1830) e posteriormente trabalhou na construção de um túnel sob o rio Tâmis, em Londres. Convidado para vir ao Brasil, aqui se estabeleceu em 1839 e realizou imponentes e importantes construções na Bahia: pontes, canais, edifícios públicos. Também fez pesquisas geológicas naquele estado. Da mesma família destacaram-se Estanislau Przewodowski (1843-1903) – engenheiro naval e oficial da marinha brasileira que participou da Guerra do Paraguai, e Oscar Przewodowski (1892-1956) – jurista e cientista político.

No mesmo ano de 1839 veio o médico Pedro Napoleão Luís Czerniewicz ou Chernowicz (1812-1882), que foi um dos fundadores da Academia de Medicina do Rio de Janeiro e escreveu em português manuais sobre ciências médicas.

A eles seguiram-se outros, como Jerônimo Durski (1824-1905), que veio ao Brasil em 1851 e se tornou conhecido como pedagogo, autor da primeira cartilha para o estudo do polonês no Brasil, publicada em 1893.

Contribuiu significativamente para a exploração do Brasil Florestan Rozwadowski (1805-1879), que veio ao Brasil em 1850 ou 1851, em companhia dos filhos Antônio e Otaviano, tornou-se major do exército brasileiro e realizou medições topográficas na Amazônia.

Após o ano de 1863, que assinalou na Polônia um histórico levante sufocado, aparece no Brasil uma série de refugiados poloneses. Destaca-se Roberto Trompowski – nome completo Roberto Leitão de Almeida Trompowski (1853-1926), filho do imigrante polonês do mesmo nome, que foi um ilustre militar (promovido ao posto de marechal em 1919) e professor de matemática. Por um decreto de 12/3/1962, o presidente do Brasil João Goulart confirmou a sua escolha como patrono do ensino militar brasileiro. Outro membro da mesma família, Armando Trompowski – nome completo Armando Figueira de Almeida Trompowski (1889-1966), filho do marechal Roberto Trompowski, concluiu a Escola da Marinha e dedicou à carreira militar mais de cinquenta anos de sua vida. No período do governo de José Linhares e Eurico Gaspar Dutra, nos anos 1945-1951, Armando Trompowski exerceu o cargo de ministro da aeronáutica.

Bronislau Rymkiewicz (1849-1907) veio ao Brasil em 1888. Trabalhou na construção da estrada de ferro São Paulo-Santos e Rio-São Paulo e projetou um porto fluvial em Manaus.

Alexandre Brodowski (1855-1899) foi contratado em 1858 por uma sociedade que construía uma estrada de ferro (Companhia Mogiana). Também projetou e construiu ferrovias em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Em São Paulo há uma cidade que leva o seu nome.

Independência e uma nova tormenta antes da plena soberania

A recuperação da independência nacional em 1918 recolocou a Polônia entre as nações livres da Europa. No entanto, esse período em que voltou a existir um Estado polonês soberano durou apenas duas décadas, porque já no dia 1 de setembro de 1939 o país foi invadido pela Alemanha nazista, o que deu início à II Guerra Mundial. Alguns dias depois, no dia 17 de setembro do mesmo ano, a Polônia foi invadida no leste pela Rússia Soviética. Já no dia 28 de setembro de 1939 um tratado entre a Alemanha e a Rússia resultou na divisão do país entre os agressores. Teve início então o período de uma nova partilha da Polônia, entre essas duas potências.

O objetivo da política alemã diante da Polônia era a destruição total do Estado polonês, que no final devia incluir também a destruição da nação polonesa. Na parte ocupada pela Alemanha teve início uma inexorável perseguição contra a intelectualidade polonesa, negando aos poloneses a sua própria cultura. Por exemplo, em novembro de 1939 foram detidos e levados a um campo de concentração quase todos os professores da Universidade de Cracóvia, pela única razão de que aquela universidade havia sido por mais de 500 anos um baluarte de tudo que era polonês. Não apenas as universidades polonesas, mas todo o sistema escolar polonês foi fechado – como se dizia – “para sempre”, e os tesouros de arte poloneses, públicos ou privados, foram confiscados por uma ordem do dia 16/12/1939. Após o extermínio das lideranças, o restante da população, aqueles que sobrevivessem à fome e às

doenças, seriam usados como escravos pelo Reich alemão.

Ao mesmo tempo, na parte oriental da Polônia, que ficou sob ocupação soviética por 21 meses, os russos também começaram a perseguir a população polonesa. Deportações para trabalhos forçados na Sibéria e execuções envolveram cerca de 1,5 milhão de pessoas, sem excetuar mulheres e crianças. O extermínio das lideranças polonesas pelos russos é muito bem ilustrado pelo chamado Massacre de Katyń, que ocorreu numa floresta dessa localidade, nas proximidades de Smoleńsk, e em localidades próximas, onde foram brutalmente assassinados cerca de 22 mil poloneses – cerca de 8 mil militares prisioneiros de guerra, outros 6 mil policiais, e o restante dividido entre civis integrantes da intelectualidade polonesa, tais como professores, artistas, pesquisadores etc. Simultaneamente, nas áreas ocupadas pela Rússia ocorreu um processo de sistemática sovietaização, incluindo uma guerra especialmente intensa contra a cultura polonesa e, por extensão, contra a religião dos poloneses.

O rompimento entre Hitler e Stalin, ou entre o nazismo e o comunismo, e a guerra entre a Alemanha e a Rússia, que se iniciou com a invasão nazista da Rússia a 22/6/1941, trouxe ainda mais devastação e sofrimento à nação polonesa. A nova situação criada pela necessidade de derrotar a Alemanha nazista levou a Polônia não apenas a estabelecer a paz com a Rússia em 30/07/1941, mas também a concluir com ela uma estreita aliança a 4/12/1941, com a esperança de que esse vizinho do leste respeitaria a fronteira polonesa estabelecida em 1921, a plena independência do país e a constituição democrática de uma nação que sempre se havia oposto

ao comunismo. A esperança de liberdade da Polônia se intensificou quando em 1941 os Estados Unidos entraram na guerra após a agressão a Pearl Harbor no dia 7/12/1941. Esse fato, da mesma forma que a aliança com a Grã-Bretanha, parecia assegurar que o destino da Polônia seria levado em conta quando após a guerra fosse estabelecida uma nova ordem na Europa. Parecia que o lugar da Polônia, da mesma forma que o de outras nações da Europa Central, seria assegurado no pós-guerra, logo que Hitler fosse derrotado. Mas, infelizmente, logo se tornou claro que a prometida restauração dos “direitos soberanos e da autonomia dos povos liberados”, entre os quais se encontrava a Polônia, dependia não apenas da destruição final da tirania nazista, mas também da política da Rússia Soviética, cujas relações com a Polônia se haviam deteriorado. Em abril de 1943, os alemães anunciaram que haviam descoberto as sepulturas em massa dos milhares de oficiais poloneses na floresta de Katyń, onde obviamente eles haviam sido assassinados pelos russos. Quando os governantes poloneses exigiram uma investigação desse crime pela Cruz Vermelha Internacional, a Rússia Soviética rompeu as relações com o governo polonês (no exílio), o qual, em meio a uma alarmante crise, ainda perdeu em circunstâncias misteriosas o seu líder, o general Władysław Sikorski (1881-1943), num acidente aéreo no dia 4 de julho de 1943.

A ordem estabelecida para o pós-guerra e sacramentada pela Conferência de Yalta (4-11/2/1945), que reuniu Churchill, Roosevelt e Stalin para resolver os problemas suscitados pela iminente derrota da Alemanha nazista, resultou numa amputação do

território polonês (em cerca de 20 por cento – de 389 mil km² para 313 mil km²), numa perda de um quinto da sua população (cerca de 6 milhões de pessoas) e na entrega do país à área de influência soviética. Dessa forma, a Polônia que ressurgiu após a II Guerra Mundial não era exatamente aquela pela qual milhares de seus filhos haviam lutado. A chamada República Popular da Polônia, desde que em julho de 1944 os soviéticos instalaram, em Lublin, um governo comunista por eles controlado, permaneceu politicamente subordinada à União Soviética. Tendo sido forçada a adotar o regime comunista (por vezes chamado socialista), o país permaneceu na órbita da influência soviética e teve a sua autonomia política seriamente restringida desde que a chamada “cortina de ferro” dividiu a Europa por mais de quatro décadas, até 1989, quando enfim recuperou a sua plena liberdade, para o que tiveram uma contribuição singular o papa polonês João Paulo II e o líder do sindicato Solidariedade Lech Wałęsa – Prêmio Nobel da Paz em 1983. Hoje a Polônia é um país livre e plenamente integrado à Europa: faz parte da OTAN desde 1999 e da Comunidade Europeia desde 2004.

No período da II Guerra Mundial, muitos escritores poloneses se refugiaram no exterior, principalmente na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos, outros foram deportados para o interior da União Soviética, mas a vida intelectual e literária polonesa prosseguiu. Longa é a lista dos escritores mortos nos campos de concentração, nas execuções de rua e nos combates. Entre eles, podem ser citados, por exemplo, Krzysztof Kamil Baczyński, pseudônimo Jan

Bugaj (1921-1944) e Tadeusz Gajcy, pseudônimo Karol Topornicki (1922-1944).

Depois da guerra, o momento histórico leva a literatura polonesa, por um lado, a engajar-se na construção de uma nova realidade, chamada socialista, e – por outro – a uma ação de resistência contra essa realidade. As mais expressivas obras literárias produzidas logo após a guerra são testemunhos do tempo do genocídio, p. ex. os livros de Zofia Nałkowska (1884-1954).

A literatura polonesa novamente ganha destaque mundial, principalmente com poetas e escritores que foram agraciados com o Prêmio Nobel de Literatura: Isaac Bashevis Singer (1904-1991), que escrevia em iídiche, em 1978, Czesław Miłosz (1911-2004) em 1980, e Wisława Szymborska (1923-2012) em 1996.

Enfim, torna-se oportuno lembrar que as vicissitudes históricas da Polônia, como as partilhas e, mais recentemente, a II Guerra Mundial, tiveram um outro aspecto de grande alcance, e que se relaciona também com a nossa identidade de polônicos brasileiros: a grande dispersão (diáspora) dos cidadãos poloneses pelo mundo, em forma de emigrações econômicas e políticas, e o seu ingresso em muitas sociedades, inclusive na brasileira. A história familiar de muitos de nós – os polônicos brasileiros – tem muito a ver com a acidentada e turbulenta história da Polônia.

Bibliografia

HALECKI, Oskar. *A History of Poland*. New York: Barnes & Noble Books, 1993.

KIENIEWICZ, Stefan. *Historia Polski 1795-1918*. Warszawa: Państwowe Wydawnictwo Naukowe, 1983.

KLIMASZEWSKI, Bolesław (Ed.). *An Outline History of Polish Culture*. Warszawa: Wydawnictwo Interpress, 1984.

MALCZEWSKI, Zdzisław (Org.). *Polônia e polono-brasileiros*. Curitiba: Vicentina, 2007.

PRZYBYLSKI, Ryszard; WITKOWSKA, Anna. *Romantyzm*. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe PWN, 1997.

SIEWIERSKI, Henryk. *História da Literatura Polonesa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

STATKOWSKI, José. *O País da Águia Branca*. Curitiba: Edição do Jornal Lud, 1940.

Sites na internet:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Helena_Rubinstein

https://en.wikipedia.org/wiki/Max_Factor_Sr

https://en.wikipedia.org/wiki/Warner_Bros

https://www.google.com.br/search?q=Antoni+Patek+&ie=UTF-8&gws_rd=ssl

https://www.google.com.br/search?q=Casimir+Funk+&ie=UTF-8&gws_rd=ssl

RESUMO – STRESZCZENIE

Artykuł przedstawia historyczny zarys Polski i Brazylii i podkreśla różnice występujące w historii obydwu narodów. Następnie omawia trudny okres, jaki przeżył naród polski w okresie zaborów, zaznaczając jednak, że tragedia zaborów i prześladowania tamtych czasów nie przerwały zaangażowania Polaków w uchronienie swoich wartości kulturalnych i swojej tożsamości narodowej, do czego dążyli żyjąc często na obczyźnie, jak np. niektórzy literaci tamtych czasów. W tym okresie dużo Polaków rozwinęło swoją różnorodną działalność cywilizacyjną w różnych krajach świata, m. in. w Brazylii. Krótka po odzyskaniu niepodległości w r. 1918 nawiedziła Polskę nowa nawałnica drugiej wojny światowej oraz trudnego okresu ograniczonego samostanowienia rządów komunistycznych przed odzyskaniem pełnej suwerenności w r. 1989.

ECOS DA OBRA LITERÁRIA DE WŁADYSŁAW STANISŁAW REYMONT NO BRASIL

*Aleksandra PAJEK**

Władysław Stanisław Reymont, ou propriamente Stanisław Władysław Reymont, ingressou no honroso círculo dos escritores reconhecidos pelo mundo como eminentes graças ao prêmio Nobel de literatura que lhe foi conferido em 1924 pelos quatro volumes do seu romance *Camponeses*. Passou a ser então uma figura conhecida, e as suas obras começaram a ser traduzidas para diversas línguas. O próprio Reymont preservou diante da sua repentina fama um peculiar distanciamento; numa carta ao seu conhecido Alfred Wysocki, que em 1924 foi nomeado legado em Estocolmo, ele brincava dizendo que, após lhe ter sido conferido o prêmio Nobel de literatura, os seus compatriotas seriam capazes de começar a ler as suas obras¹. Elogios à obra do escritor eram tecidos por críticos literários na Polônia e no mundo². Falava-se da sua rara aptidão para descrever os detalhes da vida diária, dos valores atemporais e universais presentes em suas obras, e finalmente da magistral dialetização da língua, dando a impressão de que o próprio autor era oriundo da coletividade camponesa.

* Universidade de Varsóvia.

¹ Barbara KOC, *Reymont*, Warszawa, 2000, p. 190.

² Entre outros, por: Per Hallström, Kjell Strömberg, Józef Trypućko, Stanisław Przybyszewski, Kornel Makuszyński.

Antes de 1924, ou seja, antes de ser conferido a Reymont o prêmio Nobel de literatura, a sua obra encontrava receptores estrangeiros sobretudo entre os nossos vizinhos. As primeiras traduções da prosa de Reymont foram publicadas principalmente em periódicos na área da Rússia, da Alemanha e da República Checa. Entre os mais importantes tradutores do escritor, que fizeram traduções diretamente das versões originais e que em seus países exerciam o papel de embaixadores da cultura polonesa, encontram-se: Jan Kaczkowski (língua alemã), Franck Louis-Schoell (língua francesa), Michał Dziewicki (língua inglesa), Boživoj Prusík i Karel Rypaček (língua checa), Christo Vakarelski (língua búlgara), Fabijonas Neveravičius (língua lituana), Julije Benešić (língua servo-croata), János Tomcsányi (língua húngara) i Ellen Sofia Wester, pseud. Ellen Weer (língua sueca) ³. Esta última, popularizadora da cultura polonesa na Suécia (além de *Camponeses* de Reymont, traduziu também obras de Eliza Orzeszkowa, Stefan Żeromski e Henryk Sienkiewicz), teve com certeza uma grande influência para que a comissão do prêmio honrasse a obra de Reymont.

Até 2010, as obras de Reymont foram traduzidas para mais de trinta línguas⁴. Em alguns países, em razão do frágil conhecimento da língua polonesa, os trabalhos de tradução foram realizados com base em traduções, inglesas, alemãs e francesas. Foi o que aconteceu também no caso das poucas traduções

³ Tadeusz ORACKI, *Reymont w świecie. Bibliografia przekładów wydanych w latach 1900-2000*, Gdańsk, 2005, p. 8-9.

⁴ Ibidem.

das obras do autor para a língua portuguesa, que foram baseadas em versões francesas. Os leitores lusófonos puderam pela primeira vez travar conhecimento com a obra do nosso ganhador do prêmio Nobel em 1942, quando em Lisboa foi publicado o ensaio de sua autoria intitulado *Justiça!*, na tradução do escritor português Domingos Monteiro, que foi também o autor de um prefácio à publicação. A obra foi publicada pela Editora Inquérito e fazia parte da série “Os melhores romances dos melhores romancistas”. O título francês da obra de 1925 era *Justice*⁵ (Justiça). O tradutor português conferiu ao título mais expressão adicionando-lhe o ponto de exclamação – *Justiça!*. Na Polônia, o título da primeira edição de *Justiça*, de 1899, também se encerrava com um ponto de exclamação. A obra foi publicada em Varsóvia pela editora Redakcja i Administracja, dentro da série “Biblioteca de obras selecionadas”. O conto apresenta o trágico destino do jovem camponês Janek Winciorek e de sua mãe. Janek agrediu um administrador em defesa de sua namorada Nastka, pelo que foi condenado à pena de prisão, da qual algum tempo depois fugiu para a sua aldeia natal, o que, infelizmente, não significou a volta à vida antiga. Atormentado em razão das passadas transgressões, decide viajar juntamente com sua mãe ao Brasil, onde esperava encontrar um futuro melhor. Mas a sequência de eventos infelizes leva a um final completamente diverso. Fugindo do administrador, Janek provoca o incêndio da aldeia. Como castigo, os camponeses o queimam vivo em sua própria choupana. Vendo isso, sua mãe se lança por

⁵ Władysław Stanisław REYMONT, *Justice. Le condamné n° 437*, trad. Paul Cazin, André Jacquet, Paris, 1925.

terra, repetindo antes de morrer as palavras: “Justiça! Justiça! Justiça!”, de onde se originou o título da obra.

É preciso reconhecer que a questão da emigração maciça dos camponeses poloneses ao Brasil na passagem do século XIX para o XX despertou um grande interesse dos escritores e articulistas daquele tempo. Em razão das suas pequenas dimensões, *Justiça!* descrevia o fenômeno de forma bastante superficial. Sabe-se, contudo, que Reymont pretendia analisar o problema em profundidade e apresentá-lo no romance *Em terra estranha*. Infelizmente, a obra não chegou a ser realizada em razão dos problemas de saúde do escritor⁶.

No Brasil, as obras de Reymont só foram publicadas em 1963, ou seja, 39 anos após o autor ter recebido o prêmio Nobel. Serviu de estímulo para a tradução da língua francesa para a portuguesa a reedição francesa da tradução da coleção de reportagens *Da terra de Chełm*, à qual foram ainda acrescentados alguns contos anteriormente não publicados na França. Na França o livro foi publicado pela editora parisiense Presses du Compagnonnage em 1962, com o título *L’apostolat du knout. Nouvelles*, fazendo parte da série de livros de ganhadores do prêmio Nobel na área da literatura – „Collection des Prix Nobel de Littérature”. As obras de Reymont foram precedidas de uma introdução de Kjell Strömberg, do discurso de Per Hallström durante a solenidade da entrada do Prêmio Nobel em 10.10.1924, bem como de um ensaio de Józef Trypućko sobre a vida e a obra do escritor polonês. Os textos acima mencionados precedem igualmente a edição brasileira, que, da mesma forma que a francesa,

⁶ Barbara KOC, op. cit., p. 118.

também fazia parte da série de livros de agraciados com o Prêmio Nobel na área da literatura – „Coleção dos Prêmios de Literatura”, editada sob a égide da Academia Sueca e da Fundação Nobel. O título de publicação – *A lei do cnute e contos* – é uma cópia exata do título francês. *A lei do cnute* era o título escolhido para os leitores estrangeiros, desconhecedores da geografia da Polônia, para os quais a tradução exata “Da terra de Chełm” seria provavelmente pouco compreensível. Na tradução de Waldemar Cavalcanti, foram publicados os seguintes contos: „Numa noite de outono”, „A ambição de Jasiiek”, „Morreu a floresta” e „Lavrando a terra”. Todos eles apresentam a difícil vida dos camponeses poloneses na passagem do século XIX para o XX. Mostram os eternos conflitos entre a nobreza e os aldeões e abordam igualmente outros temas, como a emigração dos camponeses ao Brasil em busca de uma vida melhor, bem como as suas perseguições pelas autoridades russas por motivações religiosas. Descrevem finalmente os antagonismos entre os próprios camponeses, a sua obstinação na luta pelas suas razões, a tendência ao alcoolismo e o seu pequeno conhecimento do mundo.

A ilustração na capa da edição francesa, utilizada igualmente na versão brasileira, é de autoria de Pablo Picasso. Apresenta três mulheres dançando em círculo, com cabelos de linho adornados com grinaldas de flores do campo. As ilustrações das reportagens e dos contos são do pintor surrealista italiano Stanislao Leprie, da mesma forma que a capa, aparecem tanto na edição francesa como na brasileira. O artista as executou certamente a pedido de Konstanty Jeleński, um escritor polonês, bem como crítico literário e

artístico da revista *Kultura*, então publicada em Paris. Os caminhos de Lepri e Jeleński cruzaram-se no final de 1951 e início de 1952, por obra da pintora Leonor Fini. A artista se relacionou com Jeleński, mas não era capaz de se afastar do seu companheiro anterior, que era justamente Stanislaw Lepri. No final os três fixaram residência em Paris, formando uma união incomum, que, não obstante todas as convenções, perdurou por quase quarenta anos. Separados somente pela morte, que num período de dezesseis anos levou os três, descansam num só túmulo no cemitério da vila de Saint-Dyé, nas margens do Loire⁷.

O livro *A lei do cnute e contos*, na tradução de Valdemar Cavalcanti, foi editado no Brasil mais duas vezes – em 1971 e em 1973 – publicado pela Editora Opera Mundi, do Rio de Janeiro. A reedição desses contos em terra brasileira permite supor que, apesar de serem um relato do passado, encontravam os seus receptores entre os leitores do país.

Olhando para as poucas traduções portuguesas das obras de Reymont que surgiram até agora, pode-se ter a impressão de que os editores brasileiros, e especialmente os portugueses, não têm dado a esse autor a devida apreciação. Nem em Portugal nem no Brasil surgiram até agora traduções das obras pelas quais Reymont é mais conhecido – são estranhas aos leitores de língua portuguesa obras como *Camponeses* – agraciada com o Prêmio Nobel de literatura, *Terra*

⁷ Maiores informações sobre a vida e a obra do trio de artistas, no artigo de Anna Lipa sobre a exposição “Leonor Fini e Konstanty Jeleński. Retrato duplo”, <http://muzeum.litratyry.pl/dr-anna-lipa-portret-podwojny-o-wystawie/>, acesso 20.09.2015.

prometida, A comediante ou *Fermentos*. Talvez o motivo de tal estado de coisas seja a insuficiente qualidade das traduções até agora feitas, que, sendo traduções da língua francesa, e não diretamente da polonesa, perderam o estilo original da elocução de Reymont. Os contos das edições brasileiras não foram acompanhados de adequados comentários que introduzissem o leitor no seu contexto histórico-cultural. Não se percebe também, na tradução brasileira, a dialetização da língua tipicamente reymontiana, que constitui um dos maiores valores da sua prosa.

Seguindo as pegadas de Reymont no Brasil, não se pode deixar de lado o significativo grupo de receptores da sua obra entre os emigrantes poloneses no país, a grande maioria dos quais era oriunda da aldeia, que foi tão amplamente descrita pelo escritor. Como informa o *Kalendarz Ludu* (Almanaque do *Lud*) de 1948, os camponeses constituíam 95% de todos os emigrantes poloneses no Brasil, 3,5% eram operários e artesãos, 1% comerciantes, e apenas 0,5% eram intelectuais⁸. As causas da emigração da Polônia devem ser percebidas sobretudo na falta de terras para cultivo e no desejo de uma vida melhor, longe do jugo dos ocupantes ou das exigências da nobreza. Boatos sobre distribuição gratuita de terras no Brasil e sobre o transporte gratuito até lá surgiram nas aldeias polonesas por volta do ano 1890, ou seja, no período em que se moldava no Brasil a república federativa, após a derrubada do Império em

⁸ Introdução de Janusz Gmitruk e Jerzy Mazurek à publicação de Jan Krawczyk *Z Polski do Brazylii (wspomnienia z lat 1916-1937)*, Warszawa, 2003, p. XV, apud: *Kalendarz Ludu* 1948, p. 81.

1889⁹. Passando de boca em boca, essas informações adquiriam com frequência um caráter sensacionalista, dando a impressão de que a viagem para além do oceano era uma ocasião única na vida, que devia ser aproveitada. Os boatos sobre a fartura brasileira que circulavam entre as pessoas foram apresentados por Reymont na obra *Justiça!*:

- E por que assim querem atrair para lá os nossos?
- Vocês não sabem? O funcionário lhes explicará isso em detalhes, e na vila estão dizendo que o imperador brasileiro se irritou com a sua gente, por não serem bons católicos e terem os rostos negros como panelas de ferro, então chamou o seu maior funcionário e disse: Já estou farto de olhar para estes porcalhões, porque eles nem sabem cultivar bem a terra nem nada, então é preciso expulsá-los para as montanhas; e traga para cá o povo polonês, porque eles são os melhores camponeses e ouço dizer quem têm pouca terra no seu país, são bons cristãos, ouço dizer... Assim começou tudo, isso é verdade! – concluiu seriamente, e os seus olhos pequenos, astutos, como de uma raposa, percorriam os rostos dos ouvintes como relâmpagos¹⁰.

⁹ Ibidem, p. XI.

¹⁰ Władysław Stanisław REYMONT, *Sprawiedliwie*, obra elaborada no âmbito do projeto Wolne Lektury (Leituras Livres) pela fundação Nowoczesna Polska (Polônia Contemporânea), p. 32, <https://wolnelektury.pl/katalog/lektura/sprawiedliwie/>, acesso 28.08.2015.

A ação dos agentes das companhias marítimas interessadas no transporte de pessoas, que circulavam de aldeia em aldeia falando da fascinante vida além do oceano, encontrou entre os camponeses da Polônia um solo fértil, especialmente no final do século XIX e início do século XX, quando as aldeias estavam superpovoadas, o poder de absorção das cidades limitado e, além disso, os camponeses estavam enfrentando uma crise agrária provocada pela importação à Europa dos cereais da América¹¹. Embora seja difícil estabelecer o número exato dos poloneses que no período da „febre brasileira”, que ocorreu naquele período, viajaram ao Brasil (eles emigravam das três zonas de ocupação e muitas vezes eram registrados pelos brasileiros como cidadãos russos, austríacos ou alemães), calcula-se que nos anos 1890-1912 viajaram para lá mais de 98 mil poloneses¹². Até a eclosão da I Guerra Mundial, pode ter vindo ao Brasil um número total máximo de 115 mil poloneses¹³. Na maioria eles eram analfabetos, que de forma alguma podiam verificar os seus conhecimentos sobre a vida no Brasil. Com a esperança de uma vida melhor, vendiam todo o seu patrimônio e emprendiam a longa e difícil viagem para além do oceano. Chegando ao destino, estabeleciam-se principalmente nos estados meridionais do Brasil, isto é, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde em geral lhes eram entregues lotes em áreas distantes de qualquer civilização, montanhosas e cobertas pela mata. As terras mais adequadas ao cultivo

¹¹ Introdução de Janusz Gmitruk e Jerzy Mazurek à publicação de Jan Krawczyk, op. cit. p. XII.

¹² Ibidem, p. XII-XIII

¹³ Marcin KULA, *Historia Brazylii*, Wrocław, 1987, p. 95.

já haviam sido ocupadas por colonizadores que vieram antes dos seus países¹⁴.

É compreensível que as condições difíceis que tiveram de ser enfrentadas pelos colonos poloneses apresentassem no início prioridades distantes da busca da instrução ou da dedicação à leitura de obras literárias. No entanto, com o passar do tempo, quando os emigrantes poloneses se acostumaram à nova realidade e conseguiram até certo ponto controlar a situação, começou-se a perceber a necessidade da educação, da troca de experiências e ideias. Eram fundadas escolas polonesas e publicados periódicos poloneses. Como informa o padre Zdzislaw Malczewski no livro intitulado *Marcas da presença polonesa no Brasil*, os colonos poloneses no Brasil desenvolveram um amplo sistema escolar. Em 1938, em consequência da política nacionalizadora promovida por Getúlio Vargas, foram fechadas mais de 300 escolas polonesas (nos estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul)¹⁵. Também a imprensa polonesa se expandia de forma dinâmica. Nos anos 1892-1966 surgiram no Brasil quase cem títulos de periódicos polônicos¹⁶, que publicavam em forma de folhetins as obras de diversos autores poloneses. Na sua maioria esses periódicos tinham um caráter efêmero. No entanto o seu número comprova a grande atividade dos emigrantes poloneses nessa área.

¹⁴ Ibidem, p. XVI

¹⁵ Zdzisław MALCZEWSKI, *Ślady polskie w Brazylii / Marcas da presença polonesa no Brasil*, Warszawa, 2008, p. 49.

¹⁶ Ibidem, p. 213.

Difícil se torna realizar uma pesquisa em meio a todos esses títulos da imprensa em busca de vestígios da obra de Reymont. Pode-se apenas supor que as reimpressões das suas obras fossem mais frequentes após 1924, quando recebeu o prêmio Nobel de literatura e aumentou muito a sua popularidade. Sabe-se com certeza que o conto de Reymont já anteriormente citado várias vezes, intitulado *Justiça!*, foi publicado em folhetins na “Seção literária” do suplemento “Escolas polonesas” do semanário *Polak w Brazylii* (O polonês no Brasil), fundado em 1904 por Kazimierz Warchałowski, um ativo líder social, que buscava a melhoria da situação dos emigrantes poloneses no Paraná e também conhecido de Władysław Stanisław Reymont¹⁷. Esse viajante, que voltava de vez em quando à Polônia, organizava em sua residência em Cracóvia encontros durante os quais falava do distante e exótico país que para os europeus era o Brasil. Entre os ouvintes que se reuniam para ouvir esses insólitos relatos podiam ser encontrados Reymont, Konstanty Buszczyński, Józef Szlenker ou Roman Dmowski. Os convidados fumavam cigarros e cachimbos, e a sua vontade de agir em prol da melhoria do destino dos colonos no Paraná crescia na proporção da quantidade da bebida alcoólica consumida. Warchałowski queria fundar no Brasil um banco polonês. Na lista dos subscritores dessa incomum ação encontram-se também os acima citados convivas. No caso de ser fundado um Banco Colonial no Paraná, Reymont comprometeu-se a entrar no empreendimento

¹⁷ Jerzy MAZUREK, *Piórem i czynem. Kazimierz Warchałowski (1872-1943) – pionier osadnictwa polskiego w Brazylii i w Peru*, Warszawa, 2013, p. 101.

com a participação de 1.000 rublos. Isso ocorreu em 1902¹⁸.

Justiça! foi publicado no semanário *Polak w Brazylui* em treze números sucessivos, do número 39, de 27 de setembro, ao número 51, de 20 de dezembro de 1907¹⁹. Naquele mesmo ano o ensaio foi publicado no seu todo, como uma edição do *Polak w Brazylui*, pela Livraria Polaca, fundada em Curitiba também por Kazimierz Warchałowski e dirigida, juntamente com a tipografia, por sua esposa, Janina Warchałowska. A livraria propagava a literatura polonesa em grande escala. Não somente vendia, mas também emprestava livros. Informações a respeito da chegada de novas obras literárias eram transmitidas aos emigrantes por intermédio do *Polak w Brazylui*²⁰. Após a volta de Warchałowski à Polônia, em junho de 1919, o jornal deixou de circular – o último número foi publicado no dia 18 de agosto de 1920²¹. Coube o mesmo destino à Livraria Polaca, a qual, comprada por um primo de Warchałowski, Franciszek Dergint (aliás da mesma forma que o jornal), funcionou somente até o ano de 1922²². Como se vê, o carisma e as aptidões de liderança de Warchałowski dificilmente podiam ser substituídos.

Um outro vestígio da presença de Reymont na consciência dos colonos poloneses no Brasil foi o colégio que tinha o seu nome e que funcionou em Guarani das Missões, Rio Grande do Sul, de 1927 até provavelmente 1936. Esse colégio era considerado como um dos

¹⁸ Barbara KOC, op. cit., p. 101.

¹⁹ Jerzy MAZUREK, op. cit., p. 101.

²⁰ Ibidem, p. 144-145.

²¹ Ibidem, p. 180-183.

²² Ibidem, p. 148-149.

melhores no Brasil. Estudou nele Jan Krawczyk, autor das memórias *Z Polski do Brazyliei* (Da Polônia ao Brasil), que assim recorda a missão e a organização daquele centro:

O colégio foi planejado pelos fundadores como uma instituição que prepararia novos pedagogos para as colônias polonesas, preparado para o ensino tanto em língua polonesa como portuguesa. Os professores que até então trabalhavam nas escolas polonesas não conheciam bem a língua portuguesa, visto que todos eram oriundos da Polônia. A falta dessa qualificação dificultava o atendimento às exigências das autoridades escolares no Brasil²³.

Certamente torna-se difícil descobrir por que justamente Reymont tronou-se o patrono dessa instituição de ensino. Muitos detalhes apontam para o fato de que isso pôde ter sido uma ideia do diretor do colégio, Czesław Downar, que lecionava a língua, a história e a literatura polonesa. Como escreve Krawczyk, Downar era um “recém-chegado”²⁴, uma pessoa que tinha vindo da distante Polônia, apaixonada pelas obras de Reymont após lhe ter sido outorgado ao escritor prêmio Nobel de literatura. Reymont estava então na moda e parecia compreender a fundo a alma camponesa. Não se sabe, infelizmente, se em razão desse patronato as obras do escritor polonês ocupavam algum lugar especial no plano de ensino do colégio. Em suas memórias Jan Krawczyk menciona apenas que os

²³ Jan KRAWCZYK, op. cit., p. 193.

²⁴ Ibidem, p. 196.

educandos liam “as obras de eminentes autores poloneses”²⁵, sem especificar que obras eram essas. Uma das causas do fechamento do colégio foi a impossibilidade de um acordo com o Padre Jan Wróbel, dirigente do agrupamento clerical na coletividade de Guarani das Missões, partidário da introdução do ensino católico, e o grupo progressista, que se pronunciava pela manutenção do ensino laico e ao qual pertencia um grupo de alunos e de colonos juntamente com o professor Jan Klidzio, que era professor de geografia e de história do Brasil em língua portuguesa²⁶. Provavelmente ainda em 1936, por iniciativa social, a escola voltou a funcionar com o nome de Colégio Polono-Brasileiro Ladislau Reymont.

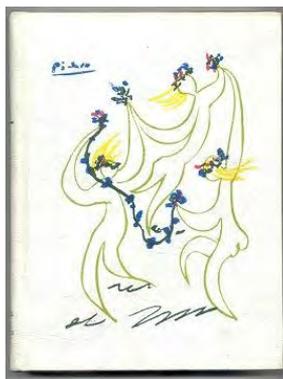
Sintetizando, a obra de Władysław Stanisław Reymont permanece basicamente desconhecida dos leitores portugueses e brasileiros, e as traduções até agora feitas, a partir da língua francesa, necessariamente não são tão boas como poderiam ser caso tivessem sido feitas diretamente da língua polonesa, com a preservação das marcas da dialetização e com comentários adequados que introduzissem o leitor no adequado contexto histórico-cultural. Intrigante é também a total ignorância dos editores portugueses e brasileiros em relação à obra principal de Władysław Stanisław Reymont – o romance *Camponeses*, laureado com o prêmio Nobel. Parafraseando a frase de Adam Mickiewicz, pode-se arriscar a afirmação de que a obra de Reymont em terra brasileira mereceu a atenção apenas das “cabanas” da comunidade polônica local,

²⁵ *Ibidem*, p. 198.

²⁶ *Ibidem*, p. 289.

Polônia

permanecendo quase que totalmente ausente das residências dos seus moradores originais.



Capa de autoria de Pablo Picasso para a edição francesa e brasileira da coleção de reportagens de Reymont sob o título *A lei do cnute e contos*.



Capa da primeira edição polonesa do ensaio romântico *Justiça!*, de 1899.

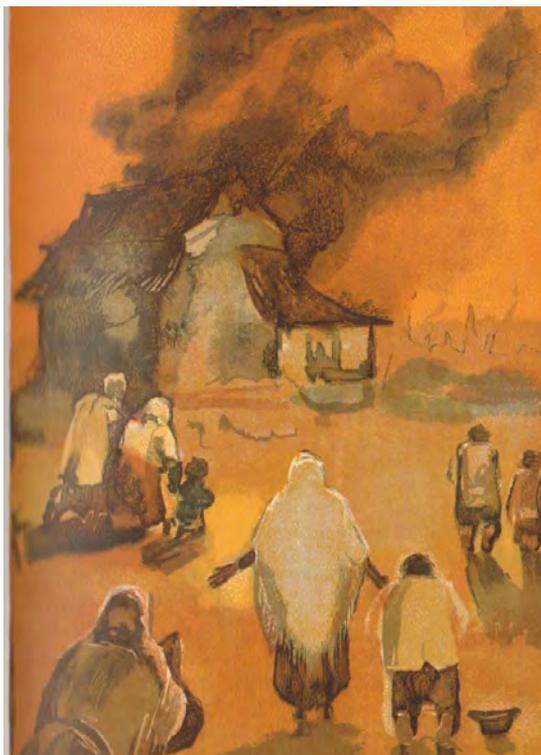


Ilustração de Stanislaw Lepri para a edição francesa e brasileira da coleção de reportagens de Reymont *A lei do cnute e contos*.

Bibliografia

KOC, Barbara. *Reymont*. Warszawa: Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, 2000.

KRAWCZYK, Jan. *Z Polski do Brazylii (Wspomnienia z lat 1916 – 1937)*. Warszawa: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, 2003.

KULA, Marcin. *Historia Brazylii*. Wrocław: Ossolineum, 1987.

MALCZEWSKI, Zdzisław, *Ślady polskie w Brazylii / Marcas da presença polonesa no Brasil*. Warszawa: Biblioteka Iberyjska, 2008.

MAZUREK, Jerzy. *Piórem i czynem. Kazimierz Warchałowski (1872 – 1943) – pionier osadnictwa polskiego w Brazylii i w Peru*. Warszawa: Biblioteka Iberyjska, 2013.

ORACKI, Tadeusz. *Reymont w świecie. Bibliografia przekładów wydanych w latach 1900 – 2000*. Gdańsk: Wydawnictwo Uniwersytetu Gdańskiego, 2005.

REYMONT, Władysław Stanisław. *A lei do cnute e contos*, trad. Valdemar Cavalcanti, introd. Kjell Strömberg, Per Hallström, Józef Trypućko. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1963.

_____. *Sprawiedliwie*, obra elaborada no âmbito do projeto Wolne Lektury pela Fundação Nowoczesna Polska, p. 32. <https://wolnelektury.pl/katalog/lektura/sprawiedliwie/>, acesso: 20.08.2015.

SZOF Hanna. Aud. o Władysławie Stanisławie Reymoncie z cyklu *Biografie niezwykle* (26.01.2009), <http://www.polskieradio.pl/39/156/Artykul/722862,Mowimy-Reymont-myslimy-Chlopi>, acesso: 14.08.2015.

RESUMO – STRESZCZENIE

Władysław Stanisław Reymont wszedł do zaszczytnego grona pisarzy uznawanych przez świat za wybitnych dzięki przyznanej mu w 1924 roku literackiej Nagrody Nobla za powieść „Chłopi”. Do roku 2010 dzieła Reymonta przetłumaczono na ponad trzydzieści języków. W niektórych krajach, z powodu słabej znajomości języka polskiego, tłumaczenia wykonano w oparciu o tłumaczenia angielskie, niemieckie i francuskie. Szkic powieściowy Reymonta „Sprawiedliwie” został przetłumaczony na język portugalski w Portugalii przez pisarza Domingosa Monteiro. W Brazylii czytelnicy zetknęli się z Reymontem dopiero w roku 1963, kiedy tłumacz, dziennikarz i krytyk literacki Waldemar Cavalcanti dokonał tłumaczenia zbioru reportaży „Z ziemi Chełmskiej” oraz kilku innych opowiadań polskiego pisarza. Tłumaczenia w Portugalii i Brazylii zostały wykonane na podstawie tłumaczeń francuskich. Niestety, ani w Brazylii ani w Portugalii nie ukazały się dotąd tłumaczenia innych utworów Reymonta, włącznie z najbardziej znanym jego dziełem, jakim jest powieść „Chłopi”. Natomiast w Brazylii Reymont miał dużą grupę odbiorców wśród tamtejszych emigrantów polskich. W prasie polonijnej w Brazylii ukazały się przedruki jego dzieł, np. „Sprawiedliwie” ukazało się w odcinkach w tygodniku „Polak w Brazylii” w roku 1907. Innym śladem obecności Reymonta w świadomości polskich kolonistów w Brazylii było kolegium nauczycielskie jego imienia, które funkcjonowało w Guarani das Missões, w stanie Rio Grande do Sul, w latach 1927-1936.

COOPERAÇÃO CIENTÍFICO-DIDÁTICA ENTRE A POLITÉCNICA DE KIELCE E UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

*Stanisław ADAMCZAK**

Serviu de inspiração para os contatos científicos e didáticos entre universidades do Brasil e da Polônia a iniciativa do Governo Brasileiro da participação de uma missão educacional polonesa no Brasil. Essa iniciativa foi uma consequência do programa instituído no ambiente acadêmico brasileiro “Ciência sem fronteiras”, cujo objetivo principal é o estabelecimento da cooperação dos centros educacionais brasileiros com os países da União Europeia, entre eles a Polônia – um país de significativa posição no dinâmico desenvolvimento em todas as áreas relacionadas com o progresso civilizacional. A cooperação proposta é direcionada principalmente à oferta de estudos na Polônia para um grande grupo de jovens brasileiros. Por essa razão a missão educacional polonesa que veio ao Brasil em 2014 serviu de teste para as possibilidades de realizar estudos na Polônia, visto que foram organizados numerosos encontros com representantes dos ministérios brasileiros (Ministério da Educação, Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações e Ministério das Relações Exteriores), bem como apresentações das universidades polonesas

* Reitor da Politécnica de Kielce nos anos 2008-2012 e 2012-2016.

que participaram da mencionada missão na Universidade de Brasília, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná em Curitiba e na Universidade do Rio de Janeiro.

Da mencionada missão educacional participou igualmente a Politécnica de Kielce, cujo representante estabeleceu estreitos contatos com a comunidade polônica brasileira, bem como com instituições polonesas no Brasil, especialmente com o Consulado da Polônia em Curitiba e com a Congregação missionária da Sociedade de Cristo, que tem a sua sede brasileira em Curitiba, representada pelo padre provincial Casimiro Długosz.

Uma consequência posterior desses contatos foi, em 2015, a visita de exploração de Sua Magnificência o Reitor da Politécnica de Kielce Prof. Dr. Eng. Stanisław Adamczak, juntamente com o Diretor da Seção de Cooperação Estrangeira da universidade, Ryszard Maj. Durante essa visita foi planejada e organizada uma visita oficial ao estado do Paraná, que ocorreu em agosto de 2015. O resultado dessa visita foram os acordos de cooperação com universidades brasileiras: UNICENTRO em Irati, UNIVALE em União da Vitória, bem como PUC-PR e UNESPAR em Curitiba. Igualmente foram elaboradas as condições para a assinatura por correspondência de um acordo com a universidade UNIVATES em Lajeado, no Estado do Rio Grande do Sul. Também no decorrer da estada da delegação da Politécnica de Kielce foi assinado um acordo com os municípios de Marechal Mallet e Cruz Machado, especialmente relacionado com o ensino da língua polonesa para os candidatos aos estudos em Kielce.

Uma consequência da assinatura do acordo em 2015 foram as visitas de representantes da Politécnica de Kielce às universidades UNIVATES, PUC-PR e UNESPAR em Curitiba. Merece atenção especial a participação da representação do Departamento de Administração e Modelagem Computadorizada. Essa delegação também estabeleceu contato com a universidade UNIUV de União da Vitória, bem como participou de encontros com jovens que estudam a língua polonesa. Do material apresentado resulta claramente que foram cumpridas todas as condições para que os contatos estabelecidos produzam os efeitos concretos da cooperação científico-didática na realização do programa “Ciência sem fronteiras”.

Um exemplo positivo da cooperação estabelecida foi igualmente, em 2015, a estada de representantes do Departamento de Eletrotécnica, Informática e Automatização da Politécnica de Kielce na universidade UNIVATES, na cidade de Lajeado, no estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. No decorrer dessa visita foi estabelecido um detalhado programa de cooperação, especialmente no âmbito da atividade científica e didática na área da informática.

A cooperação estabelecida pode também dizer respeito a outras áreas – sobretudo a contatos no âmbito da cultura e da arte. Um exemplo dessa atividade foi a participação, em 2015, do conjunto vocal-instrumental *Wolosatki* no estado do Paraná, durante a qual o grupo realizou cinco concertos com a apresentação de canções turísticas, escoteiras e folclóricas cantando em língua portuguesa, inglesa e polonesa. A entusiástica recepção e apreciação da criatividade apresentada testemunha a grande necessidade da manutenção de formas concretas

de atividade cultural, que possibilitam grandes possibilidades de contatos amigos entre as nações polonesa e brasileira.

Um exemplo positivo da cooperação estabelecida foi a visita à Politécnica de Kielce de uma delegação da universidade UNIUV, no âmbito da qual foi analisado um detalhado programa de cooperação. Um acontecimento importante foi a comunicação da estudante Ivete Oczust apresentada em língua polonesa sobre o tema: “Identidade, língua e cultura dos habitantes do município de Cruz Machado no estado do Paraná, no Brasil”.

Em 2015 a Politécnica de Kielce comemorou os 50 anos do seu surgimento como a única escola superior técnica pública na região. Uma instituição que continua as tradições da primeira instituição de ensino técnico superior surgida em terras polonesas – a Escola Acadêmico-Mineira fundada em 1816 por Stanisław Staszic, cujo surgimento esteve relacionado com os 200 anos de funcionamento das instituições superiores de ensino técnico na Polônia. Esse jubileu serviu de inspiração para a elaboração da árvore genealógica do ensino técnico polonês, envolvendo as 21 escolas que atualmente funcionam na Polônia. Essa escola, que funcionou por dez anos, conseguiu formar 42 engenheiros. Eles eram eminentes especialistas, extremamente necessários para a Região Industrial da Antiga Polônia que então surgia, que era um símbolo importante do início da revolução científico-industrial que igualmente ocorreu nas áreas da Polônia ocupadas então pelos conquistadores. Essa escola foi transferida principalmente a Varsóvia, criando vínculos

permanentes para a Politécnica de Varsóvia atualmente em funcionamento, bem como a Cracóvia, no âmbito do projeto do desenvolvimento do ensino técnico superior. Por isso a Academia Mineiro-Metalúrgica Stanisław Staszic, que funciona há mais de cem anos, remonta com as suas tradições às raízes de Staszic da escola de Kielce.

Após muitos anos, na segunda metade do século XX voltou à região o projeto de instituir a educação superior. Os primórdios dessa concepção “vieram” da próxima Cracóvia, visto que no final dos anos 50 e no início dos anos 60 do século passado foi organizado em Kielce um ponto de consulta da Academia Mineiro-Metalúrgica e da Politécnica de Cracóvia, cujos professores acadêmicos, liderados pelo Prof. Zbigniew Engel, doutor *honoris causa* da Politécnica de Kielce, envolveram-se no processo de criar em Kielce uma escola técnica autônoma. Um efeito dessa atividade foi a criação, no dia 3 de junho de 1965, da Escola Superior de Engenharia de Kielce-Radom, bem como a elaboração da concepção e o preparo da documentação para a construção do *campus* da universidade numa área então situada fora da cidade. O corpo acadêmico era formado principalmente por professores de Cracóvia, liderados pelo Prof. Bronisław Ślusarczyk – o primeiro reitor da universidade –, pelo Prof. Zdzisław Trylski, bem como por professores das escolas técnicas médias de Kielce e Ostrowiec Świętokrzyski, que “rapidamente” obtiveram as qualificações acadêmicas, edificando as bases didáticas permanentes da nova escola superior.

Uma segunda etapa de desenvolvimento foi a afluência de professores acadêmicos provenientes

principalmente da Politécnica de Varsóvia, tendo à frente o Prof. Henryk Fraçkiewicz, o segundo reitor da universidade, bem como o Prof. Jan Osiecki, doutor *honoris causa* da Politécnica de Kielce. Um efeito dessa “nova onda” foi a instituição de estudos de mestrado, a conquista do direito para a atribuição do grau científico de doutor em ciências técnicas e a outorga à escola superior, em 1974, do nome Politécnica de Kielce – um nome que até o dia de hoje é um símbolo da união permanente da universidade com a região, a sua história e a tradição que remonta ao início do cristianismo na Polônia, relacionada com a localização das Relíquias do Lenho da Santa Cruz.

As conquistas da Politécnica de Kielce permitem afirmar que no ano do jubileu dos cinquenta anos de atividade a escola atingiu um alto posto e prestígio na região, na Polônia e até no exterior. Entre essas conquistas contam-se, por exemplo:

- um imponente *campus* localizado no centro da cidade, possuindo todos os prédios e instalações reformados ou recém-construídos;
- 5 departamentos, que possuem no conjunto sete autorizações para a concessão de graus científicos de doutor em ciências técnicas e três autorizações para a concessão do grau de doutor habilitado;
- dez mil estudantes que estudam no sistema integral (diário) e não integral (a distância);
- setenta e três laboratórios em nível mundial, equipados de modernos equipamentos de medição e produção;
- formação específica em especialidades de engenharia raramente encontradas: tecnologias de *laser* e plasma, técnica de armamento, preservação de prédios

históricos, transporte com base em laboratórios móveis, arquitetura em estreito relacionamento com as necessidades da região (práticas de inventário de prédios históricos, pintura ao ar livre, elaboração de concepções arquitetônicas de futuros investimentos regionais), *design* industrial na concepção da engenharia;

- formação dos estudantes em dezoito áreas de estudos, envolvendo toda a gama do conhecimento técnico, necessários para alcançar o desenvolvimento e o progresso civilizacional;

- elevada posição na região através da participação em muitas iniciativas da voivodia de Kielce, ampla e perfeita cooperação com as escolas de nível médio;

- atividade dinâmica no âmbito da cultura pela organização de muitos eventos culturais de alcance nacional, bem como na área do esporte – o AZS Politécnica de Kielce é o único clube esportivo que possui quinze seções, três das quais com equipes nas ligas nacionais.

A Politécnica de Kielce, que comemorou em 2015 o jubileu de meio século de atividade, há muitos anos promove um programa de estreita colaboração com a economia. Numa universidade moderna, a formação dos estudantes e o desenvolvimento científico da equipe de recursos humanos devem corresponder às exigências sociais. Ao envolver-se nesse movimento, a Politécnica de Kielce tornou-se uma forja na formação de especialistas, não somente para a indústria, mas também para diversos tipos de serviços, especialmente para a administração. São justamente os formados por essa instituição de ensino superior que determinam o

sucesso e o desenvolvimento da voivódia de Kielce. Trata-se, no entanto, de uma área singular, na qual o futuro não pode ser moldado sem olhar para o passado. E este se apresenta como extremamente interessante para quem queira utilizar-se do conhecimento técnico no desenvolvimento da civilização moderna. Na região de Kielce ocorreram acontecimentos e processos memoráveis que determinam o progresso industrial. O seu conhecimento é fascinante e proporciona o sentimento de orgulho de que no revezamento das gerações a Politécnica de Kielce tornou-se a herdeira de tão excepcionais tradições, que constituem uma incessante inspiração na formação dos estudantes, no trabalho científico-investigativo e na tendência da coletividade acadêmica para ser útil.

Servirão para enfatizar esses importantes jubileus dois pedestais de autoria de Sławomir Micek descerrados durante as comemorações desses importantes aniversários, isto é, o pedestal de Stanisław Staszic – fundador da Escola Acadêmico-Mineira e o pedestal de Eugeniusz Kwiatkowski – criador da Região Industrial Central, professor acadêmico da Universidade Econômica de Cracóvia (antiga Escola Superior de Economia).

A Politécnica de Kielce promove, ao custo de 2 800 euros anuais, a formação de estudantes do exterior em áreas selecionadas em língua inglesa e em áreas superiores em língua polonesa. À disposição de todos os estudantes estrangeiros há nas casas dos estudantes localizadas no *campus* da universidade quartos para duas pessoas, com banheiros e cozinhas anexas, ao preço de 100 euros mensais.

São especialmente bem-vindos os estudantes de origem polonesa do Brasil, para os quais a Politécnica de Kielce assegura um programa adicional que possibilita o conhecimento da história, da cultura e da tradição do país dos antepassados.

RESUMO – STRESZCZENIE

W ostatnich latach obserwujemy wzrost współpracy naukowo-dydaktycznej pomiędzy uczelniami Polski i Brazylii.

Autor tekstu – były rektor Politechniki Świętokrzyskiej – pisze o doświadczeniach swojej uczelni w kontaktach z brazylijskimi ośrodkami naukowymi. Prezentuje także szkic historyczny tej młodej jeszcze – bowiem liczącej ponad 50 lat – uczelni technicznej w Kielcach.

A QUEDA DO IMPÉRIO HABSBURGO E A CRIAÇÃO DE NOVOS PAÍSES

*Jerzy MAZUREK **

A maioria dos historiadores que se dedicam ao problema da dissolução da Áustria-Hungria procura responder à indagação a respeito de quais foram as causas dessa dissolução e se ela era inevitável. Pode-se, no entanto, inverter a questão e perguntar: quais foram os motivos por que um estado tão anacrônico pôde, apesar de tudo, subsistir por tanto tempo? Com efeito, a monarquia austro-húngara era um estado de regime muito peculiar. Propriamente não se tratava de um único estado, mas – no que diz respeito à área das relações internas – de dois estados iguais e independentes um do outro: o austríaco e o húngaro. Ambas as partes componentes da monarquia possuíam parlamentos próprios, governos próprios, sistemas jurídicos próprios e sistemas de magistratura próprios. Comuns a toda a Áustria-Hungria eram unicamente o exército, a moeda, a área alfandegária, a política exterior e também – evidentemente – o monarca: Francisco I, que reinava desde 1848.

O que era, então, a Áustria-Hungria e de onde surgiu? Eis que a Áustria-Hungria, também chamada Monarquia Austro-Húngara ou Imperial-Real, era um estado que ocupava uma significativa área da Europa central e meridional, contando 676.616 km². Esse

* Universidade de Varsóvia.

território envolvia em sua totalidade a área da atual Áustria, Croácia, República Checa, Eslováquia, Eslovênia, Hungria, a Bósnia e a Herzegovina (que a partir de 1878 permaneciam sob a administração temporária da monarquia e em 1908 foram anexadas), e em parte a Polônia, a Romênia e a Ucrânia. Em 1914 viviam esse território 52.523.254 habitantes, dos quais os grupos dominantes – os alemães austríacos e os húngaros – contavam no total 22 milhões de habitantes (ou seja, 43%). A mais numerosa parte componente da população da Áustria-Hungria era constituída pelos eslavos (croatas, checos, poloneses, eslovacos, eslovenos, sérvios, ucranianos) – 24 milhões (47,5%)¹.

A monarquia austro-húngara surgiu em 1867, em consequência da transformação do absolutista e centralizador Império Austríaco (1804-1867). O fator crucial desse processo eram as ambições das nações que habitavam as terras dos Habsburgos – sobretudo dos húngaros, que despertaram após a Primavera dos Povos nos anos 1848-1849², bem como a perda da Lombardia (Itália) em favor do Reino da Sardenha, por força do tratado de paz de Villafranca, em 1859. O conflito seguinte, desta vez com a Prússia, demonstrou a fraqueza do estado austríaco, e a batalha de Sadova, em 1866, foi uma grande derrota para os exércitos imperiais. Os exércitos prussianos ocuparam Praga, Brno e ameaçavam Viena. Finalmente a Áustria teve de pedir a paz, que foi ditada pelo chanceler da Prússia –

¹ Henryk BATOWSKI. *Rozpad Austro-Węgier (Sprawy narodowościowe i działania dyplomatyczne)*. 2.ed. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1982, p. 16-20.

² Ocorreu então uma revolução na Hungria, que foi cruelmente reprimida pela Áustria.

Otto von Bismarck (1815-1898). Viena concordou com o pagamento de indenizações, e também com a incorporação de Schleswig-Holstein à Prússia e da Veneza à Itália. A Áustria não sofreu outras perdas visto que a Prússia não queria ter nela um inimigo inflexível, tanto mais que havia atingido plenamente o objetivo colimado – eliminou a Áustria como a principal rival no caminho da unificação da Alemanha.

A questão mais problemática da monarquia austro-húngara eram as minorias nacionais, que constituíam a maior parte da população desse estado bissegmentado. Cada grupo étnico visava a participar da vida política da monarquia, nas mesmas condições dos húngaros ou dos austríacos. No entanto a Hungria não via com bons olhos quaisquer concessões em relação às minorias nacionais. Aliás, entre os próprios húngaros e austríacos também ocorriam numerosos conflitos. Um deles era a disputa a respeito da língua em que deviam ser dados os comandos no exército. O único elo que unia as diversas nacionalidades era a pessoa do imperador da casa dos Habsburgos. Mas tal elemento de união mostrou não ser muito permanente, principalmente na segunda metade do século XIX, quando na Europa iam surgindo os estados nacionais, e as nações subjugadas pelos Habsburgos começaram a lutar pelos seus direitos, e finalmente pela sua independência.

Os habitantes da Áustria-Hungria eram também atingidos por conflitos de caráter religioso ou social. O motivo destes era o desigual desenvolvimento econômico da monarquia, que estava bem menos desenvolvida que os principais estados europeus. A grande maioria da população mantinha-se ainda com a

agricultura. Em 1910, na Áustria 53,1% da população dedicavam-se à economia agrícola e 24% à indústria; na Hungria, essas proporções eram respectivamente de 66,7% e 16,2%. A indústria concentrava-se então principalmente nas províncias ocidentais da monarquia: na Áustria propriamente dita, na Chéquia, principalmente na sua parte setentrional e ocidental, na Morávia e na Silésia. As províncias orientais, entre as quais quase toda a Hungria, constituíam a base das matérias-primas e da agricultura do estado. A principal razão dos conflitos era a estrutura da propriedade da terra. As enormes propriedades dos membros da dinastia, do clero e da aristocracia contrastavam com as propriedades pequenas e anãs, nas quais vegetavam as grandes massas do campesinato. Da miséria, e alguma vezes até da morte pela fome, esses camponeses salvavam-se emigrando aos Estados Unidos, mas também ao Brasil e à Argentina.

No entanto os Bálcãs, nos meados do século XIX, tornaram-se um território de especial significado político e militar. Essa região, que permanecia sob o controle do enfraquecido Império Otomano, era também extremamente importante por razões econômicas. Situada entre o Mar Adriático e o Mar Negro, era cortada por numerosas rotas comerciais, que uniam o Oriente Médio com a Europa. Nos portos do Mar Negro florescia o comércio, e pelo Danúbio eram transportadas mercadorias numa extensão de quase três mil quilômetros. O controle dessas áreas fornecia um forte argumento nas relações internacionais. O interesse pelos Bálcãs intensificava-se, além disso, pela crescente consciência nacional entre os habitantes daquelas províncias, principalmente entre os eslavos, porquanto

eles estavam em busca de aliados, esperavam pela ajuda de fora e alimentavam a esperança de uma intervenção estrangeira que lhes ajudasse a lutar mais eficazmente pelos próprios interesses. Os nascentes nacionalismos visavam ao mesmo tempo a concentrar todos os membros da nação num só estado, e então surgiam insistentes apelos pela união com os irmãos que habitavam as multinacionais monarquias da Áustria-Hungria ou da Rússia. Evidentemente, torna-se desnecessário acrescentar que os governos desses países – especialmente Viena – não estavam interessados nisso.

Pelas razões acima, estavam interessadas pelos Bálcãs sobretudo a Rússia e a Áustria-Hungria. As autoridades desta, que ao sul fazia fronteira com as possessões turcas na Europa, davam a essa região uma atenção especial, porquanto as inquietações balcânicas eram animadas pelas tendências separatistas no estado dos Habsburgos. As ações austríacas direcionavam-se então contra a libertação das nações, o que por sua vez contava com a desaprovação da Rússia. No entanto o mais sério conflito com Petersburgo dizia respeito aos planos de expansão austríaca nos Bálcãs. Para a Áustria-Hungria, tratava-se de áreas naturais de expansão territorial, com as quais a economia dos Habsburgos esteve desde sempre unida. A província turca que avançava mais para o noroeste, a Bósnia e a Herzegóvina, constituía uma base para a Dalmácia austríaca, e pelo Danúbio desciam ao Mar Negro as mercadorias exportadas pela monarquia. A dominação russa na península balcânica levaria ao envolvimento econômico dos Habsburgos, bem como eliminaria as esperanças de Viena quanto às vantagens auferidas do domínio do porto de Salônica. Por essa razão as

questões balcânicas eram o aspecto mais importante da política exterior austríaca e decidiam a respeito das relações da Áustria-Hungria com as potências da Europa.

O território dos Bálcãs constituía também uma área natural da expansão da Rússia, cujo objetivo final era o domínio dos estreitos de Bósforo e de Dardanelos, que uniam o Império Russo com o Mar Mediterrâneo. Os tsares havia séculos desejavam dominar o comércio levantino, retirando com isso aos ingleses e aos franceses as influências no Oriente Médio. Com as tendências expansionistas entrelaçava-se igualmente a ideologia espalhada entre os russos do chamado pan-eslavismo, surgida da doutrina dos eslavófilos, cujo objetivo era a unificação de todos os eslavos pela Rússia sob o cetro dos Romanov. As nações balcânicas viam na Rússia a sua maior aliada, que deveria libertá-las do jugo muçulmano. Tecia-se o sonho da reconstrução da “nova Bizâncio”, com a capital em Constantinopla, e a sustentação do estado eslavo devia ser a famosa dinastia e a religião ortodoxa. Esses fatores faziam com que fossem vivas na política exterior as aspirações de subordinar as áreas da Península Balcânica.

Uma importante etapa na rivalidade pelos Bálcãs foi a Guerra da Crimeia, que se travou nos anos 1853-1856. A paz de Paris, que encerrou a guerra, estabilizou a situação nessa região por quase vinte anos. A Rússia, que saiu da guerra vencida, iniciou um processo de reformas que acarretaram uma intensa industrialização e uma significativa animação econômica. Desenvolvia-se a indústria extrativa e metálica, de ano em ano crescia a exploração do petróleo, florescia a tecelagem. Ocupava um lugar

especial na economia russa a exportação de cereais da Ucrânia para os mercados europeus, que eficazmente rivalizava com a concorrência americana. O intercâmbio comercial, de maneira especial a exportação de cereais (mais de 50%), realizava-se em grande medida através dos portos do Mar Negro. Naquele tempo, conquistaram a sua diversidade nos Bálcãs em relação à Turquia estados como Montenegro (1858), Romênia (1861) e Sérvia (1867). Novos levantes antitúrcos eclodiram nos anos 1875-1876 nos territórios da Bósnia, Herzegovina e Bulgária. Esses levantes foram apoiados pela Sérvia e por Montenegro, ao lado dos quais em breve colocou-se a Rússia. A respeito das dimensões da vitória alcançada pela Rússia testemunhava a paz de San Stefano (1878), que sancionou o surgimento da Grande Bulgária. As condições desse entendimento inquietaram a Alemanha. Num congresso convocado por Bismarck para Berlim, foram revistas as decisões do acordo anteriormente concluído, privando a Rússia das influências havia pouco conquistadas. A Bulgária surgiu num formato territorial reduzido, e ainda como feudo turco. Além disso, os participantes do congresso permitiram à Áustria-Hungria a ocupação da Bósnia e da Herzegovina. Foi ainda confirmada a independência da Romênia, da Sérvia e de Montenegro.

O Congresso de Berlim desvendou a existência de um profundo antagonismo entre a Rússia e a Alemanha e a Áustria-Hungria. A eclosão de uma guerra entre os campos hostis parecia inevitável, e um fator que a apressou foi uma nova complicação da situação nos Bálcãs. Após as derrotas dos anos 70, a Turquia não tinha condições de dar conta da crescente crise do estado. A dissolução do império (perda das

possessões africanas) vinha acompanhada de cruéis repressões diante da oposição e de carnificinas de súditos não turcos. A Alemanha e a Áustria-Hungria cada vez mais insistentemente buscavam a tomada das possessões turcas pelas suas influências – porquanto pelos Bálcãs e pelo Bósforo estendia-se o caminho para o Oriente (construção da ferrovia Berlim-Bagdá). A derrota da Rússia na guerra com o Japão (1904-1905) e a revolução promovida em Istambul pelos jovens turcos³ animaram Viena a proclamar a anexação da Bósnia e da Herzegóvina em 1908. O grande crescimento do significado da Áustria-Hungria nos Bálcãs não podia ser compensado pela proclamação da plena independência da Bulgária, apoiada pela Rússia. Nos anos 1912-1913 a península foi abalada por duas chamadas guerras balcânicas. A primeira foi o resultado do apoio dado por Montenegro, Sérvia, Bulgária e Grécia ao levante antiturco na Albânia e na Macedônia, e o seu resultado foi a quase total remoção da Turquia dos Bálcãs (paz de Londres – 1913), além de mudanças fundamentais de fronteiras e do surgimento da Albânia independente. A segunda guerra balcânica foi iniciada pela Bulgária, não satisfeita com as aquisições territoriais do conflito anterior. Os búlgaros, no entanto, cederam à coalizão dos sérvios, gregos, romenos e turcos (paz de Bucareste

³ Movimento da Jovem Turquia – movimento nacionalista e modernista na Turquia, na passagem do século XIX para o XX, que buscava a derrubada da monarquia otomana e a modernização do país. Mais sobre este tema: Carter V. Findley. *Bureaucratic Reform in the Ottoman Empire: The Sublime Porte, 1789–1922*. Princeton University Press: Princeton, New Jersey, 1980.

– 1913). As derrotas sofridas por Sófia e por Istambul aproximaram os governos desses países da Tríplice Aliança.

Apesar do término das duas guerras, a ebulição no “caldeirão balcânico” atingia o seu zênite. A Turquia sofreu grandes perdas na primeira etapa das lutas, a Bulgária na segunda, a Sérvia lutava pelos portos do Adriático, a Bósnia e a Herzegóvina foram anexadas ao estado dos Habsburgos. A Áustria, por sua vez, buscava a dissolução do estado sérvio. O antagonismo austro-sérvio, que se intensificava com o passar dos anos, manifestou-se com toda a força no dia 28 de junho de 1914, quando em Sarajevo, capital da Bósnia, foi assassinado, junto com sua esposa, o sucessor do trono da Áustria-Hungria, o arquiduque Francisco Ferdinando. Esse incidente foi explorado pela diplomacia austríaca, que desejava utilizar esse fato para humilhar a Sérvia e forçá-la a renunciar a qualquer atividade antiaustríaca. Tendo anteriormente assegurado a aliança com a Alemanha, no dia 23 de julho Viena enviou ao governo sérvio um ultimato formulado de tal maneira que não podia ser aceito pelos sérvios. As relações diplomáticas foram rompidas. No dia 28 de julho de 1914 a Áustria-Hungria declarou guerra à Sérvia. O conflito local austro-sérvio mobilizou uma rede artisticamente tecida de alianças. O conflito balcânico deu início à maior guerra até então travada na história da humanidade.

A Primeira Guerra Mundial, pela qual tanto se empenhou a Áustria-Hungria, paradoxalmente pôs término à existência dessa monarquia. O esforço da guerra provocou um sensível enfraquecimento da autoridade do estado e, em consequência, um violento

crescimento das tendências nacionalistas e dos movimentos pela independência. Também os diversos movimentos de esquerda – desde os socialistas até os comunistas e os anarquistas – desenvolviam uma ativa propaganda contra a guerra. De outubro a dezembro de 1918, praticamente em todo o território do estado reinou o caos. Nas suas diversas partes componentes começaram a surgir governos temporários e conselhos operários. Apesar da situação relativamente boa na frente de guerra, a Áustria-Hungria dissolveu-se a partir do seu interior. No dia 14 de outubro o governo concordou com a rendição condicional, segundo as condições propostas pelo presidente dos Estados Unidos Woodrow Wilson (1856-1924), e no dia 3 de novembro foram interrompidas as operações de guerra. Em consequência da guerra pereceram cerca de 1.290.000 cidadãos da Áustria-Hungria, e o estado deixou de existir. No dia 16 de outubro de 1918 o imperador Carlos I, que assumiu o poder após o falecimento, em 1916, de Francisco José I, proclamou um édito no qual afirmava que a Monarquia Austro-Húngara era uma federação de diversos países. No entanto, já era tarde. A maioria das nações desejava naquele momento a plena independência e estava determinada a consegui-la. Os primeiros a realizar isso foram os checos e os eslovacos, que no dia 28 de outubro proclamaram a fundação do independente estado checoslovaco. O exemplo dado impeliu as outras nações à ação. A Hungria saiu da união e instituiu seu próprio reino no dia 31 de outubro. Em novembro, no dia 1 desse mês, surgiu a República Popular da Ucrânia Ocidental, e dez dias depois – no dia 11 de novembro – proclamou a sua independência a Polônia. Os eslavos

do Sul uniram-se no Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos – a futura Iugoslávia. Ao mesmo tempo, no dia 11 de novembro Carlos I renunciou ao governo do país (mas não abdicou). No dia 13 de novembro recebeu uma delegação húngara e assinou mais uma renúncia à participação no governo – com o que deixou de existir a união que ligava a Áustria e a Hungria. Ambos os países tornaram-se repúblicas, a família dos Habsburgos foi exilada e os seus bens foram nacionalizados; era uma desforra por Carlos I não ter concordado com a abdicação. Por uma decisão dos estados da Entente, ele foi levado por um cruzador britânico à ilha portuguesa da Madeira, onde em 1922 faleceu de pneumonia.

A queda da Áustria-Hungria modificou inteiramente a situação na Europa Central, o que influenciou a sua história subsequente. Os novos estados tinham de dar conta sozinhos dos numerosos problemas que agora se apresentavam no seu caminho. Isso provocou conflitos de fronteiras, visto que os novos países muitas vezes reivindicavam as mesmas áreas. Em época posterior, uma parte das repúblicas – como a Hungria ou a Áustria –, em decorrência da insatisfação com as decisões dos tratados que encerraram a Primeira Guerra Mundial, apoiou a Alemanha nazista.

A Hungria alcançou a independência, mas, em consequência do Tratado de Trianon (4 de junho de 1920), o território do estado foi reduzido a menos de um terço da sua área de antes da guerra. Inicialmente o país foi uma república democrática, depois – por algum tempo – a República dos Conselhos da Hungria, sob o governo ditatorial de Béla Kun. Nos anos 1920-1944 a Hungria foi uma monarquia constitucional (sem um monarca), na qual exercia a regência o ex-almirante da

frota austro-húngara Miklós Horthy (1868-1957). Horthy introduziu um regime autoritário, com o forte poder do regente. Apesar das repetidas propostas, ele não se proclamou rei. Além disso, no início dos anos 20 por duas vezes frustrou as tentativas da volta ao trono do último monarca da dinastia dos Habsburgos, Carlos I, e levou à sua destronização formal pelo parlamento húngaro. No final dos anos 30, especialmente por obra do premiê Gyula Gömbös (1886-1936), a Hungria se aproximou da Alemanha nazista, buscando dessa forma recuperar os territórios perdidos em consequência do tratado de Trianon. Em parte conseguiu isso durante a Segunda Guerra Mundial, quando reconquistou a Transilvânia, mas em troca teve de aderir ao Pacto do Eixo – a aliança da Alemanha, Itália e Japão. Após a entrada do Exército Vermelho no território da Hungria no dia 15 de outubro de 1944, Horthy anunciou a retirada do país da guerra. Os alemães internaram o regente, e na Hungria assumiu o poder o líder do partido das Cruzes Flechadas Ferenc Szalasi (1897-1946). Na Debrecen ocupada pelo Exército Vermelho, no dia 22/12/1944 os representantes dos partidos esquerdistas e centrais instituíram o governo provisório do general Béla Dálnoki Miklós (1890-1948), que no dia 28 de dezembro declarou a guerra à Alemanha. No início de abril de 1945 o Exército Vermelho libertou o território húngaro da Alemanha, mas os comunistas asseguraram a influência decisiva sobre o governo. Nos anos 1949-1953 o partido comunista (Partido Comunista Húngaro) intensificou a repressão diante da sociedade. Em outubro de 1956 iniciaram-se em Budapeste protestos contra o governo do partido comunista, que se transformaram num levante nacional. O governo

revolucionário de Imre Nagy (1896-1958) proclamou a introdução do sistema pluripartidário e anunciou a saída da Hungria do Pacto de Varsóvia. Após a repressão da revolução pelos exércitos soviéticos, voltou ao poder o partido comunista dirigido por Janos Kádár (1912-1989), com o nome de Partido Socialista Operário Húngaro. Em janeiro de 1989 o parlamento legalizou a criação de partidos políticos, o que deu início ao processo das transformações democráticas que conduziram a Hungria à plena soberania. Em 1999 o país ingressou na OTAN, e em 2004 – na União Europeia.

De maneira um pouco diversa transcorreu o destino da Áustria, que se transformou numa república, tendo o social-democrata Karl Renner (1870-1950) como chanceler. No dia 10 de setembro de 1919 ele assinou o tratado de Saint-Germain-en-Laye, no qual concordou com perdas territoriais, com a redução do exército e com a proibição de unir-se à Alemanha. Durante todo o período de entreguerras cresciam na Áustria as tendências à união com o vizinho, o que em consequência levou à anexação (*Anschluss*) da Áustria pelo III Reich no dia 12 de março de 1938, que foi apoiada num plebiscito pela grande maioria dos austríacos. A Áustria entrou então na composição da chamada Grande Alemanha, mas, após a derrota de Hitler durante a Segunda Guerra Mundial, em abril de 1945 foi ocupada pelos exércitos soviéticos. O território austríaco foi dividido em quatro zonas de ocupação (americana, britânica, francesa e soviética). O tratado assinado no dia 15 de maio de 1955 pelos ministros das relações exteriores da URSS, da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, da França e da Áustria devolveu à

Áustria a plena soberania. O Exército Vermelho retirou-se do território do país. Em outubro de 1955 o parlamento proclamou o estatuto da eterna neutralidade da Áustria. Em 1995 o país ingressou na União Europeia.

Falharam também as concepções federalistas na Europa Central. O estado comum dos checos e dos eslovacos sobreviveu apenas por vinte anos. Por força do Tratado de Munique, no dia 29 de setembro de 1938 a Grã-Bretanha e a França entregaram o país dos Sudetos (parte da Chéquia, da Morávia e da Silésia Checa) à Alemanha de Hitler. Nos meses seguintes a Polônia ocupou a parte ocidental do Olza (Olse), e a Hungria – a Eslováquia meridional e a Rússia Transcarpática. No dia 16 de março de 1939 o III Reich transformou a Segunda República – em funcionamento havia apenas alguns meses – num Protetorado da Chéquia e da Morávia, e no território da Eslováquia proclamou a independência a pró-nazista I República Eslovaca. Após a Segunda Guerra Mundial, foi restituída a forma do único estado checo-eslovaco. Em 1948, em consequência de um golpe de estado, o poder foi finalmente assumido pelos comunistas. No final dos anos 70 surgiu na Checoslováquia uma forte oposição democrática, concentrada na chamada Carta 77. Esse agrupamento contribuiu em grande medida para a derrubada do poder comunista na Checoslováquia em 1989. Então foi afastado do cargo o presidente Gustáv Husák (1913-1991), que exercia o poder desde 1975, e no seu lugar foi colocado o escritor Václav Havel (1936-2011). No seu período de governo o país foi transformado numa república federativa, finalmente foi confirmada a dissolução da Checoslováquia e no dia 1

de janeiro de 1991 foram instituídos dois estados separados – a República Checa e a Eslováquia.

O Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, instituído no dia 1 de dezembro de 1918, saiu da guerra destruído e endividado. Desde o início, a vida política no país desenrolou-se sob a influência do conflito entre os dominantes Sérvios e as outras nacionalidades. Em outubro de 1928 o nome do país foi mudado para Reino da Iugoslávia. Naquele tempo manifestavam-se as tendências separatistas entre os Croatas e os Macedônios. A situação complicou-se após 6 de abril de 1941, quando a Alemanha, a Itália e a Hungria atacaram a Iugoslávia e anexaram grandes áreas do país. Nos territórios restantes surgiram: o semissoberano Estado Independente Croata (que envolveu também a Bósnia e a Herzegóvina) e o Reino de Montenegro (sob o protetorado da Itália), e na recortada Sérvia a Alemanha instituiu o estado marionete de Milan Acimovic (1898-1945). Assumiram a luta contra a ocupação os partidários de Dragoljub Mihailovic (1893-1946), fiéis ao rei e ao governo no exílio, bem como da guerrilha comunista de Josip Broz Tito (1892-1980). Com este, a partir de setembro de 1944, estabeleceu a cooperação o Exército Vermelho. Em março de 1945, de acordo com as disposições da Conferência de Yalta (4-11 de fevereiro de 1945), Tito instituiu um governo de coalizão, e o parlamento iugoslavo – o surgimento da República Federativa Popular da Iugoslávia, composta de 6 repúblicas: Sérvia (com a região autônoma da Voivodina e a região de Kosovo), Croácia, Macedônia, Bósnia e Herzegóvina, Eslovênia e Montenegro. A força dominante do país permaneceu sendo o Partido Comunista da Iugoslávia, que em 1948 entrou em

conflito com o Partido Comunista da União Soviética. Tito aproveitou o conflito com Stalin para fortalecer o seu governo pessoal no estado. Com a normalização – após a morte de Stalin – das relações com a URSS, em 1955 a Iugoslávia colocou-se fora do bloco soviético, tentando liderar o movimento dos países não alinhados. Após a morte de Tito, em 1980, reviveram os antagonismos nacionais sufocados pela sua autoridade e pelo seu poder ditatorial. Em junho de 1991 proclamaram a independência a Croácia e a Eslovênia, e em outubro de 1991 – a Bósnia e Herzegovina e a Macedônia, o que se tornou a causa direta de uma guerra civil na Iugoslávia. No dia 5 de junho de 2006, da Sérvia separou-se Montenegro, e no dia 17 de fevereiro de 2008 – Kosovo. A dissolução da Iugoslávia tornou-se um fato irreversível.

O maior país na Europa Central no período de entreguerras foi a Polônia, à qual a Primeira Guerra Mundial trouxe a independência. Por 123 anos o país não existiu nos mapas políticos do mundo, porque por força dos tratados de 1795 foi dividido entre a Rússia, a Prússia e a Áustria. Apesar dos numerosos levantes que ocorreram no século XIX, não conseguiu recuperar a independência. Somente em 1914, quando a Rússia se colocou contra a aliança da Alemanha e da Áustria-Hungria, é que surgiu uma oportunidade real de renascimento nacional. Os poloneses não desperdiçaram a oportunidade oferecida pela História e lutaram ativamente pela autonomia. O renascimento do estado polonês teve início no outono de 1918, justamente no território da ocupação austríaca. O momento crucial foi, no entanto, a vinda a Varsóvia, no dia 10 de novembro de 1918, de Józef Piłsudski (1867-1935), ao qual se

subordinaram os mais importantes centros de poder no país. No dia 11 de novembro de 1918, isto é, no dia em que a Primeira Guerra Mundial foi encerrada, a Polônia anunciou oficialmente ao mundo a sua independência, que a seguir foi reconhecida pela coletividade internacional. A II República – como era o nome popular do estado polonês nos anos 1918-1939 – era uma república democrática soberana, com um regime político multipartidário. Esse regime sofreu uma séria modificação em consequência da revolução de maio, que ocorreu nos dias 12-15 de maio de 1926, quando foi transformado num sistema presidencial autoritário. Seu término ocorreu com a agressão da Alemanha e da Rússia Soviética, em setembro de 1939. Essa data é universalmente reconhecida como o início da Segunda Guerra Mundial. Após o término da guerra, por força das decisões da Conferência de Yalta (4-11 de fevereiro de 1945), a Polônia se encontrou na zona das influências soviéticas. Em 1952 o estado foi transformado em República Popular da Polônia. Até 1989 dominou nela um sistema partidário em que o papel dirigente era exercido pelo partido comunista. A ordem política do pós-guerra ruiu em consequência do processo definido como o Outono das Nações. Nesse processo teve uma participação crucial o movimento do sindicato polonês independente “Solidariedade”, bem como o apoio a ele dado pelo papa João Paulo II. As eleições parlamentares de 1989 iniciaram o processo de democratização e das reformas econômicas, que possibilitaram à III República o ingresso na OTAN em 1999 e, a seguir, na União Europeia em 2004.

Bibliografia

BATOWSKI, Henryk. *Rozpad Austro-Węgier (Sprawy narodowościowe i działania dyplomatyczne)*. 2.ed. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1982.

BECKETT, Ian F. W. *The Great War 1914-1918*. Ed. 2, Harlow: Pearson Education Limited, 2007.

BÉNGER, Jean. O império Austro-Húngaro e a geopolítica balcânica. Do protetorado Bósnio à I Guerra Mundial. *Novos Estudos*. CEBRAP, n. 47, março 1997, p. 19-38. Disponível em: http://www.novosestudios.com.br/v1/files/uploads/contents/81/20080626_o_imperio.pdf

FINDLEY, Carter V. *Bureaucratic Reform in the Ottoman Empire: The Sublime Porte, 1789-1922*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1980.

GILBERT, Martin. *First World War*. London: HarperCollins 1994.

GOOD, David. *The Economic Rise of the Habsburg Empire 1750-1914*. Berkeley: University of California Press, 1984.

IVETIC, Egidio. *Le guerre balcaniche*. Bologna: Il Mulino, 2006.

KOMLOS, John. *The Habsburg Empire as a Customs Union: Economic Development in Austria-Hungary in the Nineteenth Century*. Princeton: Princeton University Press, 1983.

RUDOLPH, Richard. *Banking and Industrialization in Austria-Hungary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

SCHURMAN, Jacob Gould. *The Balkan Wars, 1912 to 1913*. Kessinger Publishing, 2004.

SKED, Allan. *Declínio e queda do Império Habsburgo: 1815-1918*. Lisboa: Edições 70, 2008.

VALIANI, Leo. *The End of Austria-Hungary*. New York: Alfred A. Knopf, 1973.

WILLIAMSON, Samuel. *Austro-Hungary and the Origins of the First World War*. New York: St. Martin's Press, 1991.

RESUMO – STRESZCZENIE

Cesarstwo Austro-Węgry, dualistyczna monarchia stworzona w 1867 roku, było związkiem dwóch równouprawnionych państw: Austrii i Węgier. Austro-Węgry były państwem wielonarodowym (11 gł. narodowości), w którym występowały liczne konflikty na tle etnicznym. Było państwem gospodarczo zacofanym, opóźnionych w stosunku do rozwiniętych krajów Europy i Stanów Zjednoczonych. Ogłoszenie przez Austro-Węgry aneksji Bośni i Hercegowiny (1908) zaostrzyło konflikt z Serbią i jej protektorką – Rosją. Po wybuchu I wojny światowej Austro-Węgry walczyły u boku Niemiec. Poniesione straty wojenne, pogłębiające się trudności gospodarcze oraz coraz trudniejsza sytuacja wewnętrzna (wzmagające się dążenia odśrodkowe narodów słowiańskich, a także działalność opozycji wewnętrznej) przyspieszyły rozpad monarchii. 11 XI 1918 cesarz Karol I, będący następcą zmarłego Franciszka Józefa I (1848-1916), abdykował. Austro-Węgry rozpadły się, a na ich obszarze powstały nowe państwa (traktaty w Saint-Germain-en-Laye i Trianon): Czechosłowacja, Austria, Węgry. Terytoria bylej monarchii weszły również w skład: Jugosławii, Polski, Rumunii oraz Włoch.

RELIGIOSIDADE, CIVISMO E ESCOLARIZAÇÃO: MOTIVOS DE CELEBRAÇÕES E FESTIVIDADES DE COMUNIDADES POLONESAS NO RIO GRANDE DO SUL*

*Adriano MALIKOSKI ***

Introdução

Ao abordar o tema numa perspectiva cultural, o processo de construção de uma narrativa é elaborado através da interação com as fontes, postulando um caráter processual de ciência. Nessa perspectiva, o conhecimento é contingente, sendo possível por meio das representações de sentidos proporcionadas pelo corpus empírico. Para a elaboração deste texto, foram analisados documentos e fotografias relacionados com celebrações e festividades do grupo étnico polonês em municípios do estado Rio Grande do Sul. Para Kossoy (1989) a fotografia congela um fragmento da realidade.

* Texto com modificações apresentado no Seminário Internacional “Festas, Comemorações e Rememorações na Imigração” e XXI Simpósio de História da Imigração e Colonização, no dia 26 de setembro de 2014 – Unisinos – São Leopoldo – RS.

** Licenciado em Filosofia e Mestre em Educação. Bolsista PROSUP/CAPES de doutorado do PPGÉ - UCS. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul - RS. E-mail: amalikoski@ucs.br

É um testemunho visual e resíduo do passado, assim como acontece com os documentos escritos. Porém a fotografia não conserva simplesmente a materialidade de um momento. Ela constrói uma série de dados que poderão ser reveladores, não descritos pela linguagem escrita. Entretanto, existem intenções, omissões que retomam questões discursivas nas imagens que podem ser complementadas pelos documentos escritos. Assim, a partir de Botià (2002), a leitura do mundo parte do pressuposto de que as simbologias e sentidos são elaborados a partir de uma narrativa. Dessa forma, as imagens narram sentidos assim como os documentos escritos. Com base nesse procedimento de construção de representações, a partir da análise de um mesmo fenômeno recorrente, por exemplo, em documentos ou fotografias, podemos complementar esses sentidos com as memórias vivas, presente nos depoimentos de sujeitos que vivenciam ou vivenciaram a cultura étnica polonesa em diferentes tempos e modos.

Neste artigo sobre a imigração polonesa e suas festas e celebrações é importante compreender como as motivações étnicas influenciaram na formação cultural na perspectiva de constituição de comunidades rurais e urbanas.

Ao abordar a cultura étnica, presente nas festas e celebrações, os espaços e contextos são construtores de existência pela aproximação dos significados da constituição do processo identitário, juntamente com a simbologia das crenças coletivas que definem modos e maneiras de produção cultural. Compreendo que as festas e celebrações, são expressões simbólicas que envolvem vivências culturais em uma relação íntima com as construções históricas de o pensamento e mundo

são comunicados por narrativas. Como diria Carvalho (2007), nessas manifestações culturais o grupo expõe seu interior e expressa seus pensamentos e desejos a partir da existência étnica. A ação de festejar ou celebrar algo pressupõe que os motivos dados estão relacionados com o cotidiano dos grupos e suas manifestações de pensamentos e simbologias. Para Mafessoli (2002), os momentos festivos e os lazeres não podem ser considerados elementos sem importância. Eles são expressões de emoções coletivas, constituindo um querer viver e que convêm serem analisados. Esses momentos estão relacionados diretamente com o que a comunidade acredita ser importante para a construção de seu pertencimento étnico e a construção de seu patrimônio cultural. Porém, admite-se que esse processo é remodelado e transformado continuamente, em que novas reconfigurações trarão novos sentidos e outros significados. Nessa perspectiva, Bauman (2003), afirma que quando as filiações comunitárias históricas já não fazem sentido para um grupo social há reformulação desses valores comunitários.

À medida que as velhas certezas e lealdades são varridas para longe, as pessoas procuram novas filiações. O problema com as novas histórias de identidade, em claro contraste com as velhas histórias da “filiação natural” diariamente confirmada pela solidez aparentemente invulnerável de instituições profundamente estabelecidas, é que a confiança e o compromisso têm que ser trabalhados em relações cuja duração ninguém garante, a menos que os indivíduos decidam fazê-las duradouras. (BAUMANN, 2003, p.90).

Nesse viés, as festa e as celebrações evoluem, se reconfiguram ou simplesmente deixam de fazer sentido para uma comunidade, a partir do processo de transformações de seus valores e crenças.

O primeiro núcleo de imigrantes etnicamente polonês, no Rio Grande do Sul, foi formado por 26 famílias, em 1875, vindos da Silésia sob dominação da Prússia. Teriam chegado juntamente com os imigrantes franco-suíços que se estabeleceram na colônia Conde D'Eu entre os municípios de Garibaldi e Carlos Barbosa. Contudo há autores como Kozowski (2003) e Gardolinski (1958) que defendem a vinda de imigrantes poloneses em anos anteriores juntamente com a imigração alemã. Ainda segundo Gardolinski (1958) e Gluchowski (2005), os maiores contingentes de imigrantes poloneses chegaram ao Rio Grande do Sul entre os anos de 1886 e 1894 e entre 1908 e 1912. Dentre os motivos, para a maioria dos imigrantes que vieram para o Rio Grande do Sul, conforme constatado na pesquisa bibliográfica, estava a possibilidade de serem proprietários de terras e a busca por melhores condições de vida.

A maioria dos imigrantes poloneses possuíam documentos expedidos pelos países ocupantes que administravam os territórios de populações polonesas. Em que pese que no Brasil a definição de nacionalidade esteja ligada à condição política geográfica dos territórios de origem, dessa forma, os imigrantes poloneses eram comumente relacionados como russos, alemães ou austríacos nas estatísticas ou na documentação oficial da Companhia de Terras e Colonização. Essa situação é constatada, por exemplo, pela ausência de poloneses nos contingentes do

Relatório de nascimentos por etnias do órgão estadual de Repartição de Estatísticas de 1920. Nesse sentido, buscamos no conceito de etnicidade a denominação de quem eram os imigrantes poloneses e a localização de seus núcleos coloniais. Nesse sentido, entendemos que a comunidade étnica é um processo de construção social baseada em valores culturais que são importantes para a análise das festas e celebrações de um grupo específico.

A criação da colônia Conde D'Eu no ano de 1870, em área cedida pelo governo imperial nas encostas da serra gaúcha, pelo Ato de 24 de maio do presidente da Província Sul rio-grandense João Sertório, irá formar em 1875 o primeiro núcleo de imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul. A partir desse núcleo, outros serão formados em diversas regiões do Estado, nas quais se desenvolvem as motivações festivas e celebrativas das comunidades étnicas polonesas.

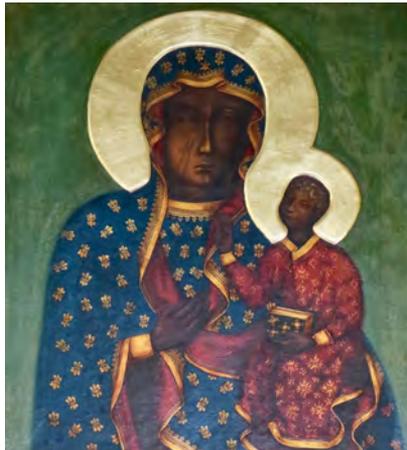
Religiosidade, civismo e escolarização: motivos de celebrações e festividades

Nos primórdios da imigração polonesa para o Rio Grande do Sul, as celebrações e festas, de modo geral, estiveram relacionadas à religiosidade, como festas de padroeiros e celebrações de ritos e passagem religiosas. Dentre estes, podemos destacar os ritos do Batismo, Primeira Eucaristia, Crisma e Casamento. De acordo com Dill (2004), para os poloneses muitas das datas nacionais e religiosas foram estabelecidas de acordo com o calendário gregoriano adotado nos países católicos da Europa. Essas celebrações irão ser introduzidas no Rio Grande do Sul como motivo de festas e celebrações com a vinda dos imigrantes. Como

exemplo, temos a Páscoa, o Natal e as festas relacionadas a dias santificados católicos, celebrados também por outros grupos étnicos, porém, com costumes e ritos diferentes.

Ao relacionar as festividades religiosas entre as comunidades étnicas polonesas, na perspectiva da religiosidade, um exemplo bastante significativo trazido com os imigrantes para as novas terras na América do Sul, está a devoção à imagem de Nossa Senhora de Czestochowa ou Nossa Senhora de Monte Claro (Jasna Góra), ícone presente em grande parte das casas de descendentes, capelas e igrejas da comunidade étnica polonesa. Todo ano no dia 26 de agosto são realizadas festividades em diferentes localidades e municípios do Rio Grande do Sul, como um importante motivo de celebrações e festividades ligadas à religiosidade do grupo étnico polonês.

Fig. 01 – Ícone de Nossa Senhora de Czestochowa



Fonte: Igreja Polonesa em Porto Alegre – RS.

Apesar do forte apreço pelos valores religiosos que os imigrantes poloneses mantiveram, contudo, nos primeiros tempos da imigração o atendimento religioso, nas diversas colônias habitadas por esse grupo, só irá se estabelecer precariamente em meados do século XIX e início do século XX, com a vinda dos primeiros sacerdotes católicos poloneses.

Muitas das celebrações e festividades serão incentivadas e conduzidas por esses sacerdotes. D'Aprémont e Gillonnay (1976) informam que nos primeiros tempos da formação dos núcleos étnicos poloneses, estes eram caracterizados por uma situação de abandono, não possuindo atendimento religioso ou qualquer acompanhamento oficial dos países de onde provinham.

Um dos primeiros sacerdotes a atender as comunidades polonesas foi o padre Jesuíta José Von Lassberg, missionário itinerante que atendia as comunidades polonesas no Rio Grande do Sul e também em outros estados. Em carta enviada em setembro de 1902¹, a seu irmão na Baviera, o padre Jesuíta narra sua estada na Colônia de Dom Feliciano. Sendo essa colônia habitada predominantemente por imigrantes poloneses, consta que na sua chegada os imigrantes prontamente o receberam com hospitalidade, pois por muito tempo ansiavam por um sacerdote para o atendimento religioso. De acordo com Gardolinski (1972), na referida colônia, no dia 15 de novembro de 1891, ano da vinda dos primeiros imigrantes poloneses, tem-se registros que um padre

¹ Documentação avulsa – Arquivo NPH/UFRGS – Acervo Gardolinski, Porto Alegre – RS.

franciscano de nome Marcin Modrzejewski, registrou os primeiros batizados e casamentos na capela edificada junto com uma casa paroquial e que também servia de escola para as crianças.

Para a imigração polonesa a religiosidade desempenhou um importante papel na organização comunitária e, conseqüentemente, sendo uma importante motivação para a realização de festas e celebrações. A devoção aos santos, através de ícones e imagens, está presente ainda hoje nas comunidades de descendentes de poloneses.

Desde os primeiros tempos da imigração, houve a preocupação com a construção de igrejas e de capelas, espaços onde se realizavam posteriormente muitas das celebrações e festividades. Na maioria das colônias, o principal símbolo de organização comunitária era a capela ou a pequena igreja onde se formavam espaços de convívio social, que, com o tempo, também serviu de espaço de ensino.

A preservação dos símbolos e valores, relacionados com a etnia polonesa, era reproduzida na continuidade de ritos da cultura religiosa trazida com os imigrantes, bem como na preservação da língua para as gerações futuras, com acontecimentos relacionados às datas importantes que envolveram contextos históricos da Polônia. Com a vinda de intelectuais e a fundação de escolas e sociedades, passou-se também a celebrar-se datas cívicas relacionadas com a História da Polônia. Tais datas serão importantes motivações para a institucionalização de celebrações e festividades. Dentre essas datas celebradas, o dia 03 de maio, data da aprovação da primeira Constituição Republicana da Europa em 1791.

Essas celebrações representaram para as comunidades étnicas polonesas o forte apreço dado ao pertencimento identitário-étnico e as datas consideradas patrióticas. Como pontua o padre Antoni Cuber (1898), a partir da fundação de uma sociedade na Colônia Ijuí:

todos estes são zelosos patriotas, não faltam a nenhuma reunião, leem com atenção e ouvem com interesse as palestras sobre o passado glorioso da Polônia, sobre as perseguições aos nossos irmãos, na velha pátria [...] Junto às canções religiosas, ecoam em nossas florestas virgens, também canções patrióticas e cada polonês olha com respeito, confiança e esperança um melhor porvir para a nossa bandeira. A Águia Branca polonesa - com as armas da Lituânia - evoca-nos os nossos antepassados unidos através do poder e da glória. Os brasileiros comemoram no dia 7 de setembro o dia da Independência. Nestes dias, nós poloneses, a quem esta data corresponde aos anseios de liberdade, hasteamos igualmente, a nossa bandeira junto à da brasileira. (CUBER, 1898, p. 12)

Outro fato celebrado e festejado entre a comunidade étnica polonesa foi a reestruturação política da Polônia, como Estado autônomo. Na imagem a seguir podemos observar uma celebração festiva com procissão realizada pelas sociedades de imigrantes poloneses, relacionados às festividades em homenagem ao Marechal Józef Piłsudski na localidade de Treze de Maio, político importante para o reestabelecimento da Polônia como Estado autônomo.

Fig. 02 – Procissão de quadro do Marechal Józef Piłsudski, Áurea, Sem data



Fonte: Arquivo Sociedade Polônia – Porto Alegre

Numa primeira impressão podemos pensar que se trata de uma procissão religiosa, pela presença de sacerdotes católicos e de pessoas carregando um ícone. Porém, observa-se no detalhe da mesma imagem, ampliada abaixo, que o quadro carregado é a imagem de Józef Piłsudski, marechal e estadista polonês, considerado um dos responsáveis pela reconstituição da Polônia como estado independente em 1918.

Fig. 03 – Detalhe de imagem ampliada, quadro Marechal Józef Piłsudski



Fonte: Arquivo Sociedade Polônia – Porto Alegre

O apreço por datas consideradas importantes entre os imigrantes poloneses dava a tônica das celebrações e festejos das comunidades polonesas, principalmente as organizadas pelas sociedades, tanto nas localidades rurais e em núcleos urbanos². Na imagem acima podemos observar também a presença de bandeiras de associações como a sociedade polonesa da localidade de “Barro”, atual município de Gaurama.

A relação com o passado da Polônia estava intrínseca à muitas festas e celebrações da comunidade étnica polonesa. Algumas sociedades também celebravam, por exemplo, a memória de alguns levantes contra os ocupantes, como o Levante de 1833 e o Levante de 1863. Esses momentos da história produziram memórias celebrativas, pelas quais o grupo étnico polonês se mobilizava.

² Sobre o assunto ver Malikoski (2014)

Conforme documento referente à programação do dia 27 de novembro de 1920, dos festejos organizado pela Sociedade Tadeusz Kosciuszko de Porto Alegre, em comemoração da memória do Levante de Novembro de 1830³, observa-se uma motivação que comumente envolvia festejos e celebrações nessa sociedade. Na programação, dividida em cinco sessões, há uma apresentação de teatro, seguida da entoação do Hino da Polônia, declamações de poesias, cantos de crianças e apresentações de danças típicas, seguidas de uma confraternização.

Além do contexto religioso e a comemoração de datas cívicas da História da Polônia, outros motivos de celebrações e festividades estavam também relacionados aos momentos ligados à colheita de alimentos nos núcleos rurais. De acordo com depoimentos de descendentes, os períodos de colheita se transformavam em celebrações festivas, inclusive com a organização de bailes. Nas comunidades polonesas, principalmente nos primeiros anos da fixação nos lotes coloniais, era comum a união de diversos colonos na realização de tarefas de plantio ou colheita. Como sugere a imagem a seguir de colonos reunidos para trilhar o trigo, na localidade de Aurora, entre Erechim e Gaurama, década de 30, época em que foram implantadas as primeiras trilhadeiras de cereais nas colônias.

³ Levante empreendido contra a ocupação russa, na Polônia, no ano de 1833. Documentação avulsa - Arquivo da Sociedade Polônia – Porto Alegre – RS.

Fig. 04 – Colonos na colheita do trigo em Gaurama, década de 1930



Fonte: NPH – UFRGS - Acervo Gardolinski

Enfim, também motivo de celebrações e festividades nas comunidades étnicas polonesas, no Rio Grande do Sul, podemos pontuar os eventos relacionados com a escolaridade.

Fig. 05 – Inauguração de escola Secção Perau – Áurea, 1933



Fonte: Acervo Museu Municipal João Modtkowski, Áurea-RS

Como exemplo, podemos citar inaugurações de escolas, desfiles cívicos, datas nacionais e da Polônia ou Exames de fim de ano. Na imagem acima, na ocasião de inauguração do novo prédio escolar em 1933 na Seção Perau, em Treze de Maio (Áurea), podemos observar o clima de festividade entre os participantes, inclusive com banda de música e a presença de um número considerável de pessoas.

As inaugurações de escolas eram bastante celebradas, pois estavam relacionadas a uma das necessidades mais elementares da comunidade. Muitos lugares não possuíam escolas, sendo comum que crianças se deslocassem por vários quilômetros diariamente para ter acesso ao ensino em outras comunidades, onde elas existiam. Nesse sentido, sempre que uma comunidade inaugurava uma escola, o momento era festejado e celebrado.

Outro momento festivo relacionado à escolarização eram as festividades cívicas ligadas às datas consideradas importantes para Cultura Nacional Brasileira. Em duas escolas paroquiais existentes em Carlos Gomes e Áurea até 1938, havia uma tônica marcante que congregava a participação das crianças de forma distintas nas celebrações. Na imagem a seguir podemos observar a festividade de 07 de setembro de 1944, na escola Paroquial de Áurea, ao encargo da congregação das irmãs da Sagrada Família, escola construída em 1930.

Fig. 06 – Festividade de 07 de setembro de 1944, Áurea



Fonte: Acervo Museu Municipal João Modtkowski, Áurea-RS

As crianças estão reunidas ao entorno da escola cantando o Hino Nacional numa demonstração de que a escola estava integrada à cultura nacional, após o processo de Nacionalização do Ensino iniciado em 1938.

De acordo com depoimentos de ex-alunos⁴, esses momentos, eram aguardados com grande alegria e entusiasmo pelas crianças. As festividades ligadas à civilidade do dia 07 de setembro envolviam as comunidades escolares do grupo étnico polonês, com a organização de desfiles em comemoração ao dia da Independência Brasileira.

Fig. 07 – Desfile de 7 setembro de 1930, Áurea



Observa-se a presença das irmãs da Sagrada Família que acompanham as crianças, bem como a presença de autoridades.

Fonte: Acervo Museu Municipal João Modtkowski, Áurea-RS

Outro momento que se transformavam em celebração festiva ligada à escolaridade eram os exames finais nas escolas. Esses exames eram geralmente realizados no mês de dezembro e possuíam uma conotação festiva. Conforme depoimentos, mesmo que de forma simbólica, a escola era preparada e enfeitada

⁴ Entrevistas realizadas pelo autor entre 2013 e 2014 na cidade de Áurea - RS

com bandeiras ou uma mínima decoração, com o intuito de receber as autoridades que fariam os exames.

A maioria das imagens presentes em arquivos sobre escolas tem como simbologia a comemoração de datas especiais para a escola e dentre elas o dia dos exames finais. A imagem que segue é de uma escola em dia de exame no ano de 1932 em que lecionava o professor Franciszek Piaszczyński em comunidade da Colônia Erechim. Nota-se na parede ao fundo o Brasão da Polônia e do lado esquerdo um quadro de Nossa Senhora de Czestochowa. Podemos notar também meninos e meninas posicionados teatralmente, aguardando a realização dos exames.

Fig. 08 – Escola em dia de Exame Final, região de Erechim, 1932



Fonte: Arquivo Sociedade Polônia – Porto Alegre

Os exames finais era uma atividade pública em que os pais dos alunos também se faziam presentes. Um dos raros momentos registrados por fotografias. Nas

escolas subvencionadas as comissões eram nomeados pelo poder público ligado ao governo do estado. Porém, em muitas escolas que não possuíam subvenções, essas comissões eram compostas por indivíduos nomeados pelas organizações associativas da comunidade étnica polonesa. Conforme carta enviada da Secção Dourado na colônia Erechim, no dia 10 de novembro de 1927⁵, pelo professor Franciszek Bieducha, a Boleslaw Weclowski, na época delegado do Congresso dos Poloneses no Exterior para a Educação, órgão ligado ao consulado da Polônia e também vice-presidente do Sindicato dos Professores das Escolas Particulares Polonesas do Brasil, há o pedido de que fosse enviado um encarregado para examinar os alunos da referida secção.

Na década de 1920, para os exames de fim de ano nas regiões com escolas étnicas polonesas, essas comissões eram compostas pelo diretor da escola ou do presidente da sociedade; um inspetor de ensino – geralmente ligado às organizações de professores – e pelo professor da escola, seguindo geralmente as orientações das organizações centrais da educação, como o Sindicato dos Professores em Curitiba e organizações educacionais existentes na comunidade, como os membros da Federação das Sociedades Polonesas no Rio Grande do Sul.

Conforme atestado emitido por uma dessas comissões, realizado nos exames finais do dia 22 de dezembro do ano de 1935 da aluna Olga Sokolowska, aluna da primeira classe do colégio Águia Branca, na cidade de Rio Grande, um dos primeiros itens da

⁵ NPH – UFRGS, Acervo Gardolinski – Porto Alegre – RS.

avaliação era a questão do comportamento, seguido dos conceitos em relação ao português, polonês, matemática, desenho, caligrafia, trabalhos manuais e ginástica.

COLLEGIUM AGUIA BRANCA - SZKOŁA BIAŁEGO ORLA W RIO GRANDE

N.º 31

ATTESTADO
SWIADCTWO ROCZNE

Alma Sokolowska

Nascido(a) dia 1 de Outubro 1918 em Rio Grande aluno(a) da 1ª Classe (classe)
Unstrony dnia 1 października 1918 w Rio Grande uczeń (niec) 1ª klasy

Recebeu no anno lectivo de 1918 o seguinte atestado annual.
Otrzymał w rok 1918 następujące świadectwo roczne.

Comportamento muito bom
Zachowanie się bardzo dobre

Religião	—	Religie	—
Portuguez	bem	Język portugalski	dobra
Polonês	suficiente	Język polski	satisfactory
Francês	—	Język francuski	—
Historia do Brasil	—	Historia Brazylii	—
Historia da Polónia	—	Historia Polski	—
Historia Universal	—	Historia powszechna	—
Geographia	—	Geografia	—
Mathematica	suficiente	Matematyka	satisfactory
Geometria	—	Geometria wykreślna	—
Historia Natural	—	Przyrodznictwo	—
Sciencias	—	Fizyka	—
Desenho	bem	Rysunki odręczne	dobra
Calligraphia	suficiente	Kaligrafia	satisfactory
Costo	bem	Spiew	dobra
Trabalhos manuaes	bem	Roboty ręczne	dobra
Gymnastico	bem	Gimnastyka	dobra

Ukończył /^{ła} Klasse z satisfactory postępiem
RIO GRANDE 22 de Outubro 1918

Director: *Antônio de Souza*
Kierownik szkoły: *Antônio de Souza*

Inspeccão do curso examinador: *João de Deus*
Przewodniczący komisji: *João de Deus*

Dir. classe: *Antônio de Souza*
Gimnastikador: *Antônio de Souza*

Acervo pessoal de Olga Sokolowska, Rio Grande – RS

Destaca-se também, no presente atestado, a escrita bilíngue que era uma das prerrogativas de grande parte das escolas étnicas polonesas no Rio Grande do Sul que buscavam a integração das crianças com a cultura vernácula. Como diria Chartier (2004), as

festas reúnem as representações, ritos, gestos, objetos e significados que são construídos. Também nos espaços escolares se desenvolve a transmissão dos costumes e memórias, sendo o centro de difusão de tradições.

Enfim, os valores e a cultura étnica, necessariamente fizeram com que tradições fossem inventadas, institucionalizadas e acessadas sempre em devidas circunstâncias, como por exemplo, diante necessidades individuais relacionados com os interesses comunitários, em que ambos serão beneficiados. Para Weber (1973, p.142) o termo comunidade abrangeria situações de grupos que possuem fundamentos afetivos e tradicionais.

A comunidade só se mantém quando uma ação recíproca referida traduz um sentimento afetivo de formar um todo. Nessa perspectiva, podemos elencar a formação comunitária do grupo étnico polonês. Entretanto, de acordo com Nora (1993), a mundialização e a massificação realizam uma ruptura com a identidade do passado e a substituição das memórias tradicionais, pelas vivências atuais através das transformações que ocorrem no mundo.

As festas e celebrações intermedeiam a memória do passado, construindo um resgate das manifestações culturais, simbologias e crenças na perpetuação de uma tradição. Nesse viés, Hobsbawm (1997) afirma que, a “tradição” é inventada pelos ritos e pelo seu processo de formação. Assim, as festas e celebrações tradicionais possuem elementos que muitas vezes não podem ser definidos pelo acesso a um tempo que se associa a novos saberes e valores há pouco estabelecidos.

Considerações finais

Podemos elencar quatro motivações principais para as festividades e celebrações da comunidade étnica polonesa no Rio Grande do Sul. A primeira delas esteve relacionada com a religiosidade trazida com os imigrantes da Europa para o Estado. Nesse sentido, temos as festas e celebrações em louvor à devoção de Santas e Santos ou dias santificados católicos. Uma segunda motivação são as datas ligadas à História da Polônia, importante vínculo de constituição do processo identitário-étnico do grupo polonês. Uma terceira motivação esteve relacionada à conjuntura de formação das comunidades, relacionadas a um sentido de solidariedade entre as famílias e a necessidade de sobrevivência em localidades isoladas. Enfim, temos as festividades e celebrações organizadas pelas escolas, como desfiles cívicos e os exames de final de ano, nas quais havia o envolvimento direto da comunidade étnica.

A fundação de sociedades desenvolveu um papel fundamental para a organização das festas e celebrações da comunidade étnica polonesa. Boa parte dos processos celebrativos e festivos era organizada pelas sociedades, principalmente em relação à exaltação da cultura étnica. Não necessariamente nessa ordem, entretanto, quando é mencionado o processo histórico étnico entre os imigrantes poloneses e seus descendentes, as fontes referendam sempre a existência, principalmente nas comunidades rurais, desse conjunto: capela, sociedade e escola. (MALIKOSKI, 2014) Muitas das festas e celebrações irão se desenvolver nesses espaços e contextos.

A cultura étnica foi uma forma de condução da produção de identidades em processo dinâmico, conduzindo os indivíduos para a preservação de simbologias e peculiaridades de uma cultura e, dentre estes podemos relacionar as festas e celebrações. A representação de si, de um determinado grupo, é formada por um conjunto de valores que compreendem desde a maneira de pensar e também os atributos culturais, como a língua, as tradições, os quais figuram dentre as representações simbólicas que congregam os indivíduos no seu pertencimento.

As festas e celebrações estão para uma determinada territorialidade. Ou seja, existem estruturas que proporcionaram que determinada significação cultural se desenvolvesse e se configurasse de acordo com o contexto valorativo. O conteúdo étnico se desenvolve num determinado espaço, considerando aqui as peculiaridades da imigração polonesa para o Rio Grande do Sul e como ocorre a apropriação desse território no viés da cultura e das construções étnicas.

O processo identitário étnico provém dos sentidos das representações da realidade no imaginário social e a transformação dos processos identitários, sendo um elemento importante de formação de comunidades. Porém, ele está em constante processo. Essa aproximação do processo étnico, do processo identitário com a formação de comunidades, na perspectiva da cultura, ajuda a compreender as manifestações culturais em seus significados, aqui em especial, os motivos de festas e celebrações.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BOTÍA, Antonio Bolívar. "¿De nobis ipsis silemus?": **In Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación REDIE**. California: Universidad Autónoma de Baja, 2002.

CARVALHO, Samanta V. C. B Rocha. "Manifestações Culturais" In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.). **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa: UEPG, 2007. p. 64-66

CHARTIER, Roger. **Leituras e Leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

CUBER, Antoni. Z nad Uruguayu. In ZDANOWSKI, Felix. **Kalendarz Polski na rok zwyczajny 1898**. Porto Alegre: edição do autor, 1898.

D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno de. **Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul**. Caxias - Porto Alegre: UCS/EST, 1976.

DILL, Aidê Campello. **Polônia para brasileiros, história, cultura e Culinária**. Porto Alegre: Literalis, 2004.

GARDOLINSKI, Edmundo. **Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Caxias do Sul: UCS, 1977.

_____. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Regional, 1958.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. **"Os poloneses no Brasil"**, Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski, 2005.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

KOZOWSKI, Vitor Inácio. **Estes imigrantes entre outros: imigração polonesa na serra gaúcha**. Bento Gonçalves: Kozowski, 2003.

KREUTZ, Lúcio. Diferenças étnicas e educação intercultural: a partir de que entendimento de etnicidade? In **Série Estudos – Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**. Campo Grande: UCDB, n.15, p. 81-92, jan e jun, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, n. 10, São Paulo: PUC-SP, 1993, p. 07-28. Revista Electrónica de Investigación Educativa, vol. 4, núm. 1, mayo, p. 40-65. México, 2002.

WEBER, Max. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, Florestan. (org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

RESUMO – STRESZCZENIE

Celem tego artykułu jest przybliżenie powodów w organizacji uroczystości i celebracji we wspólnotach polskich w Rio Grande do Sul.

Festyny ludowe i obchody religijne społeczności polskich dowodzą, jak ważne znaczenie odgrywały one w koniunkcji etnicznej procesu kulturowego. Organizowane wydarzenia przyczyniały się do uzyskania dostępu do kultury pewnej grupy społecznej.

W publikowanym artykule autor chce wykazać, jak ważnym jest zrozumienie, w jaki sposób motywacje etniczne wpływały na formację kulturową wiejskich i miejskich społeczności polskich zamieszkujących w stanie Rio Grande do Sul.

OS POLONESES E A ORGANIZAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS

*Schirlei Mari FREDER**

Quando percorremos as edições da Revista *Polonicus*, nos deparamos com a publicação dos mais diversos temas que estão em torno da cultura polonesa. Temas que vão desde a religiosidade, gastronomia, processos históricos da etnia, etc. Para essa edição da Revista, neste breve ensaio, gostaria de comentar um pouco da pesquisa que envolve a cultura polonesa, que tem sido realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Trata-se de um estudo sob a coordenação do Professor Dr. Mario Procopiuck, que foi iniciado em 2015 junto à linha de pesquisa de Gestão e Políticas Públicas. Naquele ano, foi dado início à pesquisa, tendo duas estudantes, sendo uma aluna de doutorado e uma aluna da iniciação científica. A linha geral do estudo era compreender a influência da cultura polonesa na configuração de cidades brasileiras.

Foram escolhidas seis cidades, nos três estados do sul do Brasil. São elas: Mallet e Cruz Machado, no Paraná; Itaiópolis e São Bento do Sul, em Santa Catarina; e Nova Prata e Guarani das Missões, no Rio

* Schirlei Mari Freder, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: crearegs@gmail.com

Grande do Sul. A escolha das cidades foi em razão das mesmas receberem com frequência, pesquisadores e visitantes vindos da Polônia. No ano de 2016, outra aluna da iniciação científica ingressou na pesquisa, dando ênfase aos municípios de Itaiópolis, em Santa Catarina; e Guarani das Missões, no Rio Grande do Sul.

Os resultados de ambos os estudos, vinculados à iniciação científica estão em fase de publicação e em breve será possível acessarmos os dados completos e quanto ao estudo da tese, ainda está em fase de elaboração, por isso não é possível acessar as informações.

De todo modo, o que é possível comentar é que, não somente essas cidades mas, diversas outras também tiveram suas origens a partir de agrupamentos de habitantes poloneses. Inicialmente os agrupamentos das famílias, que chegaram entre os anos de 1870 e 1914¹, ficavam em determinado território e aos poucos ocorreram movimentos migratórios dentro dos estados, fazendo com que os poloneses se reorganizassem em outra localidade.

É o caso de Rio Claro do Sul, no Paraná, onde muitos habitantes migraram para Mallet, cidade vizinha, e entre as razões estava a instalação da linha férrea na cidade, fato que gerava empregos e havia a perspectiva de melhores condições de mobilidade. Ou o

¹ Houve dois grandes movimentos migratórios dos poloneses ao Brasil. O primeiro foi iniciado a partir de 1820, com a chegada dos primeiros intelectuais, profissionais das áreas de medicina, engenharia, ciências naturais e pesquisadores, e, o segundo, motivado por questões econômicas entre os anos de 1870 e 1914, trazendo mais de cem mil poloneses para o Brasil (Malczewski, 2007).

caso de Guarani das Missões que recebeu a realocação de poloneses que vieram de outra cidade no Estado do Rio Grande do Sul, em razão da busca por melhores terras para plantio. Desse modo, sucederam-se diversos movimentos para a reacomodação dos poloneses, até que se fixaram nas mais diversas localidades.

Por volta dos anos de 1920 e 1930, os primeiros municípios começavam a ser constituídos no Brasil e nos anos de 1950 diversos deles sofreram desmembramentos, recebendo nova jurisdição político-administrativa. Em todos esses períodos, portanto, é possível constatar a influência dos poloneses e também da primeira geração de descendentes na organização desses municípios.

A influência vai desde a organização de associações e líderes para os assuntos comunitários e também os cargos políticos que passaram a ocupar. Desde então, o que se vê são inúmeras ações em prol da nação brasileira e dos interesses da comunidade étnica, fazendo com que diversas pessoas se tornassem referência para a comunidade polono-brasileira.

Com isso, são inúmeras constatações acerca da influência dessas pessoas que ganharam homenagem em praças, ruas, monumentos, escolas, hospitais, etc.² (MALCZEWSKI, 2008) como forma de manter viva a memória daqueles que lutaram pela polonidade no Brasil.

Por fim, minha reflexão para essa edição da revista é no sentido de incentivar professores e pesquisadores para que se dediquem aos temas

² Recomendo a leitura do livro “Marcas da presença polonesa no Brasil” do ano de 2008, de autoria do Padre Zdzislaw Malczewski.

poloneses, nas mais diversas áreas do saber, para que possamos cada vez mais coletar e analisar dados acerca dos níveis de importância da etnia para o Brasil. Desse modo, também creio que tem sido cada vez mais possível, estabelecer novos contatos com universidades polonesas, pois nota-se o crescente interesse em compreender a cultura polono-brasileira. Até a próxima edição!

Referências:

Malczewski, Zdzisław (2007), Polônia e polono-brasileiros: história e identidades. Curitiba: Vicentina.

Malczewski, Zdzisław (2008), Marcas da presença polonesa no Brasil. Warszawa: Biblioteka Iberyjska.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autorka informuje o rozpoczętych w 2015 r. badaniach naukowych odnośnie wpływu emigracji polskiej na budownictwo miejskie w Brazylii. Do przeprowadzenia badań terenowych wybrała trzy południowe stany tego kraju: Paraná, Santa Catarina i Rio Grande do Sul. Na terenie tych stanów osiedlali się polscy emigranci i w wielu miastach pozostawili swoje trwałe, dostrzegalne ślady.

HISTÓRIA DA LITERATURA POLONESA

*Iraci José MARIN**

Introdução

A Literatura polonesa e os escritores poloneses são, em geral, bastante desconhecidos dos brasileiros, salvo poucas exceções. Há certa dificuldade de encontrar obras da Literatura polonesa traduzidas para o português. No entanto, a Polônia é detentora de inúmeros Prêmios Nobel de Literatura e os escritores poloneses (como a arte, em geral) têm importância no meio cultural europeu.

No intuito de contribuir com a difusão de nomes de escritores daquele país eslavo, apresento o trabalho que segue, tendo por fonte, principalmente, o livro “História da Literatura Polonesa” (Editora UnB, 2000), de Henryk Siewierski, que perfaz o caminho da literatura polonesa através dos diversos movimentos literários, enfocando-a no contexto histórico de cada época.

Henryk Siewierski é professor de Teoria Literária e Literaturas na Universidade de Brasília, Mestre em Filologia Polonesa e Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Jagelloniana de Cracóvia

* Professor aposentado, advogado em Caxias do Sul – RS, autor de “Imigrantes poloneses afundados num mar italiano” (pesquisa, 2014) e “À margem do rio” (ficção, 2105). No prelo, “Conrado”.

(Polônia). É tradutor de várias obras de autores poloneses para o português.

História da Literatura Polonesa

Até a IDADE MÉDIA (“idade do batismo e da alfabetização”, diz o autor) a pequena produção literária polonesa se caracterizou por fazer surgir obras de cunho religioso. Pouco foi feito. Henryk aponta as primeiras obras: “A Mãe de Deus” (considerada a primeira obra poética em polonês e cantada pelos soldados antes das batalhas), escrita no final do século XII ou início do XIII, e “Os Sermões de Santa Cruz”, do século XIII. Neste período, em geral considerado nebuloso e atrasado, há muitas canções religiosas, tanto traduções ou adaptações como originais. No período final da Idade Média, deu-se um florescimento das artes em geral, especialmente pelo empenho de Ladislau Jagellon (1386-1434). Por ser uma obra “monumental”, como expressa Henryk, é preciso destacar a *Historia Polonica*, de Jan Długosz (1415-1480), em doze volumes.

O período do RENASCIMENTO iniciou na Polônia em meados do século XV e possibilitou um salto de qualidade e produção para a literatura polonesa. O poeta Jan Kochanowski (1530-1584) é considerado o pai da literatura polonesa, pois deu início a obras que foram um marco na literatura da época. O período do Renascimento polonês coincidiu com a situação do país que viveu a sua “idade de ouro” no campo econômico (século XVI), sob o comando da Dinastia dos Jagellon. Outros nomes deste período: Klemens Janicki (1516-1543), Andrzej Krycki (1542-1537), Andrzej Frycz Modrzewski (1503-1572) e *Mikołaj Rej* (1505-1569).

O BARROCO foi o período da contrarreforma. Foi também um período de muitas guerras, ao longo do século XVII (contra os suecos, os russos, os turcos), com epidemias diversas se alastrando pelo país e fome. Em 1661 surge o primeiro jornal polonês: “Merkuriusz Polski”. Proliferam escritores e obras de poesia, teatro e em prosa. Destacam-se: na poesia, Maciej Kazimierz Sarbiewski (1595-1640) e Mikołaj Sęp Szarzyński (1550-1581), o maior poeta do barroco polonês; nas memórias, Jan Chryzostom Pasek z Gosławic (1636-1701).

A ILUSTRAÇÃO identifica-se como o “Século das Luzes”, capitaneada na Europa pelo movimento do Iluminismo europeu, que influenciou a literatura polonesa. Foi um período marcado também pelo esforço na superação da crise moral e política vivida pela Polônia no século XVIII. Artistas, escritores e intelectuais também se engajaram nesta luta. Mas as reformas internas que foram tentadas, com o objetivo de formar bases sólidas para o desenvolvimento e a independência, fracassaram ante as investidas das forças estrangeiras (Rússia, Prússia e Áustria), que acabaram por riscar do mapa a Polônia por 123 anos, iniciando em 1776 (primeira partição), em 1793 (segunda partição) e em 1795 (terceira e definitiva partição). Durante o período da Ilustração, predominou o Classicismo nas artes em geral, as quais assumiam funções de engajamento social, mas sem abandonar sua vocação como arte. Foi um período de abertura para o pensamento europeu e foi assim que a literatura polonesa inseriu-se nas principais correntes da cultura europeia do século XVIII, contribuindo para a continuação da vida cultural polonesa, apesar da dominação estrangeira. O maior poeta e escritor desta

época foi Ignacy Krasicki (1785-1801), bispo da Igreja Católica.

O ROMANTISMO na literatura polonesa teve influência das ideias vindas da Alemanha e foi marcado pela oposição ao Classicismo e pela defesa da liberdade e da independência do país, como uma continuidade do que já vinha sendo feito neste sentido. Muitos poetas se sobressaíram neste período, como Adam Mickiewicz (1798-1855), Antoni Malczewski (1703-1826), *Juliusz Słowacki* (1809-1849), *Zygmunt Krasiński* (1812-1859), Cyprian Norwid (1821-1883) e muitos outros. Deste período é também o pianista Frédéric Chopin (1810-1849). Muitos viviam em Paris e lá se mobilizavam em torno de ideias de preservação da cultura nacional e a recuperação da independência. Um aspecto relevante é importante anotar aqui: dada a condição de submissão da Polônia, tanto a literatura quanto a filosofia desta época eram marcadas por uma espécie de messianismo, atribuindo à Polônia uma missão salvadora, cujo ressurgimento traria a paz e a liberdade aos demais povos.

O POSITIVISMO surgiu com o propósito de tratar das coisas da sociedade, das questões da economia, da cultura e da educação, ultrapassando a espiritualidade romântica e o messianismo. Com a derrota do Levante de 1863, o Romantismo e seu sonho de liberdade dão lugar a uma visão realista da sociedade. O Positivismo coincide com o Realismo e ambos foram movimentos em prol das causas sociais, tendo como objeto fundamental a situação de subordinação do país aos invasores e de miséria em que o povo polonês vivia. O romance toma o lugar da poesia, tendo como assuntos a realidade da época, com

a coragem própria dos realistas de fustigar os preconceitos de toda ordem, não raro com ativismo político. São deste período: *Teodor Tomasz Jeż* (1824-1915), *Jósef Ignacy Kraszewski* (1812-1887), que escreveu mais de duzentos romances, além de poesias, teatro, entre outras publicações. *Adolf Dygasiński*: (1839-1902) escreveu sobre a situação dos emigrantes poloneses em outras terras, inclusive no Brasil; *Elisa Orzeszkowa* (1841-1910), *Bolesław Prus* (1845-1912) e *Henryk Sienkiewicz* (1846-1916), ganhador do Nobel de Literatura de 1905. Na poesia, destaque para *Cyprian Norwid* (1821-1883), *Adam Asnyk* (1838-1897) e *Maria Konopnicka* (1842-1910).

O MODERNISMO na literatura polonesa começou nos anos sessenta do século XVIII, em sintonia com o modernismo europeu. Designado de Jovem Polônia, enterra o Positivismo e seu utilitarismo. Inicia pregando a autonomia da arte, mas, após 1905, volta a ser engajada nos problemas de seu tempo, como o Positivismo, mas mantendo uma linguagem adequada a uma nova forma artística e de expressão. Este movimento literário abarca outros, como o Simbolismo, o Parnasianismo, o Naturalismo, etc. Sobressaem inúmeros escritores: *Kazimierz Przerwa-Tetmajer* (1865-1940), *Jan Kasproicz* (1860-1926), *Leopold Staff* (1878-1957), *Stefan Żeromski* (1864-1925), *Władysław Stanisław Reymont*, nascido *Stanisław Władysław Rejment* (1867-1925), ganhador do Nobel de Literatura em 1924, *Wacław Berent* (1873-1940) e o dramaturgo *Stanisław Wyspiański* (1869-1907).

No período entreguerras (1918-1939), em que a Polônia vive a Segunda República, a literatura não pode ser definida por traços estilísticos dominantes, como até

então, mas como um conjunto de diversos estilos e pensamentos estéticos e filosóficos. Mas ganha contornos próprios. A literatura passa a refletir as coisas do dia a dia, o cotidiano das pessoas, o mundo visto em sua aparência real e não imaginária, cujo personagem é o homem simples, o homem que passa na rua, que trabalha no campo. A linguagem poética também vai nesta linha. Surgem inúmeros escritores e a produção literária é abundante: Julian Tuwin (1894-1953), *Jan Lechoń* (1899-1956), *Antoni Słonimski* (1895-1976), *Jarosław Leon Iwaszkiewicz* (1894-1980), *Maria Pawlikowska-Jasnorzewska* (1891-1945), *Bruno Jasieński* (1901-1939), *Tadeusz Peiper* (1891-1969), *Julian Przybós* (1901-1970), *Bolesław Leśmian* (1877-1937), *Zofia Nałkowska* (1884-1954), *Maria Dąbrowska* (1889-1965), *Maria Kuncewiczowa* (1899-1989), *Stanisław Ignacy Witkiewicz* (1885-1939), *Bruno Schulz* (1892-1942), conhecido como o 'Kafka polonês', *Witold Gombrowicz* (1904-1969).

Os cinco anos de guerra foram desastrosos para a Polônia, com a divisão do país entre Rússia e Alemanha. Intelectuais e líderes da parte ocupada pelos soviéticos foram deportados para campos de trabalho forçado (em torno de um milhão e meio de cidadãos poloneses); no lado ocupado pelos nazistas, aqueles grupos também foram exterminados, pois o objetivo era transformar os poloneses numa nação de trabalhadores desqualificados.

Foram desastrosos também os anos posteriores à guerra, estando a Polônia sob a dominação da URSS. Foram anos amargos, de lutas, perseguições, deportações, escassez de trabalho e de alimentos, e de deterioração do nível de vida, dada a crise aguda e

permanente na economia. Isto fez surgir uma forte crise na política. Surgiram as greves, as prisões, os movimentos sociais, o Solidariedade e a eleição do Cardeal *Karol Józef Wojtyła* como Papa João Paulo II, em 1978, os quais fortaleceram a luta pela reconquista da independência e autonomia, que se deu em 1989.

Os escritores fizeram a sua parte na luta pela independência. Havia publicações clandestinas na Polônia, mas a maior parte dos escritores estava no exílio. Nesta circunstância, assumiram posição de combate contra o dominador soviético, através de publicações diversas.

Apontamos alguns nomes representativos deste período (Modernismo): *Krzysztof Kamil Baczyński* (1921-1944), *Tadeusz Stefan Gajcy* (1922-1944), *Tadeusz Różewicz* (1921-2006), *Stawomir Mrożek* (1930-2013), *Czesław Miłosz* (1911-2004), ganhador do Nobel de Literatura em 1980, *Wisława Szymborska* (1923-2012), ganhadora do Nobel de Literatura em 1996, *Stanisław Lem* (1916-2006).

Henryk Siewierski aponta inúmeros outros escritores, em seu livro – romancistas, poetas, dramaturgos. Como fazemos uma breve resenha, não os nominamos; destacamos os mais representativos.

Alguns nomes de renomados escritores não estão no livro porque viveram e/ou escreveram em outras partes do mundo. Mas nasceram em terras que eram polonesas em alguma época e, por esta razão, apontamos: Samuel Josef Agnon (nasceu em 1888 na Galícia, à época território polonês pertencente ao Império Austro-Húngaro, viveu em Israel, onde morreu em 1970), vencedor do Nobel de Literatura em 1966; Isaac Bashevis Singer (nasceu em 1902, em Leoncin – Polônia – e viveu nos EUA, onde morreu em 1991),

ganhador do Nobel de Literatura em 1978; Günter Wilhelm Grass (nasceu em 1927, em Danzig, hoje Gdańsk - Polônia – viveu na Alemanha, onde morreu em 2015), ganhador do Nobel de Literatura em 1999.

Acrescento ainda o nome de três poetas contemporâneos: Julia Hartwig (Lublin, 1921), Ewa Lipska (Cracóvia, 1945) e Ryszard Krynicki São Valentin, 1943), que foram apontados em artigo de Tomasz Łychowski, na Revista “Polonicus” – Ano VIII – 1/ 2017, p. 148.

Conclusão

Conforme indicado no texto, a literatura polonesa teve como permanente fonte de inspiração a problemática nacional, inclusive as experiências de guerras. Mais recentemente, se distribui por diferentes moldes de criação, com tendência para a tradição realista.

RESUMO – STRESZCZENIE

Historia literatury polskiej w Brazylii nie jest jeszcze zbyt dobrze znana w społeczeństwie tego kraju. Jest za mało tłumaczeń na język portugalski. W przeszłości wydawano polskie dzieła tłumaczone z innych języków.

Autor pochyla się z uwagą nad książką prof. Henryka Siewierskiego „Historia literatury polskiej”, która ukazała się w 2000 r. nakładem wydawnictwa uniwersyteckiego w Brasília. Mamy nadzieję, że czytelnik tego artykułu wzbudzi większe zainteresowanie bogatą polską literaturą.

**AS FORMAS SIMPLES DO TEATRO
DE WITOLD GOMBROWICZ:
IWONA, KSIĘŻNICZKA BURGUNDA**

*Biagio D'ANGELO **

Alguns escritores e outras pessoas ligaram pra mim. Querem fazer um monumento de mim e da minha biblioteca. Alugariam tudo, a mim também. (...) O destino comum de todos os monumentos é que os cachorros acabam fazendo xixi no pedestal.

(25 de abril de 1988)

[Sándor Márai, *Napló (Diário)*]¹

Poniedziałek – ja
wtorek – ja,
środa – ja,
czwartek – ja

Com essa manifestação direta de egocentrismo, Witold Gombrowicz abre seu *Diário (Dziennik)* que abrange um período entre 1953 e 1969. Com outro *Diário*, de outro autor do Leste europeu, o húngaro

* Universidade de Brasília.

¹ Traduzimos, de forma aproximativa, do original húngaro: “Írószövetség stb. hívnak haza, műemléket akarnak csinálni belőlem és a könyveimből. Mindent újra kiadnak, bőrbe kötve, engem is. A műemlékek közös sorsa, hogy a kutyák végül lepisálják a talpazatot” (ver: <http://vigilia.hu/regihonlap/2001/1/mar0101.html>) Consulta efetuada em 8 de setembro de 2015.

Sándor Márai, escrito no arco de quarenta anos (1943-1983), o *Diário* do escritor polonês representa a busca para um conhecimento que se aproxima da constituição do eu, bastante longe de uma ideia preconcebida de personalização ultrassentimental. Numa forma antidiarística e beirando amiúde o ficcional, para Gombrowicz escrever (n)um diário poderia ser entendido como uma “precondition of spiritual and intellectual freedom”, como bem observou Susan Sontag (2000, p. XIII).

Ora, n’*O rumor da língua*, Roland Barthes afirma que o texto que se desprende da forma diarística é quase um resultado impossível, pois “é possibilíssimo que o Diário assim mantido não semelhe mais em nada a um Diário” (1984, p. 382). O diário usa a elasticidade do rito quotidiano, garantindo-lhe uma veracidade antipática e transgressiva: quem busca a vida de um autor, encontra um homem, e, como escreveu La Bruyère, essa pode ser definida como a decepção formal do diário.

A oscilação entre autor e homem, entre leitor cúmplice e leitor ingênuo, entre Texto e Diário, entre o objetivo e o subjetivo, nos empurra a determinar que a literatura se desloca “entre”, isto é, move-se entre meios incertos e, ao mesmo tempo, certos. Do ponto de vista holístico, um não existe sem o outro, em uma interação misteriosa, porque propõe que a realidade se dissimule por trás da máscara da literatura. “O diário se apresenta como a escritura peculiar da ausência, da saudade. Do que cada dia não se pensou” (MILDONIAN, 2001, p. 198), aquele “não-pensamento” que o pensar lógico e ordenado teve que deixar na sombra.

O “não-pensamento” (que, pelo contrário, foi uma aguda e cínica leitura do presente) de Gombrowicz

- prosador, ensaísta e dramaturgo - deu origem às obras mais contundentes de sua produção estética. Nesse espaço, me dedicarei a uma análise da primeira e mais famosa peça teatral de Gombrowicz, *Iwona, księżniczka Burgunda*, publicada em 1938². Qual é o argumento dessa peça que o próprio escritor denominou com o rótulo de “comédia”?

Iwona é uma jovem aparentemente feia, insignificante e (quase) muda. Durante um passeio, o Príncipe Felipe encontra-a e, depois de ter fingido um namoro por causa da originalidade da jovem mulher, casa-se com ela por capricho, rebelando-se ao rei Inácio e à rainha Margarida, pais dele. Iwona, com sua insuportável passividade e indolência, em vez de suscitar sentimentos de pena e compaixão, desperta os remordimentos e os instintos mais vergonhosos da corte, sua agressividade e seu ódio virulento, até que a pobre é assassinada no banquete da cena final da obra.

A propósito dessa peça, falou-se de comédia grotesca, de uma dívida com o abstrato e com o teatro do absurdo, como o próprio Gombrowicz a definiu, “un détournement de cette féerie au profit d’une caricature grotesque et une dimension indirectement politique” (VANDENBORRE, 2009, p. 35), unida a uma paródia da figura da Nossa Senhora, rainha da Polônia³; para

² Outras peças teatrais do escritor polonês são *Ślub* (*O casamento*, 1953) e *Operetka*, (*Opereta*, 1966).

³ Nesse artigo, a pesquisadora propõe a existência de um fio tênue, mas representativo, dentre as produções estéticas polonesas, que une a poética dos contos de fadas com a simbologia nacional com o ícone da Nossa Senhora, padroeira da Polônia e dos poloneses. Nesse corpus, Vandendorre inclui diversas obras, entre as quais, a peça romântica *Balladyna* (1834) de Juliusz Słowacki, *Odważna księżniczka* (A princesa

Philippe Boesmans, que criou uma ópera lírica para Opéra Garnier (2009), a partir do libreto em francês, com cenas de Luc Bondy, “Yvonne est une pièce sur le désir et sur le dégoût et j’ai réfléchi longtemps sur leur rapport. Ils sont dans le même axe. Le dégoût n’est pas le contraire du désir, c’est le même trouble au fond”⁴ (BOESMANS, *website*) ; versão feminina do *Billy Budd* de Herman Melville, que se sacrifica e é imolado por um crime acidental que cometeu involuntariamente, para Jean-Pierre Buyle (2007, p. 146), a personagem é uma

corajosa, 1893) de Stanisław Ignacy Witkiewicz, *Ofiara królowy* (O sacrifício da princesa, 1906), uma novela de Jan Lemański, o conto *Kolombina zakochana* (Colombina apaixonada, 1909) de Juliusz German, e o drama simbolista *Królowna Orlica* (A princesa-águia, 1916-1917) de Tadeusz Miciński.

⁴ “*Yvonne* é uma peça sobre o desejo e sobre o desgosto, e eu pensei muito sobre a relação entre eles. Eles estão, de fato, no mesmo eixo. O desgosto não é o contrário do desejo, mas é finalmente o mesmo problema” (tradução minha). Acho importante citar outro trecho de Philippe Boesmans, em original: « Le trouble qu’engendre Yvonne est un trouble proche du désir. Si vous êtes dans un restaurant et qu’entre une personne affreusement mutilée, personne n’ose regarder mais tout le monde a « envie » de regarder, une sorte de panique s’installe ; quand une autre personne entre, superbement belle, c’est la même chose, tout le monde baisse le regard –il y a un désarroi ; le désarroi du dégoût et celui du désir sont de la même famille. [...] Dans *Yvonne*, une personne laide est choisie par le prince héritier et cet acte absurde va faire remonter dans tout un chacun le désordre profond qu’il a en lui. C’est un peu comme dans *Théorème* de Pasolini : une personne vient de l’extérieur et bouleverse tout. Ici, tout le monde est « entamé » par ce trouble, cette laideur, cette fascination bizarre » (BOESMANS, *website*).

reescrita da Antígona clássica, porque não se submete às ordens do rei e de ninguém, e recusa as leis preestabelecidas. Outra leitura interessante é oferecida por Anna Fialkiewicz-Saignes, conforme a qual, seguindo a interpretação antropológica e mitológica de René Girard, a personagem muda de Gombrowicz seria o bode expiatório, isto é, aquela figura que permite a solução de uma crise vivenciada por uma coletividade.

L'élimination du laideron qui clôt *Yvonne, princesse de Bourgogne* ressemble fort à la mise à mort du bouc émissaire qui chez René Girard permet la résolution de la crise au sein de la collectivité. Impossible, par exemple, de ne pas reconnaître une dimension sacrificielle dans ce dénouement qui prend place dans une fête, officiellement organisée en l'honneur d'Yvonne mais devant en réalité servir de cadre à son élimination. [...]

Mais l'enjeu va au-delà d'un simple maquillage du crime. Le banquet est bien un avatar de la fête sacrificielle, elle-même répétition du lynchage, ce meurtre collectif initial qui, en canalisant la violence interhumaine, a permis à la communauté de se constituer (FIALKIEWICZ-SAIGNES, 2008, p. 130-131)⁵.

⁵ “A eliminação do feio com que se fecha *Yvonne, Princesa de Borgonha* é muito semelhante à morte do bode expiatório em René Girard, morte que permite a resolução da crise no seio da comunidade. Impossível, por exemplo, não reconhecer aqui uma dimensão sacrificial neste final que ocorre em uma festa, oficialmente organizada em honra de Yvonne, mas para, em realidade, proporcionar um pretexto para a sua eliminação. [...]

O teatro de Gombrowicz origina-se na perspectiva do drama pirandelliano. Nas relações interpessoais, “o sujeito nunca chega a ser totalmente autêntico” (GARAND, 2005, p. 100), procura vestir uma máscara e adotar certas estratégias de defesa; portanto a relação do sujeito com o mundo está marcado por um grau variável de *irrealidade*” (idem). Inautenticidade e irrealidade são polos de uma mesma medalha que suscita nos protagonistas um desejo de alcançar algo que possa libertá-los da alienação. “Il y a donc d'abord le « théâtre » comme fait socio-ontologique : la vie est un théâtre, un tissu de conventions, nous portons toujours des masques, nous jouons constamment sans nous en rendre compte”⁶ (idem, p. 100-101). O teatral e/ou o material do teatro seria, então, o falso, o artificial, o inadequado. O teatro mostra *miseravelmente* essa artificialidade como possibilidade de escancarar o problema existencial. Assim, esse “teatro no teatro”, que lembra os conceitos de teatro da loucura e da crueldade de Antonin Artaud:

Abolit la frontière entre le théâtre et la vie (sa mise en scène tient lieu de « réel inconcevable et non maîtrisable » pour le spectateur qui en a

Mas a questão vai além de uma simples maquiagem do crime. O banquete é uma prefiguração da festa sacrificial, como repetição do linchamento, isto é um assassinato coletivo inicial que, canalizando a violência inter-humana, permitiu à comunidade de se constituir”. (Tradução minha).

⁶ “Há portanto o teatro como fato sócio-ontológico: a vida é um teatro, um tecido de convenções, nós sempre portamos máscaras, atuamos constantemente sem nos dar conta” (Tradução minha).

le souffle coupé), il obéit à la logique d'un désir contaminant... (GARAND, op. cit., p. 102)⁷ .

A lógica do desejo coincide com a busca de um *obsкуро objeto do desejo* que se alimenta de uma parodia da tradição polonesa e estrangeira. Podem ser deparadas em *Iwona*, por exemplo, relações intertextuais com *Ubu Roi*, de Alfred Jarry, assim como com o *Macbeth* shakespeariano, dentro de uma perspectiva kitsch, cinicamente reinterpretada, como bem foi observado por Michał Głowiński (2002⁸), segundo o qual Gombrowicz usaria a tradição de uma forma, que poderíamos denominar, quase “bipolar”: uma tradição que entra em diálogo textual pela “porta grande” e uma tradição que entra pela “porta de serviço”. *Iwona* pode ser lido como texto irônico, cômico, assim como o próprio autor também incitava seus leitores a fazerem. Porém, a atmosfera burlesca não se mantém. O grotesco avança para deixar um gosto amargo, a absurdidade das coisas, não pelo fato de as coisas serem absurdas mas, pelo contrário, pela força realista que elas revelam cruelmente.

⁷ “Abole a fronteira entre o teatro e a vida (a sua *mise en scène* ocorre no lugar daquela realidade inconcebível e não dominável para o espetador que tem o folego cortado, e obedece à lógica de um desejo contaminador” (Tradução minha)

⁸ Escreve o crítico polonês: “Gombrowicz aborde donc la tradition par deux entrées : *la grande porte et l’escalier de service*. Son œuvre, tellement imprégnée d’un passé dont elle est si dépendante, n’est pourtant en rien traditionnelle”. Ver: <http://www.gombrowicz.net/article785,785.html> Consulta efetuada em dia 8 de setembro de 2015. O itálico é meu.

Ingmar Bergman, o grande diretor sueco, montou *Iwona* duas vezes: uma mise-en-scène foi realizada em Munique (1980) e a outra adaptação teatral foi encenada no teatro de Estocolmo (1995). As formas simples do grotesco e da tragicomédia, que Głowiński tinha destacado, tornam-se, assim, “objeto” teatral da estética de Gombrowicz. Nesse sentido,

Bergman’s conception was more abstract and more estheticized; the political focus of the (...) productions from the Sixties and Seventies was gone; instead, Bergman emphasized older theatrical forms through the use of farce, caricature, and stylizing acting (STEENE, 2005, p. 660)⁹

As formas simples propostas por Ingmar Bergman como a força natural do teatro de Gombrowicz e dessa peça em modo especial (a farsa, a caricatura, a paródia) se unem, a meu ver, à própria representação de *Iwona*, que, apesar do título, não atua num papel de autêntica protagonista. A fala dela é limitada a sete respostas secas e brevíssimas. O rei, a rainha, o camareiro-mor, e, em primeiro lugar, o príncipe Felipe têm partes mais longas e agem como personagens do teatro clássico. *Iwona*, com seu mutismo e sua estranha e constrangedora feiura, *quase* não atua. Ela está partícipe de uma forma primigênia do teatro: ela assiste,

⁹ “A concepção de Bergman era mais abstrata e mais estetizada. O objetivo político das produções dos anos Sessenta e Setenta tinha desaparecido. Em seu lugar, Bergman enfatizava as formas teatrais mais antigas por meio do uso da farsa, da caricatura e outras ações estilísticas”. Tradução minha.

espectadora, na cena, no palco. Iwona é plateia e palanque, ao mesmo tempo. De certa forma, ela nega o teatro, ela é o anti-teatro por excelência. Iwona fica inerte, observadora, aparentemente distante. Eis outra vertente dessa forma simples teatral: basta apenas a presença dela na cena ou indiretamente na fala das personagens para que ela desencadeie a farsa que, metaforicamente representa a camada superficial de máscaras e de teatro com que é conduzida a existência humana. O jogo de máscaras, que Gombrowicz encena, não poupa o Outro, visto de forma cínica, lúdica e macabra ao mesmo tempo, como observa Krysinski:

No espírito do sistema de Gombrowicz, a simetria inter-humana quer que o Outro seja o proprietário do corpo do Outro, de ambos os lados do olhar. Para além do pensamento obsessivamente burlesco de Gombrowicz, desenha-se algo como a política do Outro (KRYSIŃSKI, 2007, p. 96).

Nesse sentido, o teatro de Gombrowicz, dialogando “com a tradição patricia, ancorado na sua vertente barroca” (é uma interessante sugestão de SIEWIERSKI, 2000, p. 177) é, sem dúvida, devedor a Calderón de la Barca e a Shakespeare, mas a trama de *Iwona* lembra, por outras razões, a corte duvidosa e mesquinha do *Enrico IV* de Pirandello. Nesse jogo estratégico de aparecer, mais que ser, de falsificar as atitudes, em vez de ser verdadeiro, Iwona deve ser domada, obliterada, aniquilada. Ela constantemente exige do espectador esse silêncio quase nojento e doentio, intolerável, como se esse mesmo silêncio estivesse extirpando algo de nós ou revelasse nossos

medos. Ela está presente como cordeiro que se imola, suscitando assim, sentimentos de raiva, pena, maldade: “Olha como ela mendiga, veja como ela implora. Me exige algo....sem parar... Dá-me a faca. Vou cortar sua garganta cantando, com o coração leve”¹⁰ (GOMBROWICZ, 1972, p. 29). É uma crônica de uma tragédia anunciada. Iwona deve morrer. Mas esse crime é realizado para que todos possam viver da melhor forma possível. Toda a corte de Borgonha decide eliminar Iwona para que ela não consiga contaminá-la e deturpá-la com seu silêncio, sua rebeldia à Lei, sua verdade amorosa contra a falsidade moralista e perigosa dos membros da Corte.

O teatro de Gombrowicz é uma forma de provocação. Ele é aparentemente anárquico, pois, na verdade, seu teatro também deve obedecer à rigidez do espaço e às releituras temporais da obra. Grande narrador, Gombrowicz subverte todas as formas simples do teatro e transgrede o cânone da literatura universal, não apenas da literatura polonesa (ele é considerado também como pertencente à tradição cultural argentina por alguns críticos, por causa do exílio bonaerense): “manipulador de máscaras, farsante e provocador, filósofo perverso e ironista implacável, parodista impenitente” (KRYSINSKI, 2007, p. 91), filho da tradição de Nikolai Leskov, Jaroslav Hašek e Joseph

¹⁰ Não tendo conhecimento, infelizmente, neste momento (outubro de 2015), de uma tradução ao português do Brasil, a versão da peça que utilizamos é a tradução para o espanhol, realizada por Jorge Lavelli e Roberto Daniel Scheuer, em ocasião de sua produção no Teatro Municipal General « San Martín » de Buenos Aires, em 1972.

Conrad, Gombrowicz possui uma obra “proteiforme (...) que faz do sujeito humano um ser obediente, imitador do Outro” (*Ibidem*).

Em tempos de alienação e desumanização, não seria o caso de deixar-nos interrogar, reler e traduzir a obra desse narrador genial vindo do Leste europeu?

LINK para mostrar

https://www.youtube.com/watch?v=5yHUH_BqxNs

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. *Le bruissement de la langue. Essais critiques IV*. Paris: Seuil, 1984.

BOESMANS, Philippe. In *Dossier pédagogique sur Yvonne, Princesse de Bourgogne. Mise en scène de Anne Barbot*. <http://www.theatremontansier.com/wp-content/uploads/2014/08/dossier-pedagogique-Yvonne-Princesse-de-Bourgogne.pdf> Consulta efetuada em dia 8 de setembro de 2015.

BUYLE, Jean-Pierre. « Witold Gombrowicz, *Yvonne, princesse de Bourgogne* », In: François Jongen - Koen Lemmens, *Droit et littérature*. Louvain-La-Neuve: Anthémis, 2007, p. 135-150.

FIALKIEWICZ-SAIGNES, Anna. « Witold Gombrowicz et René Girard », dans Małgorzata Smorağ-Goldberg (dir.), *Gombrowicz, une gueule de classique ?*, Paris: Institut d'études slaves, p. 129-140

GARAND, Dominique. « Gombrowicz et la théâtralité du récit ». In: *Jeu : revue de théâtre*, n° 115, (2) 2005, p. 99-106.

GŁOWIŃSKI, Michał. *Gombrowicz ou la Parodie constructive*. Paris: Noir sur Blanc, 2002.

GOMBROWICZ, Witold. *Yvonne, Princesa de Borgoña*. Tradução para o espanhol de Jorge Lavelli e Roberto Daniel Scheuer. Prefácio de Ernesto Sábato. Buenos Aires : Talia-Aquarius, 1972.

KRYSIŃSKI, Wladimir. *Dialéticas da transgressão*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MILDONIAN, Paola. *Alterego. Racconti in forma di diario tra Ottocento e Novecento*. Venezia: Marsilio, 2001.

SIEWIERSKI, Henryk. *História da literatura polonesa*. Brasília: Editora UnB, 2000.

SONTAG, Susan. "Foreword" to Witold Gombrowicz, *Ferdydurke*. New Haven: Yale University Press, 2000, p. VII-XV.

STEENE, Birgitte. *Ingmar Bergman. A Reference Guide*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2005.

VANDENBORRE, Katia. «De la princesse de conte de fées à la Reine de Pologne», *Slavica bruxellensia*, 2/2009, p. 35-47.

RESUMO – STRESZCZENIE

W publikowanym powyżej tekście autor dokonuje głębokiej analizy pierwszego, bardzo znanego, dzieła teatralnego Witolda Gombrowicza "Iwona, księżniczka Burgunda".

INFORME DA CIDADE LETRADA (JUNHO 2016 – OUTUBRO 2017)*

*Piotr KILANOWSKI***

O presente texto é uma tentativa de relatório a respeito do que se escreveu e publicou a respeito dos temas relacionados com a literatura e a cultura polonesas ao longo dos últimos meses nas revistas acadêmicas, suplementos culturais e blogues ou páginas especializadas. Além das publicações impressas que mencionarei aqui, insiro links para as publicações digitais, no intuito de criar uma base para os estudiosos da literatura polonesa, facilitar o acesso aos textos e dar um informe sobre as novidades no tema. O título alude ao poema de Zbigniew Herbert "Informe da cidade sitiada" e reflete de alguma maneira a situação da cidade sitiada das letras, num mundo que cada vez mais frequentemente substitui as letras pelas imagens, e a situação das culturas consideradas periféricas no mundo globalizado. Apesar do contínuo sítio da cultura das imagens, o mundo letrado resiste e, apesar do interesse globalizado dirigido às culturas vistas como

* O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

** Professor de literatura polonesa na Universidade Federal do Paraná e tradutor de poesia, pode ser contatado pelo correio eletrônico no endereço emaildopiotr@gmail.com. O autor agradece a revisão deste texto a Encida Favre.

centrais, as culturas periféricas não só resistem, como mostram cada vez mais sua importância ajudando a entender o mundo com a visão que o centro parece ter perdido. Que este informe e os que, com um pouco de boa sorte e trabalho, o seguirão sejam mais uma forma de documentar a resistência.

Há alguns anos venho recolhendo os links para essas publicações da área e remetendo-os pelo correio eletrônico à lista de pessoas interessadas no tema. Num primeiro momento, a lista continha apenas alunos e professores do curso de Letras Polônês da Universidade Federal do Paraná, mas com o decorrer do tempo fui acrescentando a ela, inicialmente a pedidos e depois sem eles, os nomes dos que eu sabia que ficariam interessados. Como percebi que não conseguiria atingir com meus emails todos os interessados, após sugestões e pedidos para a publicação desses relatórios, resolvi compilar os e-mails que relacionavam as publicações que consegui encontrar editadas ao longo do último ano e apresentar aqui o informe para os interessados. Como o número das publicações a respeito do assunto vem crescendo cada vez mais nos tempos mais recentes, talvez este seja o primeiro de vários relatórios que publicaremos no "Polonicus". Tentarei ordenar o relatório apresentando primeiramente os livros publicados, para depois falar dos artigos e traduções, sempre procurando manter a ordem cronológica dentro das seções. Desde já peço desculpas, caso alguma publicação tenha escapado à minha atenção e peço que futuras publicações relacionadas ao tema que os leitores desejem ver incluídas nos próximos informes me sejam

comunicadas pelo e-mail que se encontra na nota de rodapé desta página.

Livros

Sem dúvida o maior acontecimento literário do ano passado na área da literatura polonesa no Brasil foi a publicação da segunda antologia de poemas de Wisława Szymborska, em tradução de Regina Przybycień, premiada pela APCA como a melhor tradução de 2016. A tradutora foi entrevistada por Igor Gomes no Suplemento Pernambuco:

<http://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/1685-sobre-traduzir-wislawa-szymborska.html>

E o livro intitulado *Um amor feliz*, publicado pela Companhia das Letras, ganhou várias resenhas em importantes veículos impressos no país, entre outros, na revista *Veja*, no jornal *o Globo* e nas revistas *Suplemento Pernambuco* e *Rascunho*, que se dedicam a assuntos literários:

<http://veja.abril.com.br/entretenimento/imperdivel-a-lirica-poderosa-e-acessivel-da-nobel-szymborska/>

<http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/poesia-como-uma-ferramenta-de-investigacao-do-mundo.html>

[https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_128_web \(p.22-23\)](https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_128_web_(p.22-23))

<http://rascunho.com.br/pequena-prosa-em-versos/>

Resenhas

Um outro livro publicado no ano passado também teve sua repercussão nos veículos da imprensa. Refiro-me aqui ao livro escrito por Aleksandra Pluta *Ziembinski: Aquele bárbaro sotaque polonês*, traduzido por Luiz Henrique Budant e publicado pela editora Perspectiva. As resenhas apareceram entre outro nos jornais Estado de São Paulo e Folha de São Paulo e no blog da Editora Perspectiva:

<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,biografias-recontam-a-historia-de-gianni-ratto-e-ziembinski,10000096692>

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/11/1709145-biografia-revela-como-ator-e-diretor-ziembinski-zombou-de-hitler-no-palco.shtml>

<https://editoraperspectivablog.wordpress.com/2017/01/23/e-preciso-gritar-o-nosso-contra/>

Aos estudiosos do tema da imigração polonesa no Brasil certamente não passou despercebida a publicação do livro de Jerzy Mazurek *A Polônia e seus emigrados na América Latina (até 1939)*. O livro foi traduzido por Mariano Kawka e publicado pela editora Espaço Acadêmico (PUC-GO). O livro contou, entre outras, com as resenhas de Rhuan Targino Zaleski Trindade e de Leila Bijos ("Polonicus" vol.11-12):

<http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/69258>

Em 2016 também foi publicado o livro de poemas de Tomasz Łychowski *Spotkania*. Para aqueles que leem em

polonês segue o link para a introdução do livro escrita por Aleksandra Ziółkowska - Boehm: <http://aleksandrziolkowskaboehm.blogspot.com.br/2016/12/tomasz-ychowski-spojzenia-wiersze.html>

Ainda no ano de 2016 foi publicada pela editora Gnome (Katowice) uma antologia bilíngue de poemas de Zbigniew Herbert, traduzida por mim. *A viagem do Senhor Cogito/Podróż Pana Cogito* foi uma edição limitada com distribuição dirigida, fruto da colaboração entre a Universidade da Silésia e a Universidade Federal do Paraná. A notícia que documenta seu lançamento pode ser encontrada aqui: http://www.sjkip.us.edu.pl/aktualnosci_k/aktualnosci.php?a=261

O ano de 2017, ainda em curso, trouxe também gratas novidades em termos de livros de literatura polonesa em tradução.

Primeiramente pudemos contar em maio com uma publicação que vinha sendo anunciada há algum tempo pela editora Aleph. Trata-se da primeira tradução direta para o português do livro *Solaris* de Stanisław Lem (as anteriores eram traduções da tradução para o inglês, por sua vez traduzida a partir da tradução francesa). A tradução foi assinada por Eneida Favre e tive a honra de ser seu consultor no processo de verter Lem. O livro encontrou seus ecos na imprensa (entre outros no jornal Estado de São Paulo e Zero Hora) e na internet:

<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,solaris-ganha-versao-em-blu-ray-e-reedicao-em-livro,70001660152>

Resenhas

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/musica/noticia/2017/05/classico-da-ficcao-cientifica-solaris-ganha-nova-traducao-9791071.html>

<https://blogsemserifa.com/2017/05/12/resenha-solaris/>
<https://cafebatepapoecultura.wordpress.com/2017/07/25/resenha-critica-solaris-de-stanislaw-lem/>

<http://deliriumnerd.com/2017/08/07/solaris-stanislaw-lem-aleph/>

<http://www.intocados.com/index.php/literatura/resenhas/921-solaris-stanislaw-lem>

<http://www.desbravadordemundos.com.br/2017/07/resenha-solaris.html>

Em fevereiro de 2017 foi publicada pela editora Demônio Negro a antologia bilíngue de poemas "Lira argenta", na qual foram incluídas as traduções feitas por mim de 9 poemas dos poetas poloneses: Czesław Miłosz, Wisława Szymborska e Zbigniew Herbert. A antologia é uma seleta de poetas e poemas importantes da literatura mundial e é significativo que ao lado dos maiores poetas do mundo estão sendo publicados também os grandes representantes da poesia polonesa.

O mês de julho foi marcado pelo lançamento do livro *Simões Lopes Neto para o mundo*, publicado pela editora da UFRGS. O livro contém dezenove contos gauchescos em tradução para vários idiomas do mundo. Um deles, "Trezentas onças" foi traduzido para o polonês por Joanna Dudek. Mais sobre o assunto:

<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/obra-da-editora-da-ufrgs-traz-contos-guachescos-traduzidos-para-dez-linguas>

Em agosto deste ano pudemos contar com a primeira publicação integral de um livro poético (e não de uma seleta de poemas) de um autor polonês. Uma das mais importantes poetisas polonesas do século XX, Anna Świrszczyńska, retratou em seu livro *Eu construía a barricada* os acontecimentos do trágico Levante de Varsóvia, no qual tomou parte como enfermeira. Seu relato de testemunho poético foi traduzido por mim. A tradução contou com a cuidadosa revisão de Eneida Favre e foi publicada pela editora Dybbuk. Escrevi sobre o livro, antecipando sua publicação, no Suplemento Pernambuco:

<http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/1900-as-barricadas-de-anna-%C5%9Bwirszczy%C5%84ska.html>

ou

http://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_137_web.pdf

Dirce Waltrick do Amarante resenhou o livro para o jornal "O Globo":

<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/critica-guerra-do-ponto-de-vista-de-uma-mulher-21945833>

Também em agosto foi lançado na Polônia um livro publicado pela editora PWN que une temas do Brasil e da Polônia e descreve a trajetória dos imigrantes poloneses que se estabeleceram no Rio de Janeiro.

Aleksandra Pluta traz para os leitores as memórias dos integrantes da Polônia carioca, no livro cujo título em polonês pode provocar associações enganosas, *Droga do Rio*, e por isso esperamos que em breve possamos ler sua tradução *Caminho para o Rio*.

No Rio de Janeiro, a editora 7Letras publicou o primeiro romance de Olga Kempnińska, polonesa, professora da UFF, estudiosa de literatura e tradutora, que entre seus variados interesses continuamente traduz obras de autores poloneses e escreve sobre elas em revistas acadêmicas. O livro é intitulado *Klov* e, de acordo com a informação editorial, tem a língua como seu personagem principal.

Entre os livros lançados nos anos 2016 e 2017, devemos mencionar também os seguintes volumes da Saga do Bruxo Geralt, cuja tradução iniciada por Tomasz Barciński (já falecido) está sendo continuada por Olga Baginska Shinzato. A editora Martins Fontes publicou três volumes da Saga: *A torre da andorinha*, *A senhora do lago vol.1* e *vol.2*.

Revistas, artigos e traduções esparsas

Além das edições 11-12, 13 e 14 da revista "Polonicus", certamente conhecidas dos nossos leitores, gostaria de registrar entre as revistas que abordam os assuntos poloneses dois boletins informativos: editado há alguns anos no Rio de Janeiro, com uma certa regularidade, o boletim Polônia Carioca e um novo boletim oriundo de Curitiba chamado "Boletim Tak!". Gostaria de destacar aqui algumas das publicações relacionados com a área de literatura na revista "Polonicus": as traduções de

poemas infantís de Jan Brzechwa, que podem ser encontradas no vol.11-12, os artigos de Aurea Leminski sobre seu pai Paulo Leminski, o grande poeta brasileiro de origem polonesa, e o de Mariano Kawka sobre o escritor polonês Henryk Sienkiewicz, publicadas no vol.13, também as traduções de autoria da dupla Joanna Józefowska e Guilherme Borges de poemas de Jan Twardowski, a reflexão de Tomasz Łychowski sobre suas traduções de Ewa Lipska, Ryszard Krynicki e Julia Hartwig e o artigo de Anna Rybka a respeito da obra do escritor polono-brasileiro João Krawczyk, que fazem parte do vol.14 da revista.

Entre as revistas cabe destacar também o número 17 da revista da USP "Cadernos de literatura em tradução" que é dedicado à literatura da "Outra Europa" - Europa Centro-Oriental. A revista na íntegra pode ser encontrada aqui:

<http://www.revistas.usp.br/clt/issue/viewIssue/9718/1003>

Em seu interior encontramos, entre outros:

- Artigo de Henryk Siewierski "Nas trilhas da escrita ensaística de Lem: anotações do tradutor" sobre a tradução que está fazendo dos ensaios de Stanisław Lem:

<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/131843/128050>,

- Artigo de Gabriel Borowski "Bruno, não Franz: a primeira onda da recepção de Ficção Completa do

polonês Bruno Schulz", sobre a recepção da tradução da obra de Bruno Schulz feita por Henryk Siewierski: <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/131846/1280> 53,

- Artigo de Aleksandar Jovanović "Cinco poetas da Europa Centro-Oriental: forja mágica de metáforas e temas" sobre a tradução dos poetas eslavos, entre eles, Tadeusz Różewicz: <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/131851/1280> 57,

- A tradução do conto "Nocny Expres" ("Expresso noturno"), de Sławomir Mrożek, assinada por Paulo Chagas de Souza: <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/131852/1280> 58,

- E a entrevista com Regina Przybycień "Debruçando-se sobre o mistério", que trata de suas traduções de poesias de Wisława Szymborska: <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/131853/1280> 59.

O período relacionado foi marcado também pela publicação, por vezes atrasada, de vários artigos que tocam os temas de literatura e cultura polonesas. Segue a relação dos que consegui localizar:

- Em anais do congresso de ABRALIC foi publicado o artigo de Marcelo Paiva de Souza "Uma descarada janela judia: Władysław Szlengel, cronista do gueto de Varsóvia", sobre Władysław Szlengel, junto com a

tradução de seu poema "Rzeczy" ("Coisas"), que o artigo comenta:

http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456104813.pdf

- No vol. 21 da Revista "Qorpus" está a publicação de uma seleta de poemas de Tomasz Łychowski e a resenha de seu livro *Recomeço*, intitulada "Olhar do eterno viajante, sempre renovando" assinada por mim:

<http://qorpus.paginas.ufsc.br/teatro-na-praia/edicao-n-021/poemas-de-tomasz-lychowski/>

<http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-21/olhar-do-eterno-viajante-sempre-renovando-sobre-recomecode-tomasz-lychowski-piotr-kilanowski/>

- No mesmo vol.21 da revista "Qorpus", foi publicado também meu artigo "Dos exilados aos ex-humanos – um passeio pelos abismos da desumanização. *Antígona em Nova Iorque*, de Janusz Głowacki, *Os Emigrantes*, de Sławomir Mrożek e *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, em diálogo", que apresenta e analisa duas das mais importantes peças de dramaturgistas poloneses do século XX "Os emigrantes" de Sławomir Mrożek e "Antígona em Nova Iorque" de Janusz Głowacki e explora suas ligações com " Esperando Godot" de Samuel Beckett:

<http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-21/dos-exilados-aos-ex-humanos-um-passeio-pelos-abismos-da-desumanizacao-antigona-em-nova-iorque-de-janusz-glowacki-os-emigrantes-de-slawomir-mrozek-e-esperando-godot-de-samuel-beckett-em-dialogo/>

- Olga Guerizoli Kempieńska em seu artigo "A cena, o olhar: Orfeu e Eurídice em H. D., Rilke, Tsvetáieva,1 Bachmann e Miłosz", publicado na revista "Desenredo" (vol.12), da UPF, analisa as diferenças da articulação de gênero feminino e masculino, tomando como base as representações poéticas do mito de Orfeu e Eurídice, entre elas a de Czesław Miłosz, cujos fragmentos também traduziu:

<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/5783>

- A revista "Alceu" da PUC do Rio de Janeiro publicou em seu volume 32 o artigo de minha autoria "Quando Sancho Pança vira Dom Quixote - A invenção da Silésia no filme *Angelus* de Lech Majewski", que apresenta a figura do multiartista e diretor de cinema, o polonês Lech Majewski, e analisa seu filme *Angelus*, uma homenagem do cineasta à sua terra natal – a Silésia:

<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/pp%20153-165.pdf>

- O artigo de Alicja Goczyła Ferreira sobre "A minoria cassúbia na Polônia – sua história, língua e situação sociolinguística." foi publicado nos Cadernos da Semana de Letras, edição do ano 2015. O artigo se inicia na página 66 do arquivo que pode ser acessado pelo link: http://www.semanadeletras.ufpr.br/wp-content/uploads/2013/05/CadernosSemanaDeLetras_2015.pdf

- Aleksandra Pluta entrevistou Aurea Leminski para o portal culture.pl. A entrevista "Paulo Leminski – zakochany w języku", publicada em polonês, gira em torno do poeta Paulo Leminski e de seu legado artístico:

<http://culture.pl/pl/artykul/paulo-leminski-zakochany-w-jezyku-wywiad>

- Na edição 22 da revista "Qorpus" pode ser encontrado meu artigo "Poesia, ironia e resistência. Wisława Szymborska olha para o totalitarismo", sobre alguns poemas de Wisława Szymborska, nos quais é evidenciada a resistência irônica da poeta diante do totalitarismo comunista:

<http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e-edicao-n-22/poesia-ironia-e-resistencia-wislawa-szymborska-olha-para-o-totalitarismo-piotr-kilanowski/>

- A revista "Linguagem: estudos e pesquisas" da UFG, em seu vol.20, traz o artigo de Henryk Siewierski "Stanisław Lem: Ficção na encruzilhada da ciência com a metafísica", sobre Stanisław Lem, o escritor polonês mais traduzido no mundo. O artigo analisa a diferença entre várias concepções de sujeito, baseando-se em ensaios do escritor polonês: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/44850>

- Uma nota minha sobre o livro de poesias Jerzy Ficowski, *A leitura das cinzas*, que traduzi para editora Âyiné (no prelo), junto com um poema desse livro foram publicados no Suplemento Pernambuco: <http://www.suplementopernambuco.com.br/in%C3%A9ditos/1769-carta-a-marc-chagall,-de-jerzy-ficowski.html>
http://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_131_web.pdf

- Na edição 24 da revista "Qorpus" pode ser encontrado meu artigo sobre diferentes maneiras poéticas de lidar

com a opressão totalitária: "Poesia: sussurro, grito e silêncio – sobre três poemas de Iossif Brodskii, Aleksander Wat e Zbigniew Herbert". O artigo é acompanhado por seletas de poesias de Aleksander Wat e de Zbigniew Herbert por mim traduzidas

<http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-024/5231-2/>

<http://qorpus.paginas.ufsc.br/teatro-na-praia/edicao-n-024/poemas-de-aleksander-wat-traducao-de-piotr-kilanowski/>

<http://qorpus.paginas.ufsc.br/teatro-na-praia/edicao-n-024/poemas-de-zbigniew-herbert-traducoes-de-piotr-kilanowski/>

- O artigo "Uma aranha em agonia", de autoria de Olga Guerizoli Kempnińska, que trata sobre o mal a partir da interlocução entre um poema de Miłosz e um fragmento do *Diário* de Gombrowicz, foi publicado na revista *Aletria* em seu vol. 27:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/11137/10251>

Termino o presente informe com a relação das traduções esparsas publicadas no período e que não foram citadas acima.

- O ensaio de Wisława Szymborska "O komizmie" ("Sobre o cômico") foi traduzido por Olga Guerizoli Kempnińska e publicado no vol.12 da revista "n.t.". A revista pode ser acessada pelo Dropbox no endereço <http://www.notadotradutor.com/revista12.html>

clicando na capa dela ou diretamente pelo https://www.dropbox.com/s/w11m4gp3nz6oh4d/n.t._Revista_Literaria_em_Traducao_n_12.pdf. O ensaio inicia-se na p.270.

- O jornal curitibano "Relevo" publicou um série de poemas relacionados ao evento Literatura de Refúgio, coordenado por prof. João Arthur Pugsley Grahl e Carla Cursino. Entre eles, a versão bilingue da minha tradução de um poema de Zbigniew Herbert *O Senhor Cogito - o regresso*. A edição de fevereiro que contém o poema pode ser acessada no endereço: https://issuu.com/jornalrelevo/docs/relevo_-_edi_o_de_fevereiro_de_2

- No volume 89 da Revista Brasileira, publicada pela Academia Brasileira de Letras, podemos encontrar poemas de dois poetas poloneses: Ewa Lipska e Ryszard Krynicki, versão bilingue com traduções de Tomasz Lychowski. A revista pode ser acessada pelo endereço:

<http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revistabrasileira89.pdf>

- Por último, mas certamente não menos importante: a revista "n.t." em seu vol. 13 nos brinda com a tradução do conto de Stanisław Lem "Wyprawa Pierwsza A, czyli Elektrybałt Trurla" ("Expedição primeira A ou o Poetômato de Trurl"), assinada por Olga Guerizoli Kempnińska. A revista pode ser acessada pelo dropbox no endereço:

<https://www.notadotradutor.com/revista.html>

ou diretamente no endereço:

https://www.dropbox.com/s/f5fqh9tsgtwgx2f/n.t._Revisita_Literaria_em_Traducao_n_13.pdf.

O conto original seguido da tradução inicia na página 174.

Boas leituras!

RESUMO - STRESZCZENIE

W ramach tekstu autor omawia i prezentuje publikacje związane z literaturą i kulturą polską, wydane w Brazylii na przestrzeni od czerwca 2016 do października 2017. Nowym książkom, tłumaczeniom, artykułom i czasopismom prezentowanym w tym sprawozdaniu towarzyszą linki do tych z nich, które dostępne są w internecie.

PRÊMIO LITERÁRIO PARA POLONESES NO BRASIL

No dia 4 de junho, no Museu da História do Movimento Popular Polonês, situado na Avenida Wilanowska em Varsóvia, realizou-se a solenidade da entrega dos Prêmios Literários anuais da União dos Escritores Poloneses no Exterior. Os premiados do ano 2016 foram o Prof. Henryk Siewierski, Tomasz Lychowski e o Pe. Zdzislaw Malczewski, que foram agraciados pela popularização da cultura polonesa no Brasil e no mundo.

Por que foi justamente nesse lugar que se realizou a entrega dos prêmios, e não em Londres, como ocorre tradicionalmente? Eis que o Museu da História do Movimento Popular Polonês é também uma Editora e publicou os livros de dois dos premiados: do Pe. Zdzislaw Malczewski e de Tomasz Lychowski. E a data? Não é fácil reunir três premiados do distante Brasil num só lugar. Dois deles viajaram a Varsóvia. O Pe. Malcewski informou quase que no último momento que as obrigações pastorais lhe impossibilitavam a vinda (desde 2009 ele é o reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil). A escolha do lugar mostrou ser excelente, visto que o jardim que cerca o Museu possui um encanto peculiar, e a tarde quente favorecia a realização do evento ao ar livre.

A solenidade foi aberta pelo vice-diretor do Museu da História do Movimento Popular Polonês, que saudou os convidados vindos de diversas partes do mundo, incluindo uma numerosa representação de Londres. A direção do evento coube ao presidente da

União dos Escritores Poloneses no Exterior, Andrzej Krzeczunowicz e à vice-presidente da União, Regina Wasiak-Taylor. Antes da entrega dos diplomas e dos prêmios, foram lidas duas cartas: do secretário de Estado no Ministério da Cultura e da Herança Nacional, Jarosław Sellin, e da Embaixada do Brasil em Varsóvia.

**MINISTÉRIO DA CULTURA
E DA HERANÇA NACIONAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
Jarosław Sellin**

Varsóvia, 30 de maio de 2017.

Sr. Andrzej Krzeczunowicz
Presidente da União dos Escritores Poloneses no
Exterior

Prezado Senhor Presidente:

Quero juntar-me às felicitações aos agraciados com o prêmio literário anual da União dos Escritores Poloneses no Exterior, a mais importante distinção nessa categoria atribuída a autores poloneses fora da Polônia. Cordialmente felicito pelo prêmio o Senhor Tomasz Łychowski, o Padre Reitor Zdzisław Malczewski e o Senhor Professor Henryk Siewierski. A história de vida e da obra de cada um dos premiados de hoje é uma expressão da vontade de permanecer no polonismo e de transmitir às gerações seguintes os pensamentos e as artes justamente na língua pátria, o que merece respeito e gratidão. A União dos Escritores Poloneses no Exterior é uma organização que há

dezenas de anos percebe e divulga a valiosíssima obra literária de compatriotas espalhados pelo mundo inteiro.

Pela atividade em prol da cultura polonesa desenvolvida pela União sob a Sua presidência, queira aceitar as expressões da minha sincera gratidão.

Com expressões de respeito

Jarosław Sellin

O encômio em honra do Pe. Zdzislaw Malczewski e de Tomasz Łychowski foi pronunciado por Aleksandra Ziółkowska-Boehm, que divide o seu tempo entre os Estados Unidos e a Polônia. De Oxford veio Nina Taylor-Terlecka, que pronunciou o encômio a Henryk Siewierski. O agradecimento em nome do Pe. Malczewski e um trecho do ensaio do Prof. Henryk Siewierski *Multiculturalismo e cultura no processo da globalização* foram lidos por Janusz Guttner, um varsoviano que há anos reside em Londres.

Ambos os premiados presentes na solenidade agradeceram pelo prêmio a eles atribuído, enfatizando o seu significado. Para o encerramento dessa parte do evento, Tomasz Łychowski e seu filho Rodrigo leram, em polonês e português, alguns poemas do premiado, que não é apenas poeta, mas também pintor. Quatro dos seus quadros contribuíram para a moldura plástica da solenidade.

Após essa parte oficial realizou-se um concerto de música brasileira apresentado pelo conjunto Ponte Aerya. Diante do variado e apetitoso coquetel, e em razão dos interessantes diálogos, ninguém queria sair do belo jardim do Museu do Movimento Popular

Polonês. Só uma chuva torrencial serviu para dispersar os presentes.

Especialmente por ocasião desse encontro, a diretoria do Museu organizou a exposição “Meu coração de polaco voltou”, dedicada ao poeta brasileiro de origem polonesa Paulo Leminski.

Fonte: www.zppno.org

* * *

**PALAVRA DE AGRADECIMENTO PELA
OUTORGA DO PRÊMIO LITERÁRIO DA UNIÃO
DOS ESCRITORES POLONESES NO EXTERIOR,
NA SOLENIDADE DA SUA ENTREGA
EM VARSÓVIA, 4 DE JUNHO DE 2017**

Prezados e Caros Senhores e Senhoras,

“A pátria não é um lugar no mapa, mas a essência viva do ser humano” – disse certa vez Witold Gombrowicz. Essas palavras, lidas ainda nos tempos de estudante, gravaram-se profundamente na minha memória e nos anos 80 me serviram de lema que não apenas me ajudava a viver no exterior, mas também de alguma forma a apossar-me dessa terra estrangeira e ao mesmo tempo descobrir que afinal não era exatamente tão estrangeira. Porque será possível chamar de terra estrangeira um país cuja terra foi fertilizada pelo trabalho de milhares de compatriotas que nessa terra descansaram, cujos descendentes a gente encontra no dia a dia? E, afinal, também a diversidade não precisa ser antônimo daquilo que é pátrio.

Mas, se a pátria é a “essência viva do ser humano”, por que não pode ser também um lugar no mapa? Neste ponto se poderia discordar de Gombrowicz, embora também para ele, que tanto gostava de provocar, esse lugar se relacionava com um grande desafio. Porque, quando na Argentina se fascinava com o quanto do mundo que dali pode ser visto, contrariamente à Polônia, “encaixada – como escrevia – entre tantos países e paisinhos”, ao mesmo tempo compreendia essa sua situação geográfica como “vocação ao mais extremado universalismo”.

Meu pai, como um jovem de dezesseis anos de idade, foi levado a trabalhos forçados na Alemanha. Após a guerra voltou à sua aldeia natal na província de Rzeszów. Às vezes, quando criança, eu lhe perguntava por que havia voltado e por que não havia viajado à América, como seu irmão, também levado à Alemanha. Um dia ele me respondeu a isso: “A pátria não está onde está o pão, mas o pão está onde está a pátria”. Será que a pátria seria algum tipo de obrigação? – eu pensava comigo. Então ele voltou àquele lugar no mapa onde muitas vezes devia ser amargo o gosto do pão, embora nunca me tenha dito isso, porque afinal, apesar de tudo, esse pão tinha um gosto tão saboroso como nenhum outro. “Um pão amargo é o polonismo”, são palavras de Norwid, mas na nossa memória coletiva gravaram-se mais outras palavras suas, aquelas que falam da saudade “do país onde uma migalha de pão é erguida do chão por respeito aos dons do céu”.

Sabe-se que não só de pão vive o homem, que a pátria não é apenas um lugar no mapa, e não somente “uma grande obrigação coletiva” – no entanto aquelas palavras de meu pai voltam à minha memória.

E assim fico pensando hoje que, como a pátria, como essência viva do ser humano, sempre se encontra conosco, embora seja um lugar no mapa, ela não é apenas um lugar no mapa, de modo que sempre é uma espécie de obrigação, e todos, não importa aonde vamos, de diversas formas se encontramos ligado com ela e com essa obrigação.

Esses pensamentos eu gostaria de hoje partilhar com os Senhores e as Senhoras, agradecendo pelo tão honroso e valioso prêmio que me foi atribuído pela União dos Escritores Poloneses no Exterior – no Exterior, mas sempre também na Pátria. Expresso o meu sincero agradecimento ao Senhor Presidente Andrzej Krzeczunowicz, à Senhora Vice-Presidente Regina Wasiak-Taylor e aos Senhores Jurados. E também à Senhora Dra. Nina Taylor-Terlecka por tantas palavras bondosas em sua apresentação.

Este é um prêmio para mim tanto mais valioso porque foi recebido conjuntamente com Tomasz Łychowski e com o Pe. Zdzisław Malczewski, cuja produção literária tanto aprecio.

Se me foi possível contribuir para o que aqui foi chamado de popularização da cultura polonesa no exterior, isso é também mérito da abertura a esse tipo de iniciativas e da colaboração da parte de amigos brasileiros e poloneses, das editoras, da minha universidade – a Universidade de Brasília, ou do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. E levaria muito tempo enumerar todas as pessoas e instituições aqui da Polônia e do mundo com as quais pude contar e com as quais hoje espiritualmente partilho este prêmio. E recebo-o igualmente em nome da equipe, que aqui não se

encontra presente, mas que sempre está presente naquilo que generosamente foi reconhecido como digno de recompensa, isto é, de minha esposa Margarida, de minha filha Verônica e de meu filho Miguel.

E como deixar de mencionar os compatriotas daquela primeira Grande Emigração ao Brasil, ocorrida no século XIX, e das ondas emigratórias futuras, cuja história e cujas conquistas são pesquisadas e preservadas na memória justamente por este Museu da História do Movimento Popular Polonês, pelo seu programa investigativo e editorial dirigido pelo Dr. Jorge Mazurek? Graças a esses emigrantes e aos seus descendentes, ao seu envolvimento no cultivo e na divulgação da língua e da cultura polonesa no Brasil, nem a língua nem a cultura polonesa são estranhas nesse multicultural República. Da mesma forma que não são estranhas também graças às iniciativas de cooperação com a comunidade polônica provenientes da Polônia e à aproximação polono-brasileira.

Henryk SIEWIERSKI

Trecho do ensaio de H. S. *O multiculturalismo e a cultura nacional no processo da globalização*, publicado no periódico mensal cracoviano *Znak* em 2005, lido pelo ator Janusz Guttner:

[...] Difícil se torna encontrar uma cultura nacional que seja produto de uma única nação, em razão do que o próprio conceito de cultura nacional traz em si algo de paradoxal, ao mesmo tempo em que o conceito do multiculturalismo apresenta as marcas da tautologia.

A sociedade polonesa em geral não se sente complexada em razão de tão numerosas componentes da sua origem provenientes de fontes não polonesas. Ela as assimila perfeitamente e – por vezes – até as enaltece. Nós, os eslavos, gostamos dos empréstimos. Jossif Brodsky disse certa vez que se sente um poeta tanto mais rico quanto mais devedor aos outros. Na cultura o endividamento é um sinal de riqueza – não somente dos devedores; esse endividamento enriquece, valoriza também os credores. A herança de uma República de várias nações, da mesma forma que a de uma República aberta e que sai ao encontro dos outros, supera sensivelmente a importância do legado deixado pelos defensores da concepção de uma cultura nacional como uma fortaleza sitiada.

O período do comunismo foi o tempo da inserção da Polônia numa união mais multicultural do que a atual União Europeia. Mas foi também o tempo de uma sensível pressão das forças que diminuam a multiplicidade e que impunham um arbitrário modelo unificador. Com efeito, ao solapar os modelos da cultura da Europa Ocidental, a prática comunista buscava sistematicamente o aniquilamento não somente dos autênticos laços inter-humanos, mas também dos interculturais [...].

Depende somente de nós se a herança multicultural e a convivência com a diversidade do mundo, inclusive pela experiência da emigração – isto é, pelo conhecimento do valor que representa a identidade cultural própria e alheia – serão capazes de nos livrar da dissolução no multicolorido e pós-modernista mundo do consumismo.

Somente de nós depende se a memória da perversão das estratégias totalitárias será suficientemente viva para nos opormos à ideologia de uma identidade multicultural na qual o pretenso respeito à diversidade cultural anda par a par com o receio das influências estranhas, ou com a falsa tolerância, que equivale muitas vezes à aceitação do sofrimento do outro.

Finalmente, somente de nós depende se seremos cristãos a tal ponto que o sistema imunológico da nossa fé será mais forte que o bacilo que se transforma no chauvinismo individualista, que transforma a pessoa num “animal do interesse”.

* * *

Prezados Amigos!
Excelentíssimo Senhor Representante do Governo Brasileiro!

Deus Lhes pague! Acima de tudo, Deus Lhes pague!
Porque como poderei expressar melhor, mais profundamente ou mais solenemente a minha gratidão por tão honrosa distinção? Portanto, os meus sinceros agradecimentos à União dos Escritores Poloneses no Exterior, ao nosso Presidente Andrzej Krzeczunowicz, aos Membros da Administração, à prezada Regina Wasiak-Taylor, o *spiritus movens* do nosso encontro, e evidentemente aos nossos prezados e generosos Jurados, especialmente à aqui presente Dorota Dorosz, a Nina Taylor-Terlecka e, *last but not least*, a Oleńka Ziółkowska-Boehm, pois quão grato Lhe sou pela bonita

introdução ao volume *Olhares!* Pelo seu tão belo Encômio!

Quero também agradecer aos nossos Anfitriões e à nossa Editora, ao Museu da História do Movimento Popular Polonês, por mais uma cordial recepção e pelos muitos anos de apoio! Ao Janusz e ao Jerzy! Como um senhor de mais idade, permito-me esse tom mais informal e esse estilo de bate-papo com Vocês.

Alegro-me muito porque o Henryk e eu pudemos aqui vir e com Vocês vivenciar este momento tão feliz. Lamento muito que as obrigações pastorais não tenham permitido ao Pe. Zdzislaw aqui conosco também alegrar-se.

Cordialmente saúdo os convidados aqui reunidos, bem como os membros e o Presidente da Sociedade Polono-Brasileira, o Embaixador Stanisław Pawliszewski. Tantos, tantos Amigos!

Como *globe-trotter*, cidadão de vários continentes, desejo partilhar com Vocês, caros amigos, a gênese de alguns dos meus poemas.

Porque primeiramente foi o continente africano, primeiramente foi Angola. A mensagem do *Núcleos das trevas* era mim a de que todo ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus. Não “eles” e “nós”, mas somente um grande NÓS.

Artigos

E assim surgiu o poema *Chega!*. Eu vou ler os poemas em polonês, e o Rodrigo, meu filho, brasileiro nato e patriota polonês, em português:

Jaka moja w tym wina
- urodzony w Angoli –
że nie jestem czarny?

Zaadoptowany przez Brazylię
że jestem gringo?

Jaka wina?

Że jestem synem Niemki w Polsce
Polaka w Niemczech?

Dość nierzeczywistych win!
Czy nie wystarczą te prawdziwe?

*

*Que culpa tenho eu
- nascido em Angola -
de não ser negro?*

*Adotado pelo Brasil
de ser gringo?*

Que culpa?

*De ser filho de alemã na Polônia
de polonês na Alemanha?*

*Chega de falsas culpas!
Já não bastam as verdadeiras?*

E mais um poema angolano, no qual ocorre a reflexão de que podemos, sim, ser filhos da mesma terra, mas por enquanto não de um outro planeta, do que muitas vezes nos esquecemos. *Tu:*

Znane wrażenie:
przy tobie jest coś lub ktoś
kogo kochasz

Niewidzialny, lecz bliski
bezgłośny, przez ciebie słyszany

Ta przyjazna obecność
budzi w tobie tęsknotę
narasta

W pamięci topografie, twarze
nawet zwierzęta tamtej ziemi

Która ciebie żywiła, tuliła
nigdy nie powiedziała adieu

To angolskie w tobie istnieje
obok polskiego, brazylijskiego

Ty – synem tamtej ziemi
tej planety

**

Artigos

*Tu conheces aquela sensação
ao teu lado está alguém ou algo
que amas*

*Invisível, mas próximo
inaudível, mas tu o ouves*

*Essa presença amiga
desperta em ti a saudade
aumenta*

*Na memória surgem topografias, rostos
até mesmo animais daquela terra*

*Que te alimentou, acalentou
nunca disse adeus*

*O angolano em ti existe
ao lado do polonês, do brasileiro*

*Tu – filho daquela terra
deste planeta*

Agora um outro continente. Agora a Polónia. Como vê
Varsóvia alguém que dela se lembra dos tempos da
Guerra? *Cidade Velha:*

*Kawa ze śmietanką, naleśniki
słoneczny dzień
uśmiechnięta biel*

Napór terazniejszości

W ścianie nieopodal
wmurowana tablica
opowiada inne
już bardzo dawne dzieje

Każdy kamień bruku szepce
o tych nieobecnych-obecnym

Dla obcych kawa ze śmietanką
dla nas, dla mnie
prawie świętokradztwo

*

*Café com creme, panquecas
dia ensolarado
brancura sorridente*

O impacto do agora

*Na parede, ali perto, uma placa
conta uma história diferente
de dias já antigos*

*Cada pedra da rua sussurra nomes
de ausentes-presentes*

*Para os estranhos, café com creme
para nós, para mim
quase um sacrilégio*

E mais um. *Minha:*

Nalot o trzeciej
Przyszli po nas koło czwartej
zagonili na Plac Zamkowy

Lufy karabinów maszynowych
zwrócone w naszą stronę
potem rutyna celi 25
ranny meldunek
ciepła lura, kromka chleba
głód, lęk, mroźno

Teraz słońce
widok na Wisłę

Taki był, taki jest
mój Plac Zamkowy

*

*O bombardeio às três
pelas quatro, vieram nos buscar
nos levaram para a Praça do Castelo*

*Os canos das metralhadoras
apontados em nossa direção
então a rotina da cela 25
de manhã, a chamada
café aguado, pedaço de pão
fome, ansiedade, frio*

*Agora, sol
vista para o Vístula*

Artigos

*Era assim, é assim
minha Praça do Castelo*

Como vê Varsóvia alguém apaixonado por ela? *Você também:*

Nowy Świat
wymarzona ulica
chyba najpiękniejsza

Wiedzie nie prostą linią
nie wiesz, co będzie dalej
nie ma tu drapaczy chmur
troskliwie zachowuje
swą wolną przestrzeń

Nie byłaby tak urodziwa
gdyby tak nie było

Każdy kamień bruku
zbliżający się przypadkowo gołąb
zeschły liść
na tle kwitnących kwiatów
są piękne
bo są tylko sobą

Ty też

*

*„Novo Mundo”
a rua ideal
talvez a mais bela*

*Conduz não em linha reta
você não sabe o que adiante lhe espera
lá não há arranha-céus
carinhosamente protege
seu espaço livre*

*Não fosse assim
não seria tão bonita*

*Cada pedra da rua
o pombo que surge de repente
a folha seca
entre as flores
são lindos
porque são apenas eles mesmos*

Você também

E como um emigrante vê o Brasil? *Quanto mais:*

*Im bardziej szukam Brazylii
tym bardziej odkrywam Polskę
i odwrotnie*

*Przemawia ziemia i duch,
który w niej mieszka*

*Wiśnie i mango
brzoza i *guatambu*
dziecko jasnowłose i wnuk
*curumim**

Tak naprawdę
czuję się Polakiem
Brazylijczykiem

Gdy człowiek
pokazuje swe ludzkie oblicze
gdy przekracza próg siebie samego
gdy do mnie wyciąga swą rękę

*

*Quanto mais busco o Brasil
tanto mais descubro a Polônia
e também o contrário
Fala a terra e o espírito
que nela habita*

*Cerejas e manga
a bétula e o guatambu
a criança loura e o neto
curumim*

*Sinto-me polonês
de verdade
um brasileiro*

*Quando o ser humano
mostra o seu rosto
quando cruza o limiar de si mesmo
quando me estende sua mão*

E também o poema *Emigrante*:

Pomału

Pola

Lasy

Rzeki

Morze

Wkraczają w arterie

Żyły

Komórki krwionośne

Hybryda wewnątrz

na zewnątrz cudzoziemiec

Tak naprawdę

tylko tamta ziemia wiedziała

do jakiego stopnia do niej należał

*

Lentamente

Campos

Bosques

Rios

O mar

Adentraram artérias

veias

células sanguíneas

Híbrido por dentro

por fora estrangeiro

Somente aquela terra sabia

*de verdade
até que ponto ele lhe pertencia*

E agora a respeito de que é a terra que mais fala ao coração de um Emigrante. Conrado chamou isso de Espírito da Terra. *Miguel Pereira:*

Kiedy czuję się
Trochę smutny
Trochę przygnębiony
Trochę strapiony

Jadę do Miguel Pereira
Do mego kawałka brazylijskiej ziemi

*

*Quando me sinto
meio triste
meio cansado
meio desanimado
vou para Miguel Pereira
meu pedaço de chão brasileiro*

A respeito de como às vezes é difícil transpor a ponte que nos separa de algo. *E também o contrário:*

Nad morzem
łączący Rio de Janeiro z Niterói
długości przeszło 14 kilometrów most

Na Wiśle
łączący Warszawę z Pragę

o mniej niż pół kilometra rozpiętości
inny most

Czasami jest mi trudniej przekroczyć
tamten niż ten

Często jestem tam
podczas gdy tu jestem

I odwrotnie

*

*Por cima do mar
ligando o Rio a Niterói
com mais de 14 km uma ponte*

*Por cima do rio Vístula
ligando Varsóvia a um dos bairros
com menos de meio quilômetro
outra ponte*

*Às vezes fica mais difícil
atravessar essa do que aquela*

*Amiúde estou lá
enquanto estou aqui*

E também o contrário

A respeito de como, ao nos depararmos com a solidão –
na minha opinião o maior inimigo do homem –
descobrimos com espanto que já não estamos sós.

Escrevi o poema *Meu Parnasso* quando tinha 20 anos, na idade de Werther e das suas lutas. Um poema mimeografado em grande solidão, com minhas próprias mãos:

*Wzniosłem się na szczyt mego Parnasu
i wiedziałem, że już nie jestem sam
Gdyż tam, na szczycie, spotkałem samotność*

A versão em língua portuguesa com certeza será escrita pelo Rodrigo, recordando a juventude, já não minha, mas dele...

E, finalmente, a respeito de que alguns lugares neste mundo são para nós o Monte Tabor. *Um instante:*

Jak oddycha polska wieś?
Dowiesz się w Kosowicach

Przez okno pola i wzgórze
przy domu szumiące drzewa

Tam kosiłem trawę
pierwszy raz w życiu!

Stół, a po obu stronach stołu ławki
gospodarz i gospodyni częstują

A ja nie mogę się najeść do syta
tej polskiej wsi

Już nie oczyma ciała
lecz serca i duszy

wchłaniam tę jedną chwilę ciszy
i szczęścia na ziemi

*

*Como respira a aldeia polonesa?
Saberás em Kosowice*

*Pela janela vejo colinas e terra arada
ao lado da casa, o vento agita a árvore*

*Lá ceifei capim
pela primeira vez!*

*Uma mesa e de ambos os lados
bancos de madeira
o camponês e a camponesa
que oferecem quitutes*

Eu não me farto desse campo polonês

*Já não com os olhos do corpo
mas também do coração e da alma
abarco esse instante de silêncio
e de felicidade sobre a terra*

Aldeia polonesa, cidades polonesas, a Polônia, da qual o emigrante teve muitas que afastar-se para sempre. Terra polonesa, angolana, brasileira – e também alemã. Terra de alguns continentes. Terra!

Obrigado! Muito obrigado!

Tomasz ŁYCHOWSKI

Varsóvia, 4 de junho de 2017.

* * *

ALGUMAS PALAVRAS DO AGRACIADO...

A informação que apareceu nos portais da internet no ano passado a respeito da atribuição de um prêmio literário a este emigrante polonês estabelecido há anos nos confins do mundo provocou em mim uma grande surpresa e admiração.

A simpática carta escrita de próprio punho e que bondosamente foi a mim encaminhada pelo Sr. Andrzej Krzeczunowicz, Presidente da União dos Escritores Poloneses no Exterior, intensificou ainda mais o meu espanto e fez surgir a indagação: uma distinção literária para um emigrante polonês ancorado na coletividade polônica brasileira de dois milhões de membros? Onde está Londres e onde está Porto Alegre, situada no Brasil meridional? Essa surpresa e também esse espanto me acompanham também na redação destas poucas frases... Fico imaginando de que forma os Eminentíssimos Jurados, junto com o seu Presidente, encontraram num continente tão distante um compatriota para lhe atribuir essa especial distinção da nossa respeitável União dos Escritores.

Algumas palavras a respeito de mim. Escolhi conscientemente a vida de emigrado, e no distante Brasil, em razão da dinâmica coletividade polônica presente nesse país. Faço parte da congregação religiosa polonesa da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados, fundada em 1932 pelo cardeal Augusto

Hlond, Primaz da Polônia, que tem como objetivo a assistência pastoral aos emigrantes poloneses. Desde 1979 faço parte da comunidade polônica brasileira. Através do meu trabalho pastoral, procuro dar assistência aos nossos polônicos, que já se encontram em sucessivas gerações como descendentes dos imigrantes, para que vivam com a riqueza religiosa polonesa e também para que não se percam espiritualmente neste país, onde nos últimos anos se observa uma grande diversidade religiosa. Sendo há tantos anos um membro da coletividade polônica brasileira, tenho a possibilidade de percebê-la como ela é e, graças a isso, de me edificar com a sua profunda fé e o seu sincero polonismo. A permanência no meio polônico, a participação da sua rica herança cultural me influenciou para descrever tudo aquilo de que sou testemunha até o dia de hoje. Além disso, percebi a necessidade de escrever a história desta parte da Nação Polonesa, que vive no distante hemisfério meridional. Durante esses anos tenho escrito artigos e livros, pronunciado conferências, redigido periódicos em português para que os brasileiros de origem brasileira e também os demais brasileiros possam conhecer a nossa variada contribuição polonesa para o desenvolvimento deste imenso país. Escrevo também em polonês, visto que percebo há muitos anos que a nossa comunidade polônica brasileira é pouco conhecida na Polônia. O que é uma pena.

Expresso os meus mais cordiais agradecimentos por essa especial distinção literária. Estou consciente de que não a mereço, visto que há no mundo tantos literatos poloneses que devem ser percebidos. Tenho consciência de que não escrevemos visando a prêmios,

distinções ou aplausos. Em geral escrevemos por uma necessidade ditada pelo coração. Escrevemos também para que a nossa coletividade polônica seja mais conhecida.

Cordialmente queria pedir desculpas ao Prezado Senhor Presidente, juntamente com a Administração da maravilhosa e benemérita União dos Escritores Poloneses no Exterior, aos Distintos Jurados, a todos os Senhores e Senhoras presentes nessa solenidade da entrega do Prêmio Literário da nossa União pela minha ausência nesse momento tão significativo. Essa ausência física é motivada por muitas razões, que não dependem de mim. Sinto muito não poder estar pessoalmente ao lado dos meus Distintos Amigos agraciados com esse Prêmio: Tomasz Łychowski e Henryk Siewierski. De todo o coração eu os felicito por essa distinção e partilho a sua alegria.

Dedico o Prêmio a mim atribuído à Sociedade de Cristo – a minha congregação religiosa, porquanto graças a ela é que posso realizar-me como um sacerdote polônico. Encaminho essa distinção também à coletividade polônica no Brasil. Essa coletividade é o meu amor, a minha paixão, da mesma forma que a razão da minha atividade literária.

Da distante terra brasileira saúdo mui cordialmente todos os Prezados Senhores e Senhoras – participantes dessa especial solenidade literária na capital da nossa Pátria, Varsóvia – e desejo-Lhes um agradável encontro. Em pensamento, espiritualmente faço-me presente entre os participantes desse histórico evento: a União dos Escritores Poloneses no Exterior entrega o seu Prêmio em Varsóvia, a cidade invencível!

Artigos

Desejo a todos os Senhores e Senhoras que a
bênção de Deus Os acompanhe!

Pe. Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Porto Alegre, 31 de maio de 2017.

**O PRÊMIO “TESTEMUNHA DA HISTÓRIA”
OUTORGADO PELO INSTITUTO DA
MEMÓRIA NACIONAL (IPN) DA REPÚBLICA
DA POLÔNIA AO REITOR DA MISSÃO
CATÓLICA POLONESA NO BRASIL,
PE. DR. ZDZISŁAW MALCZEWSKI, SCHR**

Em 14 de novembro de 2017 Pe. Dr. Zdzisław Malczewski recebeu no Instituto da Memória Nacional em Varsóvia o prêmio “Testemunha da História”, estabelecido pela primeira vez em 2014. O prêmio é outorgado a pessoas especialmente reconhecidas pelo seu engajamento na comemoração da história da nação polonesa fora do país.

O Instituto da Memória Nacional decidiu que o Premiado, pela sua atividade científica, pastoral e editorial, é o melhor candidato este ano para receber este prestigioso troféu.

O Pe. Zdzisław Malczewski é doutor em Humanidades na área da História (UAM) e o Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil. Mas não só. É também correspondente permanente da Rádio Vaticano (desde 1991), capelão da comunidade polonesa no Brasil (desde 1979), atualmente em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, membro do Conselho Polônico Consultivo do Presidente do Senado da República da Polônia. O Pe. Malczewski é pesquisador independente da história da emigração polonesa e da comunidade polonesa no Brasil.

A sua atividade científica abrange extensas monografias sobre a comunidade polônica, assim como a fundação como editor gerente das únicas revistas polônicas no Brasil *Projeções* e *Polonicus*. O Pe. Dr. Malczewski também é um guardião incansável da memória dos poloneses no Brasil e o autor de um dicionário biográfico de poloneses e brasileiros de origem polonesa. Além disso, ao longo de várias décadas de trabalho pastoral no Brasil, ele tem repassado os resultados das suas pesquisas a cientistas de muitas instituições acadêmicas da Polônia, servindo sempre, com coração aberto, com a sua ajuda e o seu profundo conhecimento.

Desde os anos 90, o Pe. Dr. Malczewski é um colaborados regular do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia, participando ativamente em todas as iniciativas de pesquisa polônica (incluindo seminários e conferências) dedicadas à America Latina.

Pelo seu trabalho em favor da Polônia no Brasil, ele foi homenageado com as seguintes decorações: em 1996, a Cruz do Oficial da Ordem do Renascimento da Polônia "pela atitude patriótica, pelo trabalho de moldar a imagem da Polônia no exterior e cultivar as tradições nacionais polonesas"; em 2001, o diploma de reconhecimento "pelo mérito da terra de Nowe Brzesko (Cracóvia) no reconhecimento da pequena pátria"; em 2003, a Medalha de Ouro de Honra do SPK "em reconhecimento dos méritos"; em 2008, a medalha do Universidade de Varsóvia com o texto gravado: "20º aniversário da CESLA. Ao Dr. Zdzislaw Malczewski por

sua inestimável contribuição para o desenvolvimento de estudos latino-americanos na Universidade de Varsóvia"; em 2010, "Prêmio do Conselho Municipal da Cidade de Curitiba João Paulo II"; em 2011, "Medalha de Mérito Fernanda Amaro", pelas realizações notáveis em atividades jornalísticas e literárias; em 2013, Medalha do Primaz da Polônia "por méritos para a Igreja e a Nação"; Prêmio Literário 2016 da União de Escritores Poloneses (baseado em Londres) "por popularizar a cultura polonesa no mundo".

Em nome dos amigos e colaboradores do Pe. Dr. Zdzisław Malczewski, expresso as palavras de profundo reconhecimento pelo seu trabalho, de gratidão pela amizade e calor humano e desejo ainda mais sucessos no trabalho pastoral e científico.

Renata SIUDA-AMBROZIAK

ERRATA do número 14 da revista

Observamos que o último número da revista saiu com uma série de pequenas falhas:

- pág. 6: Aparece “Znaczenie funkcyjne...”, só em polonês. Esse artigo foi tirado, mas ficou esse “vestígio”. Esta frase em polonês não deveria estar lá.
- pág. 32. Não sei por que desapareceu o Hino polonês, tanto em português como em polonês. Pedimos desculpas ao autor do texto e aos leitores.
- pág. 60. O título da seção (em cima da página) deveria ser “Polônia”, não “Artigos”.
- pág. 60, aparece “Resenha” no lugar de “Resumo”. Na verdade está escrito “Resemnhã”. Deveria ser: “Resumo”!
- pág. 90. No artigo do Mariano Kawka, a nota 3 é uma repetição da nota 2. O texto dessa nota é este: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, 1.ed., Rio de Janeiro, 2009.
- pág. 131-141. Em cima dessas páginas o título da seção deve ser: “Artigos”, não “Poemas”.
- pág. 142. O título “Poemas do Padre João Twardowski” aparece repetido. Desculpem!
- pág. 154-157. O título da seção deve ser nestas páginas: “Poemas”, não “Resenhas”, “Crônicas”.
- pág. 158-160. O título da seção devia ser “Resenhas”, não “Crônicas”.
- A seção “Crônicas” deveria começar na pág 161.

Aos estimados leitores, pedimos escusas! Procuraremos, em nosso trabalho, dar um pouco mais da nossa atenção na hora da redação final do periódico.

O redator

